



Isadora Severo Garcia

**O ser e o habitar em um lugar que não existe  
no mapa:  
a invisibilidade fotografada**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia Clínica

Rio de Janeiro, janeiro de 2006



**Isadora Severo Garcia**

**O ser e o habitar em um lugar que não existe no mapa:  
a invisibilidade fotografada**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Junia de Vilhena

Rio de Janeiro  
Janeiro de 2006



**Isadora Severo Garcia**

**O ser e o habitar em um lugar que  
não existe no mapa: a invisibilidade  
fotografada**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>a</sup>. Junia de Vilhena**  
**Orientadora**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Maria Helena R. N. Zamora**  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof. Sergio de Souza Brasil Silva**  
Universidade Castelo Branco - RJ

**Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade**  
Coordenador Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Isadora Severo Garcia**

Graduou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS em 2001. Realizou Treinamento Profissional em Psicologia Clínica no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2002. Psicóloga da equipe da Atenção Primária do NESA até 2004. É assistente de programa do Instituto Promundo, onde coordena projetos sociais na área da infância e adolescência. Participou de diversos congressos na área de psicologia clínica e social.

#### Ficha Catalográfica

Garcia, Isadora Severo

O ser e o habitar em um lugar que não existe no mapa : a invisibilidade fotografada / Isadora Severo Garcia ; orientadora: Junia de Vilhena. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2006.

145 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Invisibilidade. 3. Lugar. 4. Fotografia. I. Vilhena, Junia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Ao meu amor, meu companheiro para  
toda a vida. Foi incansável, neste  
percurso, em cuidar de mim e só me  
fazer o bem: Felipe.

Aos meus pais, por me ensinarem que a  
vida tem muitos caminhos, uns  
melhores outros nem tanto, mas que  
sempre há por onde se caminhar.

## Agradecimentos

Escrever uma dissertação é um percurso que não se faz sozinho. Trilhamos e somente chegamos ao final dele se no caminho percebemos que estamos acompanhados. O meu percurso foi repleto de boas companhias, e desejo aqui, agradecer a cada uma, que de uma maneira ou outra, contribuiu para florir meu caminhar...

À Junia de Vilhena, minha orientadora, pela aposta: o olhar, o gesto carinhoso de um abraço, a insistência de ver esse negativo revelado. Muito obrigada.

Ao Felipe, por todos os dias ao meu lado. Pelo amor, cuidado, paciência e entusiasmo. Por todas as horas que me emprestaste ao mestrado confiando sempre que eu chegaria até aqui.

À minha amiga Vicky, pela amizade, por todo o carinho, toda a atenção, proteção e por todas e tantas horas ao meu lado. Tua presença foi fundamental neste percurso. A vida, às vezes, nos dá uns presentinhos, um deles foste tu.

Ao Nando, Cris e Bela, por dividirem comigo, em muitos momentos, esposa e mãe. Especialmente ao Nando que, além disso, foi cuidadoso e apoiou logisticamente a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, queridos, pelo amor, constância e segurança. E aos meus irmãos, Tiago e Márcio só por serem! Vocês são tudo para mim!!

Aos meus amigos Paola e Fabiano, pelo companheirismo, pelo apoio incondicional e, especialmente, pela casa sempre aberta para mim.

À minha amiga Gab, pela sensibilidade, pela disponibilidade e força.

Aos meus colegas e amigos do Instituto Promundo, pela compreensão, partilha e apoio: Gary, Caius, Gabriela, Tatiana, Marcio, Marcos, Christine, Vanessa, Hugo,

Vânia, Patrícia, Verônica, Anna Luisa, Danielle, Rosa e, especialmente, ao Rafael pela “mission non-impossible”!

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, pelas leituras cuidadosas, pelas valiosas contribuições e, por vezes, deixarem rolar algumas lágrimas... Bia, Aline, Renata, Neilza, Luis Felipe, Lurdes, Rochele, Joana, Sérgio e Karla.

À Helia, pela acolhida e escuta.

À querida Suyanna, pelas trocas intensas em diversos momentos deste percurso e por sugerir o “morar em lugar nenhum”.

Às amigas Carmen e Fernanda, por me acolherem com carinho e sábias palavras quando tanto precisei.

À Nadja, pela disponibilidade, pela leitura cuidadosa, pelos comentários e sugestões dadas aos capítulos desta dissertação.

Ao Roque, Wallace, Diego e todas as crianças e jovens do projeto Participação Sintonizada de Água Mineral, pela compreensão e por compartilharem momentos lindos comigo de trabalho, conquista e esperança de que tudo pode ainda ser melhor.

Às minhas amigas Renata, Mariana, Carolina e Carla, pela experiência de mestrado ou pela maturidade que têm souberam me tranquilizar e, mesmo à distância, se fizeram presentes em tantos momentos importantes.

Ao Edson Sousa, pela generosidade das idéias, indicações e sugestões de leitura.

Ao Professor Carlos Augusto Peixoto Junior, pela disponibilidade.

Aos amigos do CIESPI, pelas alegrias compartilhadas nas andanças por Água Mineral.

À Professora Maria Helena Zamora, uma das responsáveis por hoje eu conhecer  
Água Mineral, pela leitura e pelas contribuições dadas ao meu projeto de  
dissertação.

Ao CNPq pelo apoio concedido.

Aos jovens de Água Mineral, pela utopia de revelar seus avessos!



## Resumo

Garcia, Isadora Severo. **O ser e o habitar em um lugar que não existe no mapa: a invisibilidade fotografada.** Rio de Janeiro, 2006. 145p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação estuda e analisa a invisibilidade pública vivenciada por moradores de uma comunidade urbana denominada Água Mineral, localizada no município de São Gonçalo. Realizou-se uma intervenção utilizando a fotografia como recurso para conhecer o modo como os moradores percebem e vêem o lugar onde vivem. Considerando o lugar como produtor de identidade, esta dissertação questiona como o sujeito se constitui a partir do habitar em um lugar invisível, ou seja, que não existe no mapa da cidade. A partir dos ensinamentos da psicanálise, sociologia e antropologia, a presente dissertação destaca a invisibilidade como uma experiência subjetiva que deixa marcas no sujeito, cujos efeitos são sentidos e vivenciados no seu cotidiano, tais como: sentir-se estrangeiro no próprio lugar, vergonha, indiferença, humilhação e vazio subjetivo. O ato de fotografar é analisado como uma experiência capaz de instaurar a possibilidade de enunciação do sujeito que habita um lugar invisível e busca constituir um espaço possível de existência.

## Palavras-chave

1. Invisibilidade 2. Lugar 3. Fotografia

## Abstract

Garcia, Isadora Severo. **The being and habitate in a place that does not exist on the map: the photographed invisibility**. Rio de Janeiro, 2006. 145p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation is dedicated to the study of the so-called public invisibility experienced by the members of the urban community Água Mineral, located in the district of São Gonçalo. By means of photography, an intervention was performed in order to grasp the way by which those members see and understand the place where they live. Considering place as an identity producer, the question was how does a subject constitute itself based on living in a place that doesn't figure on the city map considered, therefore, invisible. Built on the concepts of psychoanalysis, sociology and anthropology, the present dissertation outlines invisibility as a subjective experience that leaves marks on the subject, of which impacts, such as alienation, shame, indifference, humiliation and subjective emptiness, are felt and experienced on a daily basis. The act of photographing was analyzed as the possibility of unveiling a subject who lives in a place, which, being invisible, struggles to constitute a feasible place of existence.

## Keywords

1. Invisibility 2. Place 3. Photography.

## Sumário

|                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. Introdução                                                                                       | 14 |
| 2. Onde convidamos a visitar os lugares invisíveis                                                  | 18 |
| 2.1. O Beco dos Trilhos e Convington: memória e ficção vêm compor a primeira cena dessa dissertação | 18 |
| 2.2. Água Mineral é um lugar... e vem compor a segunda cena                                         | 20 |
| 2.3. A terceira cena, teórica: o lugar como produtor de identidade                                  | 26 |
| 3. Sobre o morar em lugar nenhum: a invisibilidade em foco                                          | 39 |
| 4. Do lugar nenhum a um lugar possível: a fotografia revelando Água Mineral                         | 56 |
| 4.1. A aproximação com o campo: o “eu” volta à cena                                                 | 57 |
| 4.2. E o tema foi surgindo...                                                                       | 58 |
| 4.3. A fotografia não é somente um registro físico                                                  | 64 |
| 4.4. E a intervenção acontece....                                                                   | 67 |
| Escolhas: imagens e falas tecendo Água Mineral                                                      | 70 |
| Água Mineral é um lugar: quando a invisibilidade se faz visível                                     | 70 |
| Água Mineral para além de não existir no mapa                                                       | 76 |
| Um olhar para Água Mineral: a criança como metáfora                                                 | 80 |
| 5. Conclusão                                                                                        | 91 |
| 6. Referências Bibliográficas                                                                       | 96 |
| ANEXO                                                                                               | 99 |

## Lista de Figuras

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Água Mineral (Douglas)                      | 21 |
| Figura 2 – Mapa São Gonçalo                            | 23 |
| Figura 3 – Distritos de São Gonçalo                    | 24 |
| Figura 4 – Bairros de São Gonçalo                      | 25 |
| Figura 5 – Foto 2 (Ariela)                             | 31 |
| Figura 6 – Os sonhos cortados de uma geração (Ariela)  | 33 |
| Figura 7 – Foto 4 (Ariela)                             | 45 |
| Figura 8 – Olhar com mais carinho (Clara)              | 48 |
| Figura 9 – Foto 6 (Douglas)                            | 48 |
| Figura 10 – Foto 7 (Ariela)                            | 49 |
| Figura 11 – Os sonhos cortados de uma geração (Ariela) | 72 |
| Figura 12 – Olhar com mais carinho (Clara)             | 73 |
| Figura 13 – O descaso (Douglas)                        | 74 |
| Figura 14 – Falta de oportunidade (Roger)              | 74 |
| Figura 15 – A cara do nosso presente (Ariela)          | 75 |
| Figura 16 – Beleza (Douglas)                           | 76 |
| Figura 17 – Cartão Postal 1 (Roger)                    | 77 |
| Figura 18 – Cartão Postal 2 (Roger)                    | 77 |
| Figura 19 – Ligação com a natureza (Clara)             | 78 |
| Figura 20 – Bem equipada (Clara)                       | 78 |
| Figura 21 – Qualificada (Clara)                        | 79 |
| Figura 22 – Preocupada com crianças (Clara)            | 80 |
| Figura 23 – Comunidade feliz e jovem (Clara)           | 81 |
| Figura 24 – Esperança (Roger)                          | 81 |
| Figura 25 – Força (Roger)                              | 82 |
| Figura 26 – Foto 23 (Ariela)                           | 83 |
| Figura 27 – Foto 24 (Ariela)                           | 94 |
| Figura 28 – Foto 25 (Roger)                            | 94 |
| Figura 29 – Foto 26 (Roger)                            | 95 |
| Figura 30 – À espera de um novo momento (Ariela)       | 95 |

*Dos cegos do castelo me despeço e vou  
A pé até encontrar  
Um caminho, o lugar  
Pro que eu sou.  
(Os Cegos do Castelo, Nando Reis)*

## 1.

### Introdução

Tempo... escrever demanda tempo, tempo de espera, tempo de gestação, tempo de reflexão. O tempo faz parte do engendramento das idéias e da descoberta dos sentimentos. Toda revelação advém de um tempo que não sabemos direito qual seja, mas que existe e que marca. Num certo dia, ele explode e se transmuta em letras e preenche páginas em um dizer já antes ouvido, antes sentido, antes pensado.

O tema desta dissertação é a invisibilidade. São discutidos aspectos de uma experiência subjetiva vivenciada por quem habita um lugar que não existe no mapa da cidade, sendo considerado invisível. Este lugar é Água Mineral, uma comunidade localizada no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Portanto, para que essa invisibilidade seja vista, registrada e assim tornada visível; para que esta invisibilidade seja falada e para aqueles que sofrem suas conseqüências consigam se apossar dela e assim, talvez transformá-la, há de se ter tempo, há de se dar tempo.

Nesta dissertação tive de lidar com tempos diferenciados: o tempo de conhecer como se chegava à Água Mineral, o tempo de conhecer a comunidade de Água Mineral, o tempo de lidar com o que pensava que sabia sobre Água Mineral, o tempo de propor aos jovens a atividade de fotografar Água Mineral, o tempo de uma semana para as fotos serem tiradas, o tempo de revelação das fotografias, o tempo das entrevistas e o tempo desta escrita.

Digamos que ao longo desse processo todo, utilizando a metáfora de Almir Sater, fui tocando em frente, esperando esse tempo ser cumprido, vivido e vivenciado. Tive de andar devagar já que antes tinha pressa: pressa de trabalhar, de fazer o serviço e voltar para casa; os moradores igualmente tinham pressa, tinham de sair para trabalhar, voltar, fazer o almoço, as crianças tinham de ir a aula, tinham de subir e descer escadas, os jovens tinham uma longa estrada para andar... Tivemos de desacelerar nosso tempo para podermos perceber Água Mineral como um lugar que existia para além da sua não existência no mapa da cidade, tivemos de perceber o sorriso por detrás das denúncias de descaso, tivemos de perceber que levávamos uma certeza “que muito pouco eu sei, eu nada sei”. Para que eu soubesse de Água Mineral, primeiro tive de tirá-la do anonimato

que ela era para mim mesma; depois tive o desejo de compreender a não existência desse lugar que, na verdade, existia com tanta força. Tive que partilhar com moradores seus olhares, cruzar imagens e sentimentos; tive eu de ser aquela que propunha a eles uma possibilidade de dar visibilidade ao lugar onde eles moravam. Eu, estrangeira, forneci a eles um instrumento: a máquina fotográfica; e uma demanda: me mostrem como vocês vêem seu lugar. Construía, assim, um espaço de troca... porque como diz o poeta, “É preciso o amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir”, ou seja, é preciso não somente um espaço de realização, é também preciso um tempo de reflexão para que haja flores surgindo, e essas flores, esses sorrisos vieram em forma de imagens e depoimentos.

O mesmo poeta marca que no cotidiano há algo que se perde, porém igualmente há algo que ali permanece, e que permanece enquanto possibilidade de mudança, pois o ser humano, dono de sua história, pode mudá-la, quando possível. Diz-nos Almir Sater:

Um dia a gente chega, no outro vai embora  
cada um de nós compõe a sua história  
e cada ser em si carrega o dom de ser feliz

Os sentires, as imagens que são guardadas em todos nós, carregadas dentro de nós, constroem essa nossa história e, com ela, o “dom de ser capaz de ser feliz”. Apostando nesse trilhamento, nessa potencialidade do ser humano, apesar de todas as diferenças e adversidades, esta dissertação, igual aos poetas, apostou em uma intervenção. Apostou que imagens associadas a um tempo de se falar sobre elas poderiam trazer mudanças. Uma imagem que suscitasse espanto, encanto, denúncia, poderia, talvez, ser o cerne de mudanças maiores, que um dia podem vir a acontecer, já que levamos “esse sorriso porque já choramos demais”. Ao darmos aos jovens de Água Mineral a oportunidade de falar de sua comunidade, de retratá-la, apostamos que não haveria somente “choro demais”, mas que haveria “flores”, que haveria esperança de poder ser ouvido, visto e sentido.

Assim, esta dissertação construiu um percurso. O primeiro capítulo fala da importância dos lugares para a constituição do sujeito. Este tema abre a dissertação porque, se quero pensar o lugar como algo que constitui o sujeito,

posto que é identitário, histórico e relacional, ou seja, é nele que se cria um espaço de referência, então é preciso pensar qual espaço este sujeito tem ao habitar um lugar que não existe no mapa geográfico da cidade. O tema deste capítulo é discutido a partir dos ensinamentos e reflexões dos seguintes autores: Vilhena, J., Sousa, E., Auge, M. Santos, M. e Spink, P. Para isso, é feito um convite de visitarmos alguns lugares invisíveis, antes de irmos diretamente ao nosso lugar de estudo, denominado Água Mineral. Num primeiro momento, construí cenas advindas da memória. Falei do Beco dos Trilhos, uma comunidade situada em Cachoeira do Sul, cidade onde eu vivi por quinze anos. Este lugar não era visível para os habitantes da cidade, posto que ali estava tudo aquilo que não se queria ver. Depois caminhei até Convington, o lugarejo invisível do filme *A Vila*, para ilustrar o tema que começa a ser apresentado. Em seguida é apresentada Água Mineral, comunidade localizada no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, onde foi realizada a intervenção descrita nesta dissertação.

O segundo capítulo trata do tema central deste trabalho, a invisibilidade. Descreve e reflete sobre o que significa e quais as consequências de se morar em um lugar percebido e referenciado como sendo um lugar nenhum, a partir das contribuições dos seguintes autores: Soares, L.E., Costa, F. e Valadares, J.. Trago, neste momento, algumas falas e fotografias advindas da intervenção feita na comunidade, apresentada e analisada no último capítulo desta dissertação.

No terceiro e último capítulo, “Do lugar nenhum a um lugar possível: a fotografia revelando Água Mineral”, descrevo a experiência feita nesta comunidade com o uso da fotografia como instrumento para conhecer de que forma os moradores a percebem e a vêem. Descrevo como cheguei em Água Mineral, quais questões me suscitaram este lugar e como foi delineada a intervenção. Esta foi baseada no método autofotográfico, descrito por Neiva-Silva, L. e Koller, S. (2000). Foi entregue uma máquina fotográfica descartável, contendo 24 poses, para quatro jovens moradores de Água Mineral. A eles foi feita a seguinte pergunta, pedindo que tentassem respondê-la através dos seus registros fotográficos: “como você vê o lugar onde mora?”. Após a revelação dos filmes, foi realizada uma entrevista individual com cada um dos participantes, onde o objetivo era aprofundar as suas percepções a respeito das fotografias. Também foi pedido a eles que escolhessem as imagens percebidas como as mais



importantes e as nomeassem. A partir deste material, destacamos três aspectos que compõem os registros e o discurso dos jovens: a invisibilidade do lugar e suas consequências para seus habitantes; a busca por encontrar nele algo que os façam se sentir pertencendo, tendo um lugar de referência; e a fotografia como um recurso possível para desvelar a invisibilidade e revelar a Água Mineral que está em seus habitantes, assim como os habitantes de Água Mineral.

Iniciemos, então, este percurso que começou há muito tempo atrás, em algum lugar do passado, Cachoeira do Sul, Bairro Soares, Beco dos Trilhos e veio encontrar uma paragem neste lugar que é Água Mineral. Conheçamos este lugar e sua gente.

## **2. Onde convidamos a visitar os lugares invisíveis**

### **2.1. O Beco dos Trilhos e Convington: memória e ficção vêm compor a primeira cena dessa dissertação**

Façamos uma visita à Cachoeira do Sul, cidade do interior do Rio Grande do Sul... Chegamos no Bairro Soares, onde morei até os 15 anos de idade. Em frente à minha casa tinha o Beco dos Trilhos. Este era o nome do lugar, Beco dos Trilhos. A vista da sacada do quarto dos meus irmãos ficava “prejudicada”. Para ver a cidade, precisávamos antes constatar a presença do Beco dos Trilhos. Lugar sinistro. Quem morava no Beco dos Trilhos boa pessoa não era. Pelo menos era assim que pensavam as pessoas que moravam ali por perto. O Beco dos Trilhos era um atalho. Ir para o Colégio pelo Beco dos Trilhos era mais rápido. Perdi a conta das vezes que passei pelo Beco dos Trilhos. Meu olhar era sempre atento.

Pensando em Água Mineral, lembrei-me do Beco dos Trilhos. Lugar de passagem. Ninguém ia para o Beco dos Trilhos. Ali não era lugar para se ficar, para se visitar ou passear. Por ali, apenas passávamos. O que será que pensavam aquelas pessoas que ficavam a contemplar os estudantes eufóricos de volta para casa, depois da escola, com mochilas nas costas e pastas nas mãos? O que nós pensávamos sobre aquelas pessoas? Nós os víamos? Aquelas pessoas existiam para nós? Quantas vezes teríamos passado por ali, sem ao menos cumprimentar aquela mulher, ou homem, ou criança que moravam ali, no Beco dos Trilhos?

Meus amigos pobres moravam na minha rua. Brincávamos no campo de futebol da esquina, pegávamos pitanga no terreno ao lado de casa e brincávamos com a água da sanga, ali, bem pertinho do Beco dos Trilhos. Eu também tinha amigos que moravam no Beco dos Trilhos. Mas, naquela época, eu jamais pensaria na invisibilidade daquelas pessoas. Eles não eram invisíveis para mim. Eles existiam e faziam parte do meu cotidiano. Mas o Beco dos Trilhos era um lugar da cidade para o qual os seus olhos não estavam voltados. Ou melhor, os olhos da atenção carinhosa, do respeito, do reconhecimento. Eu sabia disso, embora não pudesse nomear. O Beco dos Trilhos não era um lugar a que se desse valor. E as pessoas que moravam lá passavam despercebidas no andar dos

estudantes, na janela dos carros sempre fechadas para não receberem a poeira que vinha de lá...

Água Mineral é como o Beco dos Trilhos. E o Beco dos Trilhos, em minha vida é memória, lembrança. Como em um filme rebobinado, eu revejo tudo isso enquanto escrevo minha dissertação...

\*\*\*\*

Façamos, agora, uma visita ao primoroso filme de M. Night Shyamalan: *A Vila*. Filme em que o diretor problematiza a construção da realidade como um sistema de olhares, e que os críticos<sup>1</sup> classificaram como um tratado sobre a visibilidade.

Em *A Vila* somos transportados para o século XIX. Chegamos a Covington, um lugarejo que aparentemente está situado no ano de 1897. Shyamalan nos apresenta, logo na primeira cena, uma situação que se impõe para os habitantes daquele lugar: durante o enterro de uma criança, em num discurso em *off*, o Prof. Walker (Willian Hurt) questiona a vida na vila (e no mundo de uma forma geral). Existe não só uma relação com o espaço e com o tempo, mas também uma relação entre os sujeitos (que olham e que são olhados) que o filme buscará problematizar de modo denso e criativo.

Em Covington, os fatos começaram a se impor e fizeram com que seus habitantes comesçassem a questionar a própria vida naquele lugar. Ninguém podia sair da cidade. Havia, ao redor, uma floresta habitada por estranhas criaturas que aterrorizavam os frágeis e indefesos moradores dali. Eles as chamavam de “Aqueles de Quem Não Falamos”. Foi por um amor, entre o jovem Lucius e Ivy Walker, uma jovem cega, que as verdades foram sendo desveladas.... Foi dado à jovem cega, e somente a ela, o direito de conhecer a verdade sobre as criaturas da floresta. Elas não existiam. Eram criação dos próprios anciãos da cidade que desejavam protegê-la daquilo que consideravam perigoso: o mal da cidade grande. O interessante no filme é que somente quando ela consegue atravessar a floresta e pular o muro que dividia Covington (do séc. XIX) da Cidade atual é que o telespectador pode compreender que a cidade-lugarejo não existe para aquela Cidade grande. Ela é invisível, está escondida. Há como que uma passagem de tempo e de espaço, em que passamos a compreender que compartilhamos a

---

<sup>1</sup> <http://www.contracampo.he.com.br>

invisibilidades dos habitantes da cidadezinha que deseja se manter assim, invisível. A Covington de *A Vila* existe somente para aqueles que habitam nela. E só lá é que eles se fazem existir.

O filme *A Vila* é um tratado sobre a visibilidade, disseram os críticos. Falar de Água Mineral também. A questão que permeia a experiência dos moradores de Covington e Água Mineral é o fato de habitarem em um lugar que só existe para eles próprios. Só quem vive em Covington sabe que essa cidade existe. Em Água Mineral a sensação é a mesma:

As pessoas não conhecem Água Mineral. *Só quem mora aqui mesmo ou quem nos conhece e sabe que moramos aqui*, afirma uma menina, moradora da comunidade. (grifo nosso)

## 2.2 Água Mineral é um lugar... e vem compor a segunda cena

### **Enquadre 1:** *A chegada*

Alameda. Pista que liga São Gonçalo à Região dos Lagos. Parada no *Makro*. Nenhuma passarela. Carros em alta velocidade. Travessia perigosa. Do outro lado: Água Mineral. Nenhuma placa ou indicação. Um posto de gasolina, algumas *Kombs* e uma longa rua pela frente.

### **Enquadre 2:** *Passagem*

Rua Salvatori. Pista larga e asfaltada. Os buracos se confundem com os quebra molas: são todos artifícios para diminuir a velocidade dos carros que por ali transitam. Muitos caminhões e barulho na rua principal. É caminho de passagem. Ligação entre os Bairros que cercam Água Mineral: Rocha e Colubandê. Muita poeira. Um senhor na porta de casa, olhando tudo passar... e ele fica ali... a contemplar (?).

### **Enquadre 3:** *Cartão Postal*

Um vale. Uma encosta de morros altos. Muito verde. Onde cabem muitas ruas. Uma principal e muitas outras, menores, compondo uma paisagem bonita. As casas e os animais misturam-se ao verde, figurando uma cena bucólica... em pleno centro urbano.

#### **Enquadre 4: Instituições**

Os donos dos estabelecimentos sempre à porta. No caminho, mecânica, igreja, fruteira, dois ou três mercadinhos, igreja, CIEP, igreja, casas, Associação de Moradores, Biblioteca Comunitária, Rádio Comunitária.



Figura 1 - Água Mineral.

O lugar aqui “fotofalado” chama-se Água Mineral. É uma comunidade localizada no município de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Distante vinte e três quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, Água Mineral não é um bairro formal, mas uma comunidade formada pela intersecção de partes dos bairros do Rocha, Colubandê e Galo Branco, todos do 1º distrito do município de São Gonçalo.

A região é um vale cujas encostas são áreas de proteção florestal, abrigando um horto da prefeitura. A comunidade cresceu em torno da Rua Salvatori, que vai do mercado atacadista da região até o centro do município. Nela, moram, aproximadamente, 4.000 pessoas, entre elas 1.200 são crianças e jovens de 0 a 18 anos (dados da Associação de Moradores local), uma população predominantemente de baixa renda, com renda *per capita* variando entre 1,98 e 2,97 salários mínimos e taxa de alfabetização de cerca de 88%. Em sua maioria, são imigrantes ou descendentes de imigrantes nordestinos ou mineiros. Mais recentemente, Água Mineral tem sido muito procurada por aqueles que, fugindo da agitação e da insegurança atribuídas às favelas cariocas e aos grandes centros

urbanos – Rio de Janeiro, São Gonçalo, Niterói - vão em busca de um lugar tranquilo e seguro.

Em Água Mineral não vemos a presença dominante do tráfico de drogas, como é possível observar em outras localidades próximas dali. Alguns moradores – em conversas informais – atribuem a ausência do tráfico na comunidade ao seu aspecto geográfico: “bandido aqui não tem onde se esconder” (sic). Água Mineral, caracteristicamente, não é um morro e é atravessada por uma via principal bastante movimentada, onde facilmente transitam carros de polícia. Outro fator destacado pelos moradores é justamente a forte presença de policiais na comunidade: “em cada rua mora um policial” (sic). No entanto, fatos violentos acontecem e atordoam a comunidade. Para lá são levados corpos de pessoas que foram assassinadas em outros lugares, ou seja, Água Mineral é considerado um lugar de “desova de corpos” (sic). Em relação a estes fatos, há um discurso entre aqueles com quem tive oportunidade de conversar, de que a violência ocorrida em Água Mineral “vem de fora, não está aqui” (sic) e a crença de que estas mortes “sujaram o nome de Água Mineral”(sic).

Quanto a sua história, em conversas informais com moradores mais antigos da comunidade, é possível conhecer fatos interessantes e, inclusive, compreender a razão do seu nome. Entre as décadas de 50 e 60, existiam fontes de água mineral no território hoje conhecido como Água Mineral. Uma dessas fontes era explorada para fins comerciais. A Fábrica de Água Mineral – como ficou conhecida -, engarrafava e distribuía para todo o estado do Rio de Janeiro a água denominada Água Mineral São Gonçalo. Esta época representou o apogeu de Água Mineral, pois segundo os moradores, era um lugar movimentado e conhecido, já que era ali onde se industrializava “uma das melhores águas do Estado” (sic). No entanto, esta fábrica foi à falência. Contam os moradores que houve um boicote provocado pelos próprios funcionários – quebraram a pinça, peça fundamental para o processo de exploração da água da fonte e que nunca mais foi consertada - que reivindicavam melhores salários. Outros preferem creditar a falência à incompetência administrativa de seus donos. De um modo ou de outro, o que se destaca é o significado desta falência para a comunidade: foi algo que a fez parar no tempo.

A maioria das ruas secundárias é de chão batido, sem obras de saneamento básico. Conseqüentemente, seus moradores ainda têm que conviver com valas de

escoamento de esgoto a céu aberto. Em Água Mineral é evidente a falta de infraestrutura e equipamentos urbanos, destacando-se o baixo índice de oferta de serviços sociais e culturais. O transporte público é deficitário e não há creches em toda a comunidade. O que mais se destaca na comunidade como aparelho social é a quantidade de igrejas, especialmente as evangélicas.

Um detalhe (será?): Água Mineral não existe no mapa geográfico da cidade de São Gonçalo. Não há um registro oficial deste lugar. Visitando o site oficial da prefeitura de São Gonçalo, pudemos constatar essa não existência. Fazemos questão de mostrar que este lugar, que existe para quem lá habita, não tem registro para a cidade em que está situado...

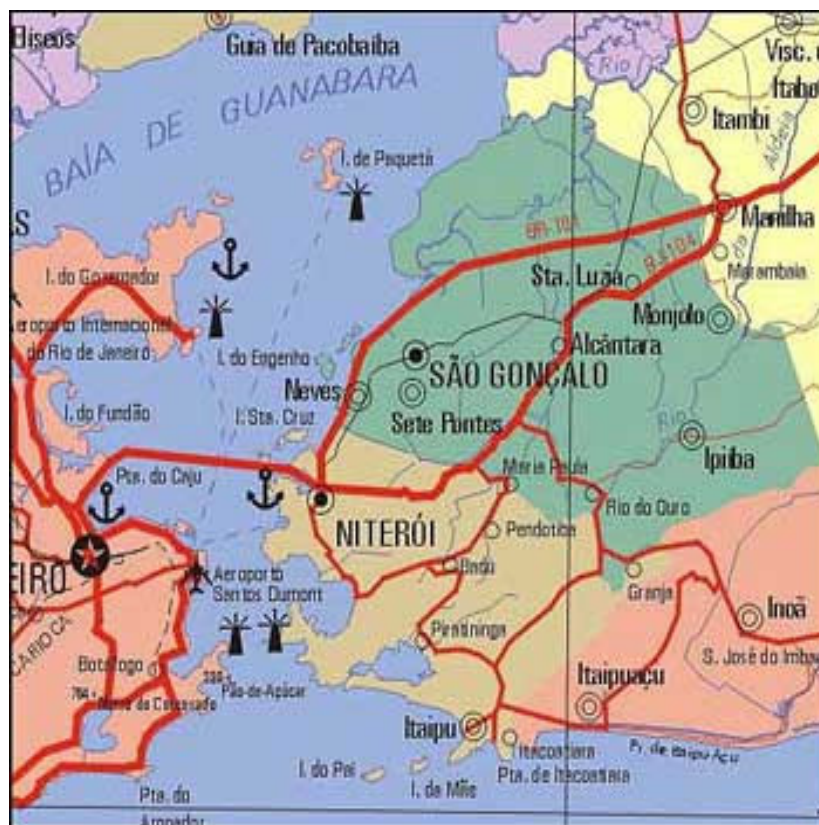


Figura 2 – Mapa de São Gonçalo



Figura 3 – Distritos de São Gonçalo

| 1º Distrito<br>(30 bairros)<br>(6800 ha)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | 2º Distrito<br>(20 bairros)<br>(7200 ha)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Palmeira<br>2. Itaoca<br>3. Fazenda dos Mineiros<br>4. Porto do Rosa<br>5. Boaçu<br>21. Zé Garoto<br>22. Brasilândia<br>23. Rosane<br>24. Vila Lara<br>25. Centro (Rodo de S.G.)<br>26. Rocha<br>27. Lindo Parque<br>36. Tribobó<br>37. Colubandê<br>38. Mutondo<br>39. Galo Branco<br>40. Estrela do Norte<br>41. São Miguel<br>42. Mutuá<br>43. Mutuaguaçu<br>44. Mutuapira<br>45. Cruzeiro do Sul<br>46. Antonina<br>47. Nova Cidade<br>48. Trindade<br>49. Luiz Caçador<br>50. Recanto das Acácias<br>51. Itaúna<br>52. Salgueiro<br>54. Alcântara | 55. Almerinda<br>56. Jardim Nova República<br>57. Arsenal<br>58. Maria Paula<br>59. Arrastão<br>60. Anaia Pequeno<br>61. Joquei<br>62. Coelho<br>72. Amendoeira<br>74. Jardim Amendoeira<br>75. Vila Candoza<br>76. Anaia Grande<br>77. Ipiíba<br>78. Engenho do Roçado<br>79. Rio do Ouro<br>80. Várzea das Moças<br>81. Santa Isabel<br>82. Eliane<br>83. Ieda<br>84. Sacramento |

**Água Mineral deveria estar no 1º Distrito, mas não existe nem no mapa nem nesta listagem.**



| <b>3º Distrito<br/>(17 bairros)<br/>(5100 ha)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                     | <b>4º Distrito<br/>(13 bairros)<br/>(1200 ha)</b>                                                                                                                                                                        | <b>5º Distrito<br/>(10 bairros)<br/>(2400 ha)</b>                                                                                                                                             |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 53. Jardim Catarina<br>63. Raul Veiga<br>64. Vila Três<br>65. Laranjal<br>66. Santa Luzia<br>67. Bom Retiro<br>68. Gebara<br>69. Vista Alegre<br>70. Lagoinha<br>71. Miriambi<br>73. Tiradentes<br>85. Pacheco<br>86. Barracão<br>87. Guarani<br>88. Monjolo<br>89. Marambaia<br>90. Largo da Idéia<br>91. Guaxindiba | 6. Boa Vista<br>7. Porto da Preda<br>8. Porto Novo<br>9. Gradim<br>10. Porto Velho<br>11. Neves<br>14. Vila Lage<br>15. Porto da Madama<br>16. Paraíso<br>17. Patronato<br>18. Mangueira<br>19. Parada 40<br>20. Camarão | 12. Venda da Cruz<br>13. Convanca<br>28. Santa Catarina<br>29. Barro Vermelho<br>30. Pita<br>31. Zumbi<br>32. Tenente Jardim<br>33. Morro do Castro<br>34. Engenho Pequeno<br>35. Novo México |
| Além destes 91 (noventa e um bairros) bairros oficiais, existem ainda mais 18 bairros reconhecidos pela população.                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                               |

Figura 4 – Bairros de São Gonçalo

\*\*\*

Na primeira vez em que fui à Água Mineral, nunca tinha atravessado a ponte Rio-Niterói. Morava no Rio de Janeiro há pouco mais de um ano e tinha aprendido a me deslocar na cidade com a ajuda de um mapa. Mas Água Mineral não existia no mapa. Era preciso criar outras referências para se chegar lá. Era preciso imaginar um lugar.

Saía do centro do Rio de ônibus até o centro rodoviário de Niterói, onde pegava outro ônibus que atravessava toda a cidade de São Gonçalo (pelo menos era essa a sensação) até chegar em um lugar onde parecia que a cidade não havia chegado lá! Nesta viagem eu “ganhava” duas horas do dia! Era tempo suficiente para criar e recriar a Água Mineral que eu quisesse.

Nesta visita inicial, eu cheguei em Água Mineral por um trajeto que passa por dentro da cidade de São Gonçalo, atravessando o centro, vindo do bairro Rocha. Desta forma, chega-se pela “parte de cima” da comunidade. Cheguei a este lugar, e logo me remeteu a algo já conhecido: as vilas de Porto Alegre.

Diferente das favelas que ocupam os morros e transformam a paisagem do Rio de Janeiro, Água Mineral é uma comunidade situada em terra plana,

localizada em um vale com muitos morros, verde e gente pobre. Em alguma medida era como voltar no tempo e no espaço de algo já vivido.

Levei alguns meses para descobrir que a viagem até Água Mineral poderia ser mais curta!

Não escolhemos um tema para estudo sem termos tido um percurso por ele de alguma forma. Utilizando o recurso poético do eu lírico, até este momento, fiz emergir o “eu”, já que em todos nós habita algo da invisibilidade. Esta experiência que chamamos à cena e o percurso que fiz até aqui a partir de um lugar, de um trabalho, de uma estrada, de uma vida me levaram a escolher este tema. Agora o “nós” passa a ser utilizado como referência de autoria desta dissertação.

### 2.3 A terceira cena, teórica: o lugar como produtor de identidade

*Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...  
(É nem que fosse o meu corpo!)*  
Mario Quintana, 1976.

Você já deve ter respondido muitas vezes à pergunta “Onde você mora?”. E sua resposta remeteu-lhe a algum lugar. Rio de Janeiro, São Paulo, Cachoeira do Sul, Zona Sul, Zona Oeste, Ipanema, Penha, Niterói, Bangu, Parada de Lucas, Porto Alegre ou Água Mineral. Com apenas um nome, dizer deste lugar é como se estivéssemos falando de nós. Falar de nós a partir de um lugar é algo que acontece desde sempre. A poesia usa esse artifício para dizer do humano que se situa e se constitui como homem exatamente por pertencer a um lugar singular. Como nos recorda Quintana (1976), epígrafe deste item, ao olharmos o mapa de uma cidade é como se examinássemos a anatomia de um corpo, nem que fosse o nosso próprio corpo... Igualmente João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina* faz do lugar o registro do humano ou faz o humano emergir do lugar ao qual pertence.

Em seu belíssimo livro *A Estória do Severino e a História da Severina*, Antonio da Costa Ciampa (1996) conta a trajetória de Severina, uma personagem saída do drama da vida real, para ilustrar o tema que pretende discutir: identidade.

o que fui, o que eu era... Vamos começar assim, numa comparação, da minha criação: dizer como fui criada, no interior, no norte, numa cidade muito pobre; um lugar onde não tinha nada (...) (p. 41)

Severina, neste trecho, para falar de si, enuncia o lugar de onde vem. O lugar onde nascemos, crescemos, moramos, como mostra Severina nesta passagem, ajuda a compor aquilo que somos. E é também, a partir deste lugar, que nos reconhecemos e somos reconhecidos, que nos identificamos e somos identificados.

Outra personagem escolhida por Ciampa, Severino, é ficcional, subtraído de *Morte e Vida Severina*, poema radical de João Cabral de Melo Neto (1965).

O meu nome é Severino  
não tenho outro de pia. (p.19)

A partir deste trecho de *Morte e Vida Severina*, o autor dá início a um diálogo com o leitor sobre a forma como Severino vai descrevendo a si mesmo, buscando referências que o façam sentir-se alguém, que possa ser identificado. Busca diferenças, mas só encontra semelhanças. Então Severino, depois de apresentar-se com seu nome, com o da mãe Maria, que eram tantas, do pai finado Zacarias, que eram muitos na freguesia, busca um lugar.

Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejam: é o Severino  
da Maria do Zacarias,  
lá da serra da Costela,  
limites da Paraíba” (p.20)

Severino encontra, no lugar onde vive, de onde vem, uma forma de fazer com que as pessoas o reconheçam de alguma maneira. Mas em seguida constata:

Mas isso ainda diz pouco.  
Se ao menos mais cinco havia  
com nome de Severino,  
filhos de tantas Marias,  
mulheres de outros tantos  
já finados Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que vivia”. (p. 21)

O lugar onde ele mora não diz tudo. Não o diferencia. Ao contrário, torna-o mais um entre tantos Severinos: iguais em tudo na vida. Então perguntamo-nos, o que tem o lugar a ver com a constituição de si mesmo? O que entendemos por lugar? E como o sujeito vê a si mesmo neste ou a partir deste lugar?

Tomando como eixo a pensamento de Spink (2000) e do Grupo de Trabalho da ANPEPP *Cotidiano e Práticas Sociais* a respeito do compromisso da psicologia com a historicidade do sujeito e dos processos do cotidiano, vamos recorrer ao conceito de *lugar* proposto por eles para discutir a relação do espaço com a subjetividade. Apoiaremos-nos, também, nas reflexões de alguns autores como Junia de Vilhena, Marc Auge, Milton Santos e Edson Sousa que contribuem, cada um ao seu modo, com o tema deste capítulo.

No texto “Um lugar para o lugar na psicologia”, do Grupo de Trabalho Cotidiano e Práticas Sociais da ANPEPP, Spink (2000) inicia uma reflexão sobre a posição do profissional da psicologia diante da questão da redução da pobreza. Lembra que

há interpretações, ainda presentes no imaginário social, calcadas exclusivamente sob a ótica monetária e centrada no indivíduo ou que abordam o problema exclusivamente do ponto de vista da política macro econômica. É preciso considerar a provisão e o acesso aos serviços e bens necessários para uma vida mais digna, menos desigual e com pleno exercício da sua cidadania. (p.2)

A implicação do profissional ou pesquisador em psicologia com a questão da pobreza não pode se reduzir a práticas e especulações de ordem econômica, compensatórias ou assistencialistas. Como se “barriga cheia e panela vazia” resolvessem a complexa dinâmica da vida das populações empobrecidas da nossa sociedade. A função do psicólogo é outra. É justamente na contra-mão daquilo que reduz a pobreza e o pobre a uma lógica da necessidade. Quanto a isso, lembramo-nos de Vilhena (2002) quando afirma que o sujeito morador de comunidades populares, das favelas cariocas, por exemplo, normalmente são vistos apenas sob a ótica da necessidade:

No plano psíquico, freqüentemente, a dureza das condições de vida de determinada população é vista apenas pela vertente da patologia social, excluindo de seus universos o conflito psíquico e a singularidade que é marca de todo ser humano. Atribui-se ao pobre apenas necessidades, negando-lhes a condição de

sujeitos desejantes. Reduz-se, desta forma, o sujeito único e singular a um número na série dos “excluídos”.(p. 49)

É preciso abrir frentes de escuta para o desejo. Como já cantava Arnaldo Antunes (1987):

A gente não quer só comida,  
A gente quer comida, diversão e arte  
A gente não quer só comida,  
A gente quer saída para qualquer parte.  
A gente não quer só comida,  
A gente quer bebida, diversão, balé.  
A gente não quer só comida,  
A gente quer a vida como a vida quer.  
(...)  
A gente não quer só comer,  
A gente quer comer e quer fazer amor.  
A gente não quer só comer,  
A gente quer prazer pra aliviar a dor.  
A gente não quer só dinheiro,  
A gente quer dinheiro e felicidade.  
A gente não quer só dinheiro,  
A gente quer inteiro e não pela metade.

A poesia de Arnaldo Antunes ajuda-nos a compreender que somos mais do que indivíduos com necessidades; somos sujeitos de desejo. E se somos sujeitos de desejo, produzimos sentidos e atribuímos significados àquilo que nos compete, como o lugar onde vivemos. *Então, o que é o lugar?*

No encontro do Grupo de Trabalho, em que se discutia a possibilidade de se encontrar um lugar para o *lugar* na psicologia, partindo de uma reflexão sobre as demandas da atualidade quanto à redução da pobreza, os profissionais presentes esboçaram um conceito para o *lugar*. Lugar foi considerado, pelos participantes do encontro, uma referência a um horizonte de ações e ligações, de produção de sentido e de lutas: o “*lugar da gente*”. Essa definição não fica somente restrita ao meio acadêmico, podemos percebê-la na voz de uma moradora<sup>2</sup> da comunidade de Água Mineral, quando, ao definir onde ela reside e vive, nos diz:

Água Mineral não é só um pedaço de terra entre Colubandê e Rocha, Água Mineral é o nosso lugar, é a nossa casa, nossa casa que a gente tem que cuidar, tem que correr atrás, a gente tem que buscar desenvolvimento pra cá. (Ariela)<sup>2 3</sup>

<sup>2</sup> A fala da moradora aqui citada compõe parte da entrevista realizada com a mesma para esta dissertação.

<sup>3</sup> Foi-me solicitado por uma das jovens que participou desta pesquisa-intervenção que não utilizasse o seu nome verdadeiro, e eu optei por fazer o mesmo com os outros três, pois para mim o importante é que eles se reconheçam em suas falas e imagens e que suas histórias ganhem aqui espaço, corpo e visibilidade. De qualquer modo, considerei a importância de apresentá-los com (outros) nomes próprios.

Lugar e local compartilham a mesma raiz do latim – *locus*-, mas têm conotações diferentes. A transformação do vocábulo que resultou em *lugar* ganhou características de espaço ocupado, de sítio, de uso para um fim determinado e de lugarejo. Frequentemente fala-se do “local” como o “lugar onde moramos”, entretanto como Kevin Lynch (1960, apud Spink, 2000) mostrou, no seu estudo pioneiro sobre a subjetividade urbana, há muitos “lugares” no “local”.

Esta afirmação fez-nos recordar de Sérgio Destéfani Urquiza, psiquiatra do Centro de Convivência, um dispositivo da Secretaria de Saúde de São Paulo, que desenvolve seu trabalho com usuários do serviço de saúde mental e agentes comunitários de saúde, através de oficinas de vídeo. Na perspectiva do território, espaço de produção de diferença e diálogo, ele compreende a loucura ou o ser agente comunitário como lugares ocupados ou lugares dados, em que se constrói um existir cultural, um modo de habitar e de se sentir habitando o mundo. Portanto, o que ele propõe é que estes sujeitos possam se ver, também, a partir de outros lugares, experienciados através do vídeo. Por exemplo, o louco, na nossa sociedade, é visto através de uma série de premissas e preconceitos que colocam a pessoa com sofrimento psíquico no lugar de alguém incapaz, instável, em quem não se pode confiar, reduzido a um processo de desorganização e que precisa de tratamento. No entanto, o que este psiquiatra possibilita é que o louco não seja visto ou não se veja apenas a partir deste lugar, mas cria espaços para vivenciar a própria diferença e, conseqüentemente, faz com que a sociedade a perceba: quando faz vídeo, o louco é produtor, redator, editor, ator; é um cidadão que produz cultura!

Em que o louco poderia se relacionar, metaforicamente, com os moradores de Água Mineral? Ambos não são vistos, não existem, mesmo que existam; são marcados pelo diferente, pela nulidade, pela não presença no espaço público ou pela presença que incomoda. Eles marcam somente um espaço. O louco marcaria o lugar do insano e assim todos os demais lugares que ele poderia ocupar some, se esvai. O mesmo acontece com uma comunidade, ou seja, se ela ocupa no imaginário social um determinado lugar assim será identificada e igualmente assim serão reconhecidos seus moradores, não é dado a esses moradores uma outra opção de reconhecimento. Mas quantos lugares podem caber dentro de Água Mineral? Quantos lugares podem ocupar os moradores de Água Mineral?

Uma moradora traz como imagem desta comunidade uma bolsa e uma bolsa fechada, em cima de uma cadeira. Essa bolsa fechada marca imageticamente o que queremos aqui marcar: um lugar como uma única opção de olhar, quando uma multiplicidade de olhares deveria ser possível de existir! Diz-nos essa moradora:



Figura 5

*Essa (fotografia) da bolsa, por que eu vejo a minha comunidade como uma bolsa? Por que existe algo dentro desta bolsa, mas para que se conheça o que está dentro desta bolsa precisa alguém abrir esta bolsa, pra encontrar o que tem aí dentro também. Então eu acho que Água Mineral é assim também, existem muitos valores, existem muitas coisas boas dentro de Água Mineral, mas a gente só vai descobrir se alguém tentar abrir essa bolsa, se alguém tentar descobrir essas coisa. (Ariela) (grifo nosso)*

Outro autor que reflete sobre o *lugar* em sua obra, Marc Auge (1994), no livro “*Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*”, apresenta-nos uma conceituação sobre o lugar antropológico, destacando-o como uma construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta,

somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. Desta forma, o lugar antropológico, “*é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa*” (p 52). Este autor igualmente considera os lugares fundamentais porque são identitários, relacionais e históricos. Os sujeitos ligam-se aos lugares e os reconhecem no curso de sua vida. Há o lugar onde se nasceu, aquele de onde se vem, onde se trabalha, *o lugar onde se mora*. Isto significa que o espaço pode ser simbolizado, ou seja, ganhar um lugar representacional no imaginário do sujeito. (Santos e Vilhena, 2000)

Nesta relação do sujeito com o seu lugar é que ele irá buscar compreender o seu viver. Valadares (2000) aponta para o fato de os sujeitos sempre procurarem um esclarecimento para o gesto do seu viver. Para isso buscam uma história, suas narrativas. Na nossa leitura, isto se faz possível dentro de um campo de ação, que é o lugar, a morada do sujeito. Na fala de uma moradora de Água Mineral podemos perceber este movimento de resgate da história local, caminho que a leva a compreender ou, pelo menos, refletir sobre o viver naquele lugar:

Quando eu olhei para essa árvore, eu pensei o seguinte. *Água Mineral, ela tem uma história*, minha vó sempre conta, até outras pessoas contam, que através dessa Estância, Água Mineral era muito movimentada, tinha um movimento, um fluxo de pessoas muito grande. Se isso continuasse, Água Mineral poderia ter, hoje poderia, de repente eles poderiam ter tratado da água da lagoa, poderia ter até um ponto turístico aqui dentro e não teve, por quê? Porque alguém que comprou aquele lugar não soube gerenciar e deixou acabar, deixou morrer. E eu sinto não só por ele, por esse monopólio, mas por muitas outras coisas, *Água Mineral foi cortada, aquilo que ela tinha, que tava florescendo, foi cortado. E o ramo que ta nascendo, ele tem nascido cheio de espinhos*. (Ariela) (grifo nosso)





Figura 6 – Os sonhos cortados de uma geração

Neste sentido, apoiamo-nos em Santos e Vilhena (2000), quando afirmam a noção de que é também no lugar, enquanto uma construção social, que os sujeitos produzem sua subjetividade. É a partir dele que é possível pensar o viver, o trabalhar, formar os laços sociais e identificar-se com os semelhantes. É a partir de um lugar – inicialmente representado pelo círculo materno infantil – que falamos e somos ouvidos, que respeitamos e somos respeitados, que nos sentimos incluídos ou à margem. As condições de pertencimento dos sujeitos aos grupos sociais estão inscritas dentro e fora dele.

Conforme Vilhena (2004), buscamos ressaltar a importância do espaço físico, frequentemente ignorado pelas teorias psicológicas, colocando em relevo a dimensão simbólica do território na estruturação psíquica. Segundo esta autora, “cada espaço é global e particular; expressando o mundo e condições próprias, singulares de sua constituição”. (p.97)

Compreendemos o conceito “dimensão simbólica do território” como sendo basilar no entendimento do nosso olhar para o trabalho que foi desenvolvido em Água Mineral, através do uso da fotografia como um instrumento de registro e de possibilidade de discurso sobre essa comunidade, já

que não existe um sujeito psíquico sem que haja, junto com ele, um sujeito social. Pelegrino (1987) nos fala do pacto social como sustentador do pacto edípico, ou seja, não existe um sujeito sem seu contexto e quando o contexto desarticula-se, igualmente, em algum nível, o sujeito individual se quebra. É o pacto edípico que instaura a dimensão simbólica no sujeito assim como é o território que marca para o sujeito quem ele é, entendendo-se território desde um lugar físico até os rudimentos deste, ou seja, os braços e olhos maternos. Os valores que temos, as imagens que guardamos, seja de nós mesmos, seja de nosso lugar, se mesclam com todo um repertório fantasmático que não será jamais individual, posto que somos produto de uma interface social e individual. Para que um sujeito emergja há a necessidade de existir uma sustentação de um outro que dele cuida, e esse outro é necessariamente um sujeito outro que não eu mesmo, é um sujeito social.

Lewkowicz (2003) utiliza o conceito winnicotiano de mãe suficientemente boa para se referir às instituições sociais. Condiciona a existência de uma mãe suficientemente boa a certa responsabilidade jurídico-institucional e a uma série de técnicas para ampará-la. O autor considera que a demarcação do lugar para o sujeito é fundamental, posto que é essa demarcação que faz com que exista “um reino suficientemente forte” que dê ao sujeito uma referência de amparo para que este possa se considerar um ser que vive numa *polis* e por ela é visto e reconhecido.

Este aspecto do lugar como identitário, que pode ser simbolizado e ocupar um espaço afetivo no imaginário do sujeito, está presente na fala de uma moradora de Água Mineral ao se referir aos sentimentos despertados pelo lugar onde mora:

(...) de *apego ao lugar*, muitas vezes *de revolta pela situação*, poderia ser diferente, poderia ser melhor.” (Ariela) (grifo nosso)

Portanto, um lugar não é apenas o espaço em que a gente mora. Um lugar é aquilo que a gente sente por ele: o que agrada e o que desagrada, o que dá prazer e o que incomoda. Um lugar é aquele que a gente conhece como se fosse parte de nós. O nosso lugar é aquele com que a gente mais se identifica, mesmo que tenha nascido em outro lugar. É um aqui que a gente personaliza com nossos sentidos e com a nossa maneira de percebê-lo.

*Aqui* é um advérbio de lugar. Costa (2004), que investigou sobre a invisibilidade pública de uma classe de trabalhadores - os garis da Cidade

Universitária da USP -, lembra de um episódio com o porteiro do prédio da faculdade em que estudava e também varria. O homem questiona-o: “por que cê não trabalha de vigia aqui pra cê ver como a gente é tratado *aqui*? Tem gente que passa *aqui*, é como se a gente não existisse.” (p.118) Então, o autor se pergunta: “o homem da portaria, de que lugar ele fala, em que lugar sente não existir? Que pedido me faz?”(p.118)

A partir das indagações do autor, queremos dizer que os sujeitos fazem escolhas sim, mas que suas alternativas estão codificadas nos limites de um meio-ambiente facilitador ou não, de uma cultura do compartilhamento ou de segregação. Buscar pertencer é, para os sujeitos, incluir-se em determinados circuitos, estar em consonância com outros sujeitos no enfrentamento do cotidiano da luta pela sobrevivência e pelo reconhecimento.

Tentando, ainda, compreender o espaço como agenciador de subjetividade, encontramos em Milton Santos (2004) alguns apontamentos importantes sobre o que ele denomina território. Para o autor, o território não é apenas uma delimitação geográfica, é um espaço em que construímos a nossa existência. Quando falamos de território, estamos nos referindo ao território usado, ou seja, é o chão e mais a população que o utiliza, que ali se identifica e que por ele tem um sentimento de pertencimento. O sujeito, que vive em uma comunidade como as favelas cariocas, por exemplo, tem o seu modo de ser e de viver atravessado pelas suas características, condições de habitação, aspectos geográficos. Portanto, falar de espaço exige uma reflexão sobre a ação humana em suas duas dimensões: a determinada pelas características naturais do espaço e a que transforma estas mesmas características. O espaço, portanto, é algo dinâmico, onde se reúnem materialidade e ação humana. (Santos, 2004)

Por isso, parece-nos apropriada a afirmação de Sousa (2005) que precisamos compreender a construção dos espaços – e este autor destaca o espaço urbano - para termos noção de quais sujeitos se fazem ali presentes. O espaço tem como função ser estruturante de lugares possíveis para o sujeito. No entanto, o que talvez possa nos surpreender, é que cada vez mais estes “lugares possíveis” se estreitam numa homogeneização do sentir e do pensar sem precedentes na história.

Edson Sousa (2005) aponta a necessidade de vermos os avessos dos lugares nas cidades. O lado invisível dos lugares também comporta vida. O autor

articula a invisibilidade à questão do progresso nas cidades e como este é um fator que, alimentado por desigualdades, vem deixando seus restos pelos cantos. Uma das consequências desse processo já nos salta aos olhos: trata-se da despersonalização pela assimilação do espaço. Vemos inúmeros lugares devoradores nas cidades. Constatamos que a cidade contemporânea fragmentou o espaço.

Sobre a fragmentação do espaço Milton Santos (2004) fala-nos da invisibilidade de tudo aquilo que não tem sucesso como um efeito da globalização. Quem de nós, moradores dos grandes centros urbanos, poderia explicar o que é viver no subúrbio, nas comunidades populares ou numa favela? Explicar o que seria Água Mineral? Nossos olhos estão mais voltados para Ipanema, Leblon, para os sucessos globais e para as notícias diárias sobre a vida daqueles que “deram certo”. Na mídia, estes lugares que não sabemos explicar, aparecem apenas sob a chancela da marginalidade: o traficante, o tiroteio, o pobre, a miséria, o caos.

Esta fragmentação se deve, em muito, a um progressivo esvaziamento da esfera pública que tem alimentado a construção de verdadeiras ilhas protegidas: os novos guetos consolidados e hipervalorizados e que têm como figuras emblemáticas as microcidades cercadas, lembrando em muito as cidadelas medievais com seus muros e muralhas.

Vilhena (2003) tece uma reflexão interessante de ser aqui trazida: a partir de uma porta de blindex em um departamento de Psicologia, do confinamento e segregação dos alunos ao corredor, sem o direito de acessar o Departamento de pós-graduação, tendo inclusive os professores a necessidade de possuir um cartão eletrônico e uma senha de entrada, a autora chega a *ágora*, à cidade, e nos relata:

Cada vez mais vamos nos acostumando com o fechamento paulatino dos espaços de convivência pelas grades. Assistimos (certamente com repercussões clínicas) a uma inversão histórica em uma tradição milenar da humanidade. O que agora causa pânico são os espaços abertos e não mais os fechados. Temos medo de andar pelas ruas, pelas praças, pelas avenidas, como se do aberto, do público, da *ágora*, pudessem surgir os demônios das “classes perigosas”. *Sob a justificativa de uma política de segurança estamos acabando com o comércio, com os cinemas, com a vida da rua, buscando incentivar, cada vez mais, a criação de shopping-centers. Nada melhor do que tentar duplicar a cidade, sem o que de “desagradável” há nela – o diferente.* (p. 84) (grifo nosso)

Quando construímos cidades *shoppinizadas*, duplicadas, estamos, dessa forma, fragmentando mais uma vez o espaço já tão fragmentado do nosso dia-a-dia. Como se fosse possível tirar do alcance de nossas vistas tudo aquilo que nos fosse estranho, diferente, que não podemos suportar ou o que temos medo. “O outro nos causa medo, o desconhecido nos causa medo”, já nos avisava Vilhena (2003), assim como igualmente anuncia que “a paranóia da segurança traz ainda uma outra consequência –, a busca incessante de controle e a crença de que seremos capaz de tudo controlar e nos defender desta situação – mesmo que o preço a ser pago seja o isolamento total.”. (p.85)

Nesse isolamento acabamos por não saber mais distinguir quem seja inimigo ou não, quem seja um cidadão ou não, e igualmente o que seja algo diferente de mim ou do lugar onde habito. A diferença desaparece, posto que em todos os *shoppings*, seja aqui no Rio, em Manaus, ou em Porto Alegre, todas as lojas serão as mesmas, todos os Mac-Donalds terão o mesmo cardápio e a comida o mesmo gosto. Como poderemos, então, saber responder o que seja Água Mineral, por exemplo? Talvez imaginemos que seja uma garrafa plástica com água industrializada... Ou então uma estância de descanso como São Lourenço ou Caxambu... Mas será que imagináramos ser um lugar com árvores? Será que imagináramos como um lugar possível para que nós lá morássemos e vivêssemos?

Nosso desafio, segundo Sousa, é pensar os diferentes modos de como podemos estar na cidade ou, para sermos mais precisos, de como a cidade está em nós. No âmbito deste estudo, proporíamos que nosso desafio seja o de compreender como o lugar, a comunidade em que se vive, está em cada um dos seus habitantes! Ferreira Gullar (1976), em *Poema Sujo* poetiza quanto a essa questão ao nos dizer que

O homem está na cidade  
como uma coisa está em outra  
e a cidade está no homem  
que está em outra cidade  
mas variados são os modos  
como uma coisa está em outra coisa:

...  
a cidade está no homem  
mas não da mesma maneira  
que um pássaro está numa árvore  
...

a cidade está no homem  
quase como a árvore voa  
no pássaro que a deixa

Ferreira Gullar diz-nos que uma coisa está em outra; um homem está na cidade como a cidade está no homem. Com o exemplo das cidades, podemos refletir a respeito dos lugares: são espaços construídos e históricos. Sua história comporta as histórias vividas pelos seus habitantes, pelos sujeitos em seus corpos. Portanto, um lugar - a cidade, a comunidade – , como bem sinalizam as palavras de Gullar, não é apenas um espaço físico representado, um espaço geográfico, ele é também um espaço subjetivo; ele ocupa nosso corpo, está no corpo.

### 3. Sobre o morar em lugar nenhum: a invisibilidade em foco

*O maior apetite do homem é desejar ser. Se os olhos vêem com amor o que não é, tem ser.*

Padre Antônio Vieira em *Paixões Humanas* (Manoel de Barros, 2004).

A epígrafe escolhida, frase de Padre Antônio Vieira, ajuda-nos a compor este capítulo em que pretendemos refletir e ampliar a discussão sobre um tema tão inquietante: a invisibilidade pública dos lugares e rostos da pobreza.

Para estudarmos e refletirmos sobre a questão da invisibilidade, estaremos apoiados em dois autores por nós considerados fundamentais: Luis Eduardo Soares, que desenvolveu primorosamente suas idéias sobre a invisibilidade social e as suas conseqüências para a segurança pública no livro *Cabeça de Porco* (escrito a seis mãos: as suas, de MV Bill e de Celso Athayde, 2005) e Fernando Braga da Costa (2004), que prefere o termo invisibilidade pública no seu *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Este autor realiza uma pesquisa etnográfica; mais do que isso, vive a experiência de ser um gari na Cidade Universitária da USP. Os garis, homens invisíveis, que invisivelmente fazem seu trabalho de limpeza nas ruas da cidade universitária e com quem Fernando compartilha horas do seu dia há anos, retratam as condições impostas ao sujeito que não é visto, que passa despercebido por entre tantos outros, como se tivesse a sua existência reduzida a um uniforme e ferramentas de varrição.

As populações das camadas empobrecidas da sociedade, moradores de comunidades populares, não são vistos como cidadãos, sujeitos de direitos e desejo. Sofrem de uma certa invisibilidade social. Não são reconhecidos em sua totalidade, como pessoas que são. Vergne (2002) afirma que por mais contraditório que possa parecer, a modernidade, o progresso e a “era da informação” têm trazido uma maior invisibilidade subjetiva dos moradores de comunidades populares.

Por exemplo, ao pensarmos em uma favela, qual imagem nos vem a cabeça?

Provavelmente lembraremos do filme “Cidade de Deus”, que levou milhões de brasileiros e brasileiras aos cinemas para conhecer a “intensa” vida na favela. Talvez lembremos das últimas reportagens que assistimos na televisão, informando sobre a guerra de facções, a ação da polícia e a morte do (jovem) traficante mais procurado da cidade ou daqueles que, inocentemente, foram atingidos por uma bala perdida ou vitimados por um ataque ao ônibus em que voltavam para casa.

Também poderemos nos reportar àquelas imagens do jornal em que os rostos jovens da favela estão cobertos por um capuz, suas mãos estão armadas e seus corpos, magros, carregam as marcas da cultura do consumo: tênis da marca X, relógio da grife Y....

Ainda poderiam vir à lembrança aquelas cenas da pobreza retratadas com frequência nos programas televisivos, que, ao “denunciarem” a ausência do poder público e o descaso com as populações pobres, mostram a favela como um lugar predominantemente sujo, desorganizado e que oferece risco à saúde de seus habitantes.

Diante de todas essas imagens associadas ao espaço da favela e outros espaços populares, os seus moradores tornam-se invisíveis. Invisíveis porque são projetados valores sobre esses lugares e são criados estereótipos que homogeneízam as pessoas e os lugares, retirando-lhes a sua singularidade. O que eles têm de único, de diferente, de singular. É como se todo habitante de uma comunidade fosse um bandido em potencial ou um carente por definição.

Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível, segundo Soares (2004), é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. O preconceito provoca invisibilidade.

A mídia, neste sentido, também contribui para a invisibilidade destas pessoas, na medida em que não valoriza em seus programas e produtos os modos de existência da periferia, das pessoas pobres, estigmatizando-as na maior parte das vezes. Por outro lado, é através da apropriação desta mídia, que eles vêm mostrando ao mundo o que têm e como são. Podemos encontrar um exemplo disto



no Santa Marta, uma favela localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Lá existe um projeto chamado Olhares do Morro<sup>1</sup> que se define da seguinte maneira:

No coração do morro Santa Marta, no Rio de Janeiro, um pólo de criação fotográfica, entre documentário e fotografia criativa, surge com a participação de seus moradores. Investigação fotográfica, “Olhares do Morro” documenta do interior uma intensa vida social e cultural, fora da eterna moldura das lutas de facções e violências policiais. “No meio de uma população à margem da sociedade, que por vezes não dispõe nem de existência civil, promover um projeto coletivo de afirmação visual faz infinitamente mais sentido do que fotografar solitariamente o território sensível da favela”, comenta Vincent Rosenblatt, fotógrafo e idealizador do projeto.

O “manifesto visual” realizado por estes jovens permite-nos pensar na forma como eles olham o lugar onde vivem, em como eles gostariam que este lugar fosse visto, e mais do que isso, como eles se vêem no olhar do outro e como isso aparece nas suas imagens, na construção do olhar sobre si mesmo. Traduzindo isso em perguntas, seria: como me olham? E como eu me olho? Como eu mostro isso para os outros?

Há, através destas experiências, um movimento em busca de uma identidade, um reconhecimento, uma valorização da sua cultura, do seu lugar. Vejamos o depoimento de um jovem fotógrafo:

com uma câmera na mão e uma idéia fixa na cabeça, nós moradores da Favela Santa Marta e fotógrafos do Olhares do Morro, percorremos becos e vielas da comunidade em busca de imagens que possam mostrar o cotidiano da favela, fora do contexto da violência e do tráfico de drogas. E através da fotografia nosso objetivo é mostrar uma imagem positiva da favela, bem diferente daquela que costumamos ver nos jornais, que procuram somente mostrar a pobreza, falta de urbanização e os aspectos negativos. Com isso queremos mudar ou melhorar a imagem que a sociedade tem de nós favelados e nossa função é mostrar através de imagens o dia-a-dia da comunidade, a cultura local e desmistificar a idéia que na favela só existe violência e que pobre não tem cultura nem organização social. (Jorge Alexandre Firmino, fotógrafo)

Firmino quer mostrar quem ele é. Mostra-nos isto ao afirmar que deseja tornar sua comunidade conhecida a partir do seu olhar, conforme o seu modo de vê-la. Todos queremos ser, desejar existir é força fundante do ser humano. Ser alguém, ser para alguém são todas variações possíveis de uma existência que só se realiza num olhar, num gesto, numa palavra dirigida que dá a quem quer ser a

---

<sup>1</sup> Para saber mais: [www.olharesdomorro.org](http://www.olharesdomorro.org)

certeza de que ele existe, de que tem um lugar de referência. Pertencer a algum lugar constitui-se numa abertura para o ser no mundo. E é importante fazer este lugar ser visto e poder ser igualmente visto a partir deste lugar. Ser de algum lugar.

Vergne (2002) nos fala de pertencimento. Segundo o autor, buscar pertencer é, para os sujeitos, incluir-se em determinados circuitos, estar em consonância com outros sujeitos na luta pela sobrevivência e pelo reconhecimento. O pertencimento do morador de favelas passa pelo desejo de participar de uma *polis* que, no entanto, o rechaça enquanto sujeito. Devemos lembrar também que as condições de pertencimento dos sujeitos aos grupos sociais estão inscritas dentro e fora do lugar. A vida de fora da favela se mescla à forma com que o morador vê a si mesmo, buscando ser reconhecido como sujeito entre outros sujeitos.

Deste modo, habitar em um lugar que é visto através de olhos que tornam invisíveis seus moradores, traz ao sujeito um sofrimento para o qual ele terá de encontrar novas soluções para poder se situar no mundo. Este tema é abordado por Celso Vergne (2002) na seguinte passagem:

O olhar é apenas uma das formas onde se demarcam diferenciações que são utilizadas como justificativa da negação do outro e da diversidade. A marca da cor da pele, do local da moradia, da subjetividade que escapa aos modelos hegemonicamente valorizados, são aspectos através dos quais podemos conhecer as formas de construção das práticas de exclusão e de imposição de um modelo de sujeito. (p.34)

Trazendo à luz uma característica marcante do processo de urbanização das cidades, a não incorporação da pobreza, falamos até aqui da invisibilidade provocada por um olhar que estigmatiza. Um olhar que marca os sujeitos, como um número em uma série de excluídos, posto que reflete aquilo que queremos ver e não o que está diante de nós, diferente de nós. Mas falamos de um olhar. No preconceito, no estigma, há um olhar, ainda que ele seja fruto de projeções daquilo que somos ou daquilo que não desejamos ser. E quando não há nem mesmo este olhar? Quando a invisibilidade acontece por uma ausência de registros sobre os lugares e, portanto, sobre as pessoas? Como se vê este sujeito? Como se coloca no mundo? Devemos pensar, nesse momento, sobre como alguém se sente existindo numa condição ou situação em que o existir passa

desapercebido, como em Água Mineral, já que a existência, o sentir-se existindo, impõe-se ao sujeito.

Os jovens entrevistados chamam a nossa atenção para um sentimento de estar à margem ou ser invisível quando nos fala de sua comunidade:

A comunidade. É um sub bairro, não tem nome, não consta no mapa, então eles falam que moram em lugar nenhum, eles vão para lugar nenhum, para eles tanto faz porque eles moram em nada. (Roger)

Ah, *é bastante ruim, muito ruim. Saber, por exemplo, que você não existe...* pra eles. Porque olhando pra estas fotos aqui logo vem na cabeça que você não existe pra eles, *que você não é nada*, mas.... é erguer a cabeça e cobrar nossos direitos, né, porque deixar assim... mas é muito ruim isso, pensar que você não existe. (Douglas) (grifo nosso)

Se sentem (faz expressão de indiferença) Aqui não tem nada.... Pelo que eu vejo que as pessoas falam, *morar num lugar que não tem nada, a pessoa se sente um nada*. (Douglas) (grifo nosso)

Água Mineral não existe no mapa da cidade; ela não existe nos registros oficiais da cidade. Os seus moradores não têm endereço com esta referência: eles têm de ter outro endereço para poderem receber as suas correspondências, eles têm de acrescentar ao nome Água Mineral uma longa explicação para que sejam encontráveis. Teoricamente eles existem, mas na verdade eles precisam criar uma série de artifícios para poder se fazerem vistos. Segundo Luis Eduardo Soares (2005), quando não se é visto e se vê, o mundo oferece o horizonte, mas furta a presença, aquela presença verdadeira que depende de interação, de troca, do reconhecimento, da relação humana. Não ser visto significa não participar, não fazer parte, estar fora, tornar-se estranho.

Isso causa indignação, humilha e angustia aqueles que ficam sem um lugar real de pertencimento possível de se remeterem enquanto seres que vivem em uma *polis* e possam dizer “eu sou”. O espelho social em que olham lhes é opaco.

Isto ficou claramente evidenciado em algumas falas dos entrevistados, como por exemplo:

Essa pergunta sempre me fizeram, por onde eu ia, se eu fosse procurar um emprego, até se eu ia me matricular em escolas aqui em São Gonçalo, *quando eu falava “eu moro em Água Mineral”, “o que é isso?”, “que lugar é esse, Água Mineral, onde é isso?”*. (Ariela) (grifo nosso)

porque qualquer lugar que você chega para dar o seu endereço, num hospital, (...) então você fala “eu moro em Água Mineral”, porque todo médico pergunta (...), *ah, onde você mora?*” “Água Mineral... *(aí ele fica parado e eu digo Colubandê)*”. Então as pessoas sabem que Água Mineral não existe para outros que não... que nunca vieram por aqui... (Clara) (grifo nosso)

olha, as pessoas que já conhecem só de falar mesmo da Água Mineral, todo mundo fala apavorado, *olham como um buraco, como um lugar que não tem nada, pessoas que nunca vieram aqui, falam que é isso....* (Clara) (grifo nosso)

É estranho, a gente se sente fora do contexto. Dizer que você mora num lugar dentro da cidade que ninguém conhece, se sente um alienígena. (risos) (Clara)

C – *é o mesmo que falar outra língua, porque as pessoas não sabem o que é.*

I – não adianta dizer que mora em Água Mineral?

C – *não, não adianta.*

No ato de o médico ficar parado, esperando uma explicação, olhando a pessoa que fala de seu lugar sem o reconhecer como parte da nossa sociedade; ou no transparecer do apavoramento de quem lá não reside; no lugar que nada tem e assim nada é; ou ainda na metáfora ou imagem criada pela entrevistada de que ela falaria outra língua, ou que seria alguém como um “alienígena” em sua própria cidade, no seu próprio município, marcam cabalmente a questão da invisibilidade.

Tem algo, portanto, entre a invisibilidade do lugar e a invisibilidade das pessoas que habitam este lugar. O lugar onde moramos é algo que nos dá uma referência. Ele diz sobre quem somos. As pessoas criam idéias sobre as outras a partir do lugar onde elas moram. O lugar parece que diz o que a gente pensa, o que a gente faz, como a gente vive... A questão é que quando este lugar é identificado com o nada, com o lugar nenhum, com o ser invisível, o sujeito também parece ter isto colado à sua subjetividade. A invisibilidade cola no sujeito como algo que os fazem sentir estranhos, desconhecidos, desvalorizados...

Interessante resgataremos o pensamento de Soares (2005) nesse momento, quando ele afirma que há duas maneiras de se experimentar o sentimento de ser invisível: a mais óbvia, imediata e superficial, e a mais profunda e perturbadora. A primeira, segundo o autor, é simples: ser estrangeiro. Ou como nos disse a entrevistada, um alienígena. Quem nunca se sentiu estrangeiro? O estrangeiro não sabe falar a língua nativa, ele não consegue se comunicar com as pessoas; ele não entende o que os outros lhe dizem. Da mesma forma, aqueles que ouvem o estrangeiro, igualmente não o entendem. Logo, igualmente se sentem excluídos e estrangeiros. Quando o médico não reconhece a fala da cliente como sendo uma

fala legítima, que marque um lugar onde possa se morar, ele e ela criam um ruído na comunicação, digamos que o que acontece é a predominância da função fática da linguagem, há o canal, há a informação, mas ninguém entende o que está sendo dito. Isso é ser estrangeiro, isso é ser alienígena, isso é ser invisível. Não há visibilidade através do ato de fala, porque não há reconhecimento de área de pertencimento. Água Mineral não existe no mapa simbólico do médico mesmo que exista de fato para a cliente. Igualmente não existe para os demais moradores de São Gonçalo: é um nada, um buraco.

Continuando, Soares aponta a segunda e mais complicada forma de invisibilidade, que implica em descobrir o lado estrangeiro de si mesmo, na relação com os mais próximos e consigo mesmo. Descobrir-se exilado no seu próprio país, na sua própria casa. Saber-se condenado a não se entender inteiramente. Se os indivíduos não se conhecem a si mesmos, plenamente, a fronteira entre aquilo que se supõe ser e aquilo que se pode vir a ser não é tão clara e rígida (porque aquilo que verdadeiramente se é está sempre em processo e sempre se furta a um conhecimento integral). Portanto, uma outra forma da invisibilidade é aquela causada pela indiferença ou pelo não conhecimento sobre si, sendo esse si mesmo não somente a pessoa, mas também o não conhecimento sobre a comunidade onde se vive.

Reparemos nessa imagem trazida por uma das moradoras de Água Mineral:



Figura 7

Essa foto aqui (...) fala da omissão das pessoas, um *portão fechado*. Todas as casas aqui são assim. Então acontecem situações que ninguém sabe, *as pessoas às vezes tão precisando de ajuda, mas eles não se abrem pra falar e se se abrirem*

*vão encontrar portões fechados. Não vão encontrar ninguém para contar e aqui em Água Mineral isso é muito típico, muito típico isso. (Ariela) (grifo nosso)*

As pessoas aqui têm uma dificuldade, elas são muito desacreditadas, politicamente falando e historicamente falando. Muita gente não sabe a própria história da sua comunidade, (...) Aí os filhos vão crescendo, vai ficando, sem expectativa de vida nenhuma, para eles tanto faz como tanto fez, é como se fosse assim, não tem propósito nenhum, não têm sonhos, vivem cada dia por viver. (Roger)

Quando a entrevistada traz a imagem de portão fechado e da não comunicação entre as pessoas, mesmo que precisem de ajuda; quando o outro entrevistado nos traz a idéia do descrédito político e histórico desta mesma comunidade, estamos percebendo e tecendo uma malha para muito além da teoria, uma malha real, que parte da fala dessas pessoas que se sentem invisíveis não somente dentro da sociedade, ou frente ao poder público, mas igualmente dentro da própria comunidade em que vivem. “Água Mineral é um lugar muito acolhedor, mas muito enganador, entre aspas”: há algo dentro de Água Mineral que nem mesmo os próprios moradores revelam.

A indiferença é vivenciada pelos moradores de Água Mineral, tanto dentro da própria comunidade, como, especialmente, na sua relação (ou a falta dela) com o poder público. Quando falta o olhar do poder público para a comunidade, ou seja, quando dele não se tem garantido as mínimas condições para uma vida digna e o exercício pleno da cidadania, o sujeito fica como se não conseguisse saber qual o seu lugar no mundo. As falas abaixo demonstram o modo como esses moradores percebem a ausência do poder público e a sua invisibilidade frente a esse mesmo poder:

*os governos. Eles olham, mas não olham como deveriam olhar. Olham só para dizer que olhou, assim, dá uma olhadinha rapidinha, ah, vá, faz aquilo lá rapidinho, mas tem muitas outras coisas que eles poderiam olhar, mas não olham. (Clara) (grifo nosso)*

*eu tava até procurando saber o que que precisa se fazer para poder.... digamos... essa comunidade de Água Mineral não existe no mapa, mas ela existe, mas não como Água Mineral, metade dela é Rocha, metade é Colubandê, a maior parte é Colubandê. (Clara) (grifo nosso)*

Aqui é parte...praticamente tudo aqui é Colubandê, só que é uma área do Colubandê que é esquecida pelo Colubandê por ser distante, então é como se nós não fôssemos deles, do Colubandê. Então, por ser distante as próprias pessoas se formaram numa comunidade, um bairro. Eu acho ridículo não ser considerado um bairro. (Clara) (grifo nosso)

*O sentimento deve ser igual o meu, um tipo de inutilidade, mais ou menos inutilidade, poxa eu moro num lugar que ninguém sabe onde é. Tenho certeza que as pessoas não gostam disso. É estranho, a gente se sente fora do contexto. (Clara) (grifo nosso)*

Traremos, a partir de agora, não somente depoimentos, discursos como recursos dessas pessoas em falar de si mesmas ou de sua comunidade, recursos de elas existirem na esfera pública, “na presença de outros homens”. Trazemos à cena mais imagens, imagens fotografadas pelos próprios moradores de Água Mineral. Daremos não somente voz, mas (e talvez principalmente) registros de uma ação - o ato de fotografar sua própria comunidade – a esse lugar.

Se, para existir, o homem, segundo Arendt (2004), deve ter ação e discurso como recursos, e se nesta comunidade o esquecimento é uma marca, seja pela esfera pública, seja pelos próprios moradores - que muitas vezes sentem-se como estando de passagem por Água Mineral (vivem o dia-a-dia sem se darem conta de que lá é o lugar deles e que esse lugar possui uma história) -, juntamos ao discurso já lido, algumas vezes, em outras passagens dessa dissertação as imagens que o fizeram existir. Damos ao leitor um olhar e uma imagem (real?) do como seja o lugar do qual estamos falando desde o início de nossa dissertação.

Entrem na nossa cena: as imagens, e as falas... que o invisível comece a se tornar visível “aos outros homens” e assim passem a existir...





Figura 8 – Olhar com mais carinho

Outra parte que eu vejo *que é deixada de lado pela prefeitura mesmo, pelos governos, deixada de lado, por exemplo nesta rua que dá acesso a um Hospital Geral, um hospital estadual, uma rua, precariedade, lama, buracos onde não se passa mais Ônibus por aqui, porque ta neste estado... (...) e isso já tem um tempo....* (Clara) (grifo nosso)



Figura 9

Aqui também, *a gente vê o esgoto descendo a céu aberto, aberto mesmo, pela rua a fora... descendo o esgoto. Tem essa foto, e tem uma que mostra a própria caixa, lavando, jorrando água...* (Clara) (grifo nosso)





Figura 10

Aqui eu quis retratar assim, *como as autoridades descartam esse lugar*, por que uma vez eu ouvi, não lembro quem, se foi S.D., foi reivindicar a pavimentação das ruas e na prefeitura as ruas já estão pavimentadas, *lá, para eles, já está tudo certo, mas aqui, pode ver, falta de saneamento básico...* (Ariela) (grifo nosso)

“Dão uma olhadinha rápida”, “essa comunidade não existe no mapa, mas ela existe”, “é uma área esquecida”, “precariedade, esgoto descendo a ladeira”, “acho ridículo não sermos um bairro”, “as autoridades descartam este lugar”, “lá está tudo certo, mas aqui pode ver falta de saneamento básico”..... Palavras, sentimentos, dores, constatações marcadas nas falas e nas fotografias tiradas que partilham a mesma sensação: de inutilidade, pois afinal, *“poxa eu moro num lugar que ninguém sabe onde é. Tenho certeza que as pessoas não gostam disso. É estranho, a gente se sente fora do contexto.”*

Através dessas palavras-falas-depoimentos-imagens podemos perceber o que a angústia da invisibilidade prenuncia, qual seja, o aniquilamento da existência que, sem rodeios, ameaça constantemente o habitante das grandes cidades. Na falta do olhar para Água Mineral, um olhar que afirme a sua existência em um tempo e num espaço (mapa da cidade), a consequência para seus moradores parece ser uma sensação de que pertencem a lugar nenhum, ou seja, algo que não existe e que não vale a pena ser habitado, amado, valorizado.

Isto também traz consequências para o sujeito que se constitui enquanto tal neste lugar que é, então, percebido como um lugar nenhum. No desconhecimento da própria história, de si mesmo no seu lugar, pela falta de identidade provocada pelo habitar em um lugar igualmente sem identidade, posto que seu nome sequer existe nos registros oficiais da cidade – o endereço não consta, para receberem correspondências o endereço dado é outro –, o sujeito pode viver aquilo que vamos chamar aqui de um vazio. O vazio social – a comunidade que não é suprida com aparelhos sociais suficiente para acolher e satisfazer os seus habitantes – é vivenciado também como um vazio subjetivo. E onde há o vazio, que não se fez ainda conhecido, revelado, identificado, ou para o qual ainda não se encontrou alternativas que dêem ao sujeito a garantia de que necessita para se sentir pertencendo e atuando na *polis*, há a necessidade de se preencher este vazio. Podemos pensar neste vazio a partir dos conceitos de fragmentação e despedaçamento do homem, apontados por Valadares (2000). Segundo este autor, tão fragmentado quanto o espaço e a cidade, também consumidos na desmesura de um mundo e um submundo, encontra-se o sujeito. Este se sente perdido, posto que dividido e desamparado diante da fragmentação do espaço social. O sujeito não se torna um sujeito, está animalizado, assujeitável, indomável. O autor afirma que o sujeito vivencia uma experiência de desamparo, que pode ser vivida ao mesmo tempo no corpo do sujeito e no corpo do espaço. Valadares afirma: não há cidadania que sobreviva ao desabrigo.

Interessante retomarmos aqui Lewkowicz (2003, In: Maia, 2005) quando este relaciona a questão do desfundamento ou desraizamento social à falha ou ao desamparo das instituições vigentes. Segundo o autor, se não há uma instituição que sustente o ser social, havendo desta forma um desfundamento das instituições, a questão do amparo perde sua qualidade institucional. Dessa forma teríamos de pensar tanto o amparo institucional quanto a própria sociedade de uma outra maneira, já que não teríamos como base um fundo institucional já dado de antemão. Se o sujeito se constitui enquanto tal a partir de um referencial externo que o sustente e o ampare, quando este referencial se quebra, igualmente se quebra este sujeito. Assim, um outro efeito da invisibilidade, que podemos considerar, é o vazio subjetivo, a sensação de perda de sonhos e de que viver vale a pena. Nas falas dos moradores de Água Mineral percebemos este vazio que é preenchido por outras formas de “amparo” diante do desamparo social em que

estão imersos: prostituição, alcoolismo, violência, ou mesmo o silêncio diante da violência, o viver sem sonhos....

*porque eles estão vivendo num mundo em que a pobreza manda, a pouca oportunidade de vida, qualidade de vida quase zero, expectativa de vida quase que nenhuma porque as pessoas que querem ajudar são pessoas pouco instruídas, são pessoas que não sabem nada de educação porque foi criada errada e quem foi criada errada vive errada também. E com isso não tem expectativas, já perderam os sonhos. Só sabem... os grandes, só fazem as coisas por fazer ou por obrigação, já perderam o amor por tudo que eles tinham que fazer (Roger) (grifo nosso)*

Isto aqui é na outra rua, aqui as pessoas são muito pobres, é um povo muito pobre, que trabalham exclusivamente sabe para quê? Para se alimentar, para comer para não morrer de fome, para pagar água e luz, nem todo mundo tem casa própria (Roger)

Aí os filhos vão crescendo, vai ficando, sem expectativa de vida nenhuma, para eles tanto faz como tanto fez, é como se fosse assim, não tem propósito nenhum, não têm sonhos, vivem cada dia por viver. (Roger) (grifo nosso)

Pessoas que moram na mesma comunidade, que trabalham (..) oportunidade, pessoas que são obrigadas a sair da escola porque não têm aquela condição de estudar, não têm aquela qualidade de vida que deveriam ter, que é básica, ou trabalha ou morre de fome, aí não tem condição, *pessoas que acabam caindo no mundo do crime, ou se prostituindo.../I* - Isso é comum em Água Mineral?/R - Não é muito comum, mas acontece. *E acho que não é muito comum porque as pessoas escondem muito as coisas, escondem demais.*

*Buscam a alegria na bebida, na cachaça, no álcool para esquecer sua vida de verdade, cada dia é apenas mais um dia que eles têm para fazer as mesmas coisas. Só isso. (Roger) (grifo nosso)*

Os jovens que estão nascendo em Água Mineral, *eles não têm o sonho de melhorar Água Mineral*, eles têm o sonho de sair de Água Mineral, *e muitos até prejudicam o lugar, trazendo o tráfico, se envolvendo em prostituição, eu acho que são os espinhos. O galho tá bem prejudicado, depois desse corte, ele foi bem prejudicado.*(Ariela) (grifo nosso)

Quando os sujeitos já não podem mais se ligar ao seu lugar, posto que o lugar não apresenta condições para que o desejo ali se mantenha, os espaços que são reconhecidos pelos sujeitos a partir do desejo transformam-se, em algo que Valadares (2000) denomina de túmulo:

*Pessoas mortas vivas andando, comem, bebem, trabalham, tudo por fazer, não tem alegria de viver. (Roger) (grifo nosso)*

por que os mais jovens, *eles não gostam de morar aqui, têm vergonha de morar aqui.* Eles falam que Água Mineral é uma roça, que Água Mineral é roça. À noite eles não ficam aqui, à noite eles vão para outros lugares, *eles não gostam de dizer*

*que moram aqui, eles têm vergonha desse lugar e não fazem nada pra melhorar.*  
(Ariela) (grifo nosso)

Viver na sombra dos movimentos: não conseguir se enxergar com movimento próprio, potência própria, importância, existência própria. Como pontua Costa (2004), a invisibilidade atormenta. Atormenta porque não conseguimos nos reconhecer a nós mesmos. Tentamos nos colocar aqui ou ali, como alguém, como cidadão, como morador de um lugar, mas não conseguimos ter certeza de que realmente somos. O desejo de ser, de existir fica amordaçado. Porém, essa mordaca não cala o desejo de ser reconhecido, de poder falar do orgulho de ser um morador de um lugar conhecido pelos outros. Por este motivo a invisibilidade atormenta.

*poxa! Talvez, na hora de você dar o seu endereço, colocar ali Água Mineral, não colocar Colubandê. É um orgulho, né, dizer “eu moro no bairro de Água Mineral”. Elas não gostam de falar que moram no Colubandê, elas gostam de falar que moram na Água Mineral, então isso mostra orgulho. Então se fosse realmente um bairro, dado o nome mesmo, então as pessoas de início assim levariam o orgulho de morar em Água Mineral, eu tenho orgulho de morar em Água Mineral, levar um nome, né.* (Clara) (grifo nosso)

Percebemos que tanto quanto o nome, o lugar dá ao sujeito uma identidade. Quando o lugar não tem um nome ou pelo menos ele não pode ser dito, posto que “não adianta”, ainda assim o sujeito não cala seu desejo de ser alguém, de ter um nome e de poder anunciar o nome do lugar onde mora.

*o que mudaria? mudaria o orgulho. Com razão, eu me sentiria orgulhosa de dizer “eu moro em Água Mineral”, mudaria assim... vai criar um impacto porque a partir do momento em que se torna conhecido, o nome se torna conhecido, se torna conhecido o tipo de lugar que é.* (Clara) (grifo nosso)

Podemos perceber, a partir dos discursos tecidos e das imagens registradas pelos moradores de Água Mineral, que a invisibilidade pública é uma construção psíquica e social. Nessas circunstâncias, muita violência e verdades amortecidas contam como ingredientes que impedem a compreensão da invisibilidade pública como signo de uma luta social. Entendemos como violência, no caso de Água Mineral, o fato de ela existindo, não existir, ser visível pelo avesso e assim, amortecer as verdades dessa comunidade, sejam elas de cunho social – não têm saneamento básico, luz, asfalto, escola de qualidade...- ou de cunho histórico, pois

ninguém conhece a sua história, como se nada anteriormente importasse, apenas o viver sem importância, um viver de cada dia, um viver sincrônico, onde a diacronia desaparece. Água Mineral é só uma passagem.

Invisibilidade pública: expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: *humilhação social e reificação*.

O fenômeno da *humilhação social* parece exigir em psicologia social uma dupla abordagem: política e psicológica. A humilhação social apresenta-se como um fenômeno histórico, construído e reconstruído ao longo de muitos séculos, e determinante do cotidiano dos indivíduos das classes pobres. É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens do âmbito público da iniciativa e da palavra, do âmbito da ação fundadora e do diálogo, do governo da cidade e do governo do trabalho. Constitui-se, assim, um problema político.

Invisibilidade pública: espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens, desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens.

Costa (2004) pontua que a invisibilidade atormenta e que sentiu na pele este tormento, essa “invisibilidade pública”, que define o desaparecimento psicossocial de um homem perante seus semelhantes. Esse sentimento é mais comum do que se imagina: a invisibilidade determina grande parte de nossas relações, observa o autor.

Calça, camisa e boné vermelhos: imaginei que, no Instituto de Psicologia chamaria a atenção naqueles trajes. Pareceu-me divertido aparecer vestido de gari, “fantasiado”. (...) Antônio e eu entramos no bloco de aulas.(...) Conhecia aquela gente: amigos de turma, colegas, veteranos companheiros do time de futebol, parceiros do tênis de mesa, os professores. Todos do instituto. Nenhum cumprimento, mesmo que discreto. Os olhares me tangenciavam. Mal-estar súbito: eu estava *invisível*. Antônio comigo: Antônio estava *invisível*. (p.114-115)

A invisibilidade pública é como uma violência à alma. Ninguém nos vê e, entretanto, sentimo-nos dissecados e ressecados pelos outros. A invisibilidade pública não se constitui em um fenômeno óptico, ela é uma forma aterrorizante de nos sentirmos visíveis. Sabemos que estamos ali, é fato e morremos de vergonha por isso. Segundo Soares (2005) a gente só vê aquilo que a cultura e a sociedade permitem que se veja. O autor afirma que essas operações não são racionais ou

conscientes. Ninguém planeja ver o que não via ou, por livre e espontânea vontade, num estalar de dedos, deixa de ver o que é incômodo ou impróprio. A gente simplesmente percebe ou deixa de perceber, de acordo com os limites e pressões psicológicas, sociais e culturais.

Às vezes me confundo com Água Mineral. Lugar invisível, pessoa invisível. Os lugares buscam a luz. Os moradores em seus lugares desejam ser olhados com atenção. Atenção que dá a eles a certeza de que são. De que não estão sós. De que podem seguir adiante e encontrar suas saídas.

Falar de invisibilidade dói. Precisamos nos conectar com a nossa própria. Ou pelo menos eu com a minha. Gaúcha, saída de uma cidadezinha do interior do estado - filha do médico da cidade, do “Dr. Vilnei”, e da psicóloga, a “Dra. Jussara” - jovem de longos cabelos crespos (que chamavam a atenção mais que a própria dona) que ganha espaço na cidade natal, Porto Alegre, onde começa a se aventurar pelos caminhos dos invisíveis moradores das vilas e comunidades pobres, vem habitar o Rio de Janeiro. Cidade grande demais, onde somos quase todos transeuntes invisíveis. Onde o ser gaúcha, mostra, mas também esconde, mais do que sou. Onde o não ser daqui me tira o lugar; me oferece outros, é claro. E é estes que quero e preciso descobrir. Enxergar-me em cada um deles e me sentir olhada, cuidada. Os moradores de Água Mineral também parecem em busca do seu lugar. Ou pelo menos em busca de que o seu lugar seja olhado, valorizado e tornado visível, para que eles possam também ser visíveis e desfrutar de tudo que a visibilidade pode oferecer – para o bem ou para o mal. Mas que possam ser.

A invisibilidade, que aqui se coloca e sobre a qual eu comecei a refletir e trabalhar com ela, não se mostra unicamente na concretude da sua não existência no mapa. Penso que o não existir no mapa é uma metáfora, para dizer de uma experiência delineada às margens da cidadania plena, do reconhecimento social. O não existir no mapa é a imagem da invisibilidade pública. Afinal, quem são esses moradores que não estão no mapa enquanto cidadãos? O que a eles é dado como recursos públicos? Como esses moradores se vêem enquanto cidadãos?

Morar em um lugar que não existe no mapa da cidade, ou seja, que não é visível e que não tem representação ou não é representado em imagens talvez seja pior do que morar em algum lugar cuja significação esteja associada a algo negativo. Portanto, sugiro, que habitar em um lugar em que a representação é nenhuma, e que dá aos seus moradores uma identificação com o nada, produz um

modo de ser em que a invisibilidade social/pública, e a sensação de insignificância/inexistência social são uma tônica.

Porém, não queremos apenas ressaltar as mordças da invisibilidade. Queremos algo além. Queremos encontrar aquilo que nos leva a tentar desatar essas mordças em uma comunidade como Água Mineral. A tornar livre o desejo, tornar possível a visibilidade, viável o encontrar-se como alguém que habita um lugar e é por ele reconhecido ou sente-se nele importante: alguém que valha a pena ser vivido!!

#### 4. Do lugar nenhum a um lugar possível: a fotografia revelando Água Mineral

*“Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito.”*

Isak Dinesen (in Hanna Arendt, 2004. p. 188)

Até aqui, como foi visto nos capítulos anteriores, esta dissertação buscou apresentar uma reflexão sobre a importância do lugar e do modo como ele é percebido para a constituição do sujeito. Apresentamos Água Mineral, uma comunidade localizada no município de São Gonçalo. Apresentamos também uma situação peculiar: esta comunidade não existe nos registros oficiais da cidade; ela é invisível. E invisíveis parecem ser os seus moradores; pelo menos esta é uma experiência subjetiva que nos foi possível identificar ao longo de nossa pesquisa. A experiência da invisibilidade, afirmamos, deixa marcas no sujeito e seus efeitos são sentidos e vivenciados no seu cotidiano. Mas precisamos, igualmente, buscar saídas, encontrar alternativas e abrir frentes de escuta para que esses moradores possam falar das suas dores, seus sofrimentos, das suas lutas, dos seus orgulhos... Precisamos criar um espaço de existência para aqueles que não existem aos olhos dos outros, quiçá para si mesmos, pois o espelho em que olham lhes é opaco.

A discussão teórica até aqui tentou enfatizar o lugar como produtor de identidade. Analisamos que o sujeito se identifica com o lugar e este ganha um lugar representacional no seu imaginário. Poderíamos dizer que carregamos conosco um pouco do que é o lugar, assim como o lugar é um pouco do que somos. Como já nos disse Gullar: *o homem está na cidade/ como uma coisa está em outra/ e a cidade está no homem/ que está em outra cidade*. No caso dos moradores de Água Mineral, o que se apresentou para nós, e por isso buscamos aquelas leituras que nos oferecessem uma compreensão a respeito de uma experiência subjetiva que traz sofrimento ao sujeito, foi a invisibilidade pública. Morar em um lugar nenhum, como muitos assinalaram, confunde-se com um sentimento de ser ninguém. Lugar invisível; pessoas invisíveis. Foi esta a relação que buscamos estabelecer no âmbito desta dissertação. Mas não ficamos paralisados diante disto. Não desejamos apenas ressaltar uma situação, desejamos mais: intervimos.



#### 4.1. A aproximação com o campo: o “eu” volta à cena

Em 2003, comecei a trabalhar no Instituto Promundo, uma ONG brasileira que desenvolve, em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisa sobre a Infância (CIESPI, em convênio com a PUC-Rio), o projeto Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias para Crianças e Adolescentes. Este projeto, que tem como objetivo fortalecer as bases de apoio formais e informais<sup>1</sup> para as crianças e adolescentes era, naquele momento, desenvolvido em três comunidades de baixo poder aquisitivo na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana: Bangu, Santa Marta e Água Mineral.

Há dois anos, atuando nas três comunidades como integrante da equipe do Projeto Bases de Apoio, compreendi que o espaço comunitário, na sua complexidade, era, para mim, um campo e objeto de estudo. Cada uma das três comunidades tem as suas particularidades, são diferentes entre si, são plurais. Bangu e Santa Marta por serem as primeiras comunidades em que o projeto começou a ser desenvolvido, já estavam bastante assimiladas no cotidiano da minha prática. Além disso, embora diferentes, estas duas comunidades tinham algo em comum: um enfrentamento real com a violência provocada pelos conflitos entre grupos rivais do tráfico e entre traficantes e a polícia. Este aspecto, além de outros como a precariedade do acesso e garantia dos seus direitos e o não reconhecimento dos seus modos de existência, também vivenciado em diversas localidades na cidade do Rio de Janeiro, vem sendo amplamente explorado pela mídia e analisado por pesquisadores do campo das Ciências Sociais e Humanas (Silva, J.S., Soares, L.E., Vergne, C, Vilhena, J, Zamora, M.H.). Estes, em especial, têm se dedicado a desconstruir um certo olhar, tido como “oficial” dirigido sobre as favelas cariocas que, carregado de pré-conceitos, as vêem como um lugar de risco ou espaço de *ausência*, e define seus moradores ou como

---

<sup>1</sup>Segundo Rizzini, Barker & Cassaniga (2000), bases de apoio são:“... os elementos fundamentais que compõem os alicerces do desenvolvimento integral da infância. São recursos familiares e comunitários que oferecem segurança física, emocional e afetiva a crianças e jovens.” Esses recursos podem ser tanto formais como informais. Os formais são aqueles que se referem a organizações, instituições e grupos instituídos, tais como creches, iniciativas complementares ao período da escola, aulas de reforço escolar, atividades de recreação, esporte, cultura, música, teatro, lazer, etc. Os apoios informais são os provenientes da família, incluindo aqui a família estendida, parentes e amigos.

carentes, ou como criminosos. Água Mineral, diferente dessas duas comunidades, tinha como marca a não violência do tráfico mas, como elas, possuía precariedade de acesso, não garantia de seus direitos e o não reconhecimento dos seus modos de existência. Porém algo pior, talvez, a marcava: Água Mineral não existia no mapa da cidade...

Diante da inexistência de estudos sobre esse lugar e o modo como seus moradores pensam o viver naquela comunidade, surgiu em mim o desejo de conhecer melhor onde eu estava trabalhando. Porque trabalhar em um lugar e dele nada saber traz, para mim, profissional da área de psicologia, uma questão: como é viver neste lugar?

A esta altura o tema da invisibilidade ainda não se havia apresentado para mim. Eu era recém-chegada em Água Mineral. Tudo lá me interessava: as pessoas, as ruas, as casas, o jeito de falar, de vestir, a paisagem, a tranquilidade, o silêncio, a brisa... Tudo era novo e era preciso tempo para conhecer aquele lugar, aquela gente.

#### **4.2. E o tema foi surgindo...**

Em certa ocasião estava na Maré, participando de um evento cultural promovido por uma instituição local, que lá desenvolve suas ações, com o engajamento dos moradores. Havia uma instalação com fotografias que registravam fatos, pessoas e a própria arquitetura da favela que, de certo modo, inseria o morador ou o visitante no registro de uma história singular. Ao adentrar a sala onde estava montada a instalação, eu fui surpreendida pela fala de uma adolescente (moradora da Maré): *“foi você que colocou essas fotos aqui?”*; quase sem nada entender, respondi: *“não, por quê?”* e ela me explicou: *“porque ouvi dizer que essas fotos são antigas e só agora que elas foram encontradas. Agora a gente pode ficar conhecendo quem são os moradores da Maré.”* Essa fala, de uma adolescente, moradora de uma localidade que conta a sua história e que se faz ver a partir de um olhar que é de dentro, registrado por quem lá viveu e/ou vive, mostra que algo, ali, faz sentido. Ver-se e mostrar-se, através das fotografias,

parece dar passagem à produção de sentidos e a uma resignificação do sujeito dentro de seu próprio contexto social e subjetivo.

Mais tarde, na ocasião da elaboração do projeto para o mestrado, inquieta em conhecer e realizar um estudo sobre o olhar dos moradores de comunidades populares sobre o lugar onde vivem, tive a oportunidade de apresentar a proposta para o coordenador do projeto Olhares do Morro, localizado na favela Santa Marta, zona sul do Rio de Janeiro. Vincent mostrou-se interessado na pesquisa e na possibilidade de ter alguém com “um olhar como o meu” acompanhando os jovens do projeto. Talvez ele tivesse a expectativa de que eu, psicóloga, poderia oferecer algum tipo de atendimento para aqueles jovens que considerava “mais problemáticos”. Na verdade, sem que esta percepção pareça pejorativa, penso que Vincent tinha uma grande sensibilidade e sabia reconhecer que estava trabalhando e oferecendo um instrumento que provocaria e promoveria transformações na vida daqueles novos fotógrafos. Podia compreender que o fato de os jovens fotografarem a própria comunidade, ou seja, fazê-los ficar “frente a frente” com a sua realidade, com a sua história, com seus sonhos, este processo faria emergir questões com as quais não tinha ou não se sentia em condições de lidar sozinho, como fotógrafo, coordenador do projeto.

Desta forma acompanhei o grupo por alguns meses, realizei algumas entrevistas com os jovens, buscando compreender o impacto do processo de fotografar nas suas vidas. A partir destes encontros uma questão se apresentou para mim: os jovens do Olhares do Morro queriam mostrar a sua comunidade segundo o seu próprio olhar. E talvez mais, queriam que fossem vistos para além dos limites da própria favela, ou seja, desejavam ganhar visibilidade, desejavam ser conhecidos, reconhecidos. Desta experiência surgiram as primeiras perguntas: qual a importância da visibilidade na nossa sociedade? Se os jovens necessitam de visibilidade, reconhecimento, é porque se sentem invisíveis, desapercebidos? Como deve ser a experiência de se sentir invisível na própria cidade, para os outros e entre os outros? Qual contribuição pode a fotografia dar neste processo?

Infelizmente<sup>2</sup> eu e Vincent não conseguimos sustentar o nosso contato e nossa proposta, embora ainda hoje eu receba emails sobre seu projeto, o que me mantém sempre atualizada dos seus avanços, conquistas e novos trabalhos!

Mais tarde, já no mestrado, tive a oportunidade de conhecer o fotógrafo, coordenador do projeto Imagens do Povo, desenvolvido na favela da Maré. O contato foi facilitado por meu coordenador no Instituto Promundo. Na ocasião estávamos negociando uma parceria para o desenvolvimento de um projeto com jovens e fotografias. João, o fotógrafo deste projeto, foi meu principal interlocutor. Apresentei a ele meu projeto de pesquisa e ele me convidou para conhecer o espaço do Imagens do Povo, na Maré. Na visita, conheci alguns jovens fotógrafos que já tinham muito bem definido o seu trabalho, o seu olhar para a comunidade, tinham imagens sobre os mais diversos aspectos da favela: a vida religiosa, a pobreza, a violência, a infância, as brincadeiras, as belezas, o trabalho e os trabalhadores... as pessoas, os moradores... Foi muito rico para mim este contato.

A partir dali, percebi que os jovens destes projetos tinham dado a suas comunidades e a si mesmos as suas imagens. E isto fazia com que a relação com a comunidade fosse outra, a relação consigo mesmo, com a cidade, com outros jovens, tinham sofrido, ou poderiam sofrer, transformações. Seus olhares eram críticos e buscavam imagens que lhes representassem, como acreditavam que deveriam ser representados.

Depois do encontro na Maré, do contato com o Imagens do Povo e da experiência no Olhares do Morro algumas questões a mim se impuseram em relação ao trabalho que eu efetuava na comunidade de Água mineral: e os moradores de Água Mineral, quem os conhece? Quais seriam as suas imagens? Qual o olhar dos jovens desta comunidade sobre o lugar onde vivem? Que imagens eles produziriam para falar do viver em Água Mineral? O que é Água Mineral para os jovens que lá habitam? Como eles se vêem, morando em um lugar que não existe no mapa? Será que esta seria uma questão para eles, ou apenas para mim, como estrangeira daquele lugar? Será que esses moradores gostariam de se

---

<sup>2</sup> O projeto Olhares do Morro alugava o espaço onde anteriormente localizava-se o Posto de Saúde da comunidade. No início de 2004, a nova gestão da Associação de Moradores solicitou a entrega do local para a re-instalação do Posto da Saúde. Deste modo, o projeto Olhares do Morro mudou-se e este processo levou vários meses. Ao final, conseguiram o espaço da Jocum e hoje também desenvolvem a TV Olhares, um canal comunitário, com programas e matérias produzidas pelos jovens moradores do Santa Marta.

conhecer e se fazerem conhecidos? Será que utilizando um recurso como a fotografia, instrumento da visualidade (e visibilidade), sendo eles moradores de um lugar “que não existe”, “invisível”, não se poderia assim dar visibilidade a essas pessoas, podendo, assim, estas se verem e serem vistas?

Com estas questões em mente, busquei, inicialmente, conhecer como os moradores viam o lugar onde moram, utilizando a fotografia como instrumento, com o intuito também de que as imagens desfizessem aquilo que estamos (ou somos) acostumados a ver e a pensar sobre as comunidades populares e faveladas do Rio de Janeiro. No entanto, ao olhar para Água Mineral percebi que nesta comunidade sequer havia imagens construídas externamente para contestar ou desconstruir. Ninguém de fora sabia deste lugar. A partir desta constatação, pressupus que havia uma construção social sobre este lugar que não estava explicitada. Tive, então, a curiosidade de conhecer como estes moradores viam a sua comunidade e a si mesmos nela inseridos. Esta curiosidade não adveio do nada, foi resultado de um entremear das experiências anteriores com os projetos no Santa Marta e Maré e o meu trabalho em Água Mineral. Diferente daqueles projetos, em Água Mineral era preciso construir imagens, revelar um olhar que só se fazia presente para os que lá habitam.

Essa construção de imagens só se faz possível em um entre-jogo de olhares: entre o de dentro – o morador - e um de fora – a pesquisadora. Para os moradores de Água Mineral eu representava o elemento externo, aquele que não a conhecendo estava aberta a vê-la, a descobri-la. A minha presença por si só já dava a eles uma sensação de existirem fora de lá. Eles poderiam imaginar e talvez terem quase uma certeza de que eu falasse deles para além daqueles momentos que partilhávamos no trabalho que desenvolvia na comunidade ....

Aí, então, adveio a consigna: *Como você vê o lugar onde você mora? O que é Água Mineral para você?* Não fiz uma proposta de mostrar algo diferente do que já havia lá, e sim mostrar o que há e o que é Água Mineral, pois eu não a conhecia como esses moradores, mas queria conhecê-la. Eu somente ia lá, trabalhava, e voltava para um outro lugar. Eu não residia em Água Mineral. Eu poderia ter algumas hipóteses do que seria morar lá, afinal eu passava algum tempo convivendo com aquelas pessoas, mas eu não podia afirmar que Água Mineral era isso ou aquilo, ou se assim fizesse, seria no mínimo algo impositivo:

eu não era dali, eu não poderia jamais representá-los, mas eu poderia dar a eles voz e imagem, exatamente por ser de outro lugar!!

Afirmo que a grande diferença da proposta do meu trabalho com aqueles que anteriormente tive contato foi o fato de eu não ter dentro de mim uma imagem a ser desconstruída, eu somente tinha imagens advindas do meu contato diário com essas pessoas, não havia em mim rótulos, ou sequer pré-conceitos, afinal Água Mineral ainda era um mistério para mim e para a equipe com a qual trabalhava. Acredito que com essa consigna, eu tenha propiciado um espaço, digamos, transicional, ou seja, dei a esses moradores a possibilidade de escolher entre tantas coisas tantas vezes vistas aquelas que eles nomeariam como sendo Água Mineral. Tanto o ônibus, a bolsa, o verde, a escola, as ruas, as crianças, tudo isso já estava lá, mas parecia que por fazerem parte do dia-a-dia dessas pessoas elas eram quase que invisíveis para elas também. E aí eu cheguei e pedi que reolhassem a comunidade para que eles pudessem me dizer o que eles e ela eram. E de repente ônibus virou muito mais que ônibus... criança virou muito mais que só mais uma criança brincando na rua como todo dia... O cotidiano virou, digamos, arte... será? E assim esses moradores tomaram *posse* de Água Mineral.

Mas como eles tomaram posse de seu espaço? A proposta de eles me mostrarem como seria Água Mineral necessitava passar por um registro, fosse ele qual fosse: desenho, discurso, imagem. Escolhi como instrumento de registro a fotografia seja porque eu já tinha, como já foi anteriormente relatado, as experiências do Olhares do Morro e do Imagens do Povo, seja porque do meu ponto de vista, fotografar é um gesto do existir.

Tinha como pressuposto que morar em um lugar que não existe no mapa causa algo em seus habitantes. No meu ponto de vista, este fato concreto implicaria em uma experiência subjetiva que eu não sabia nomear, tanto menos compreender ou explicar. Escolhi a fotografia porque é, justamente ela, um instrumento de visualidade. Ou seja, se eles não existiam em nenhum lugar físico, apenas na concretude da própria existência, agora poderiam ver-se e, portanto, passar a existir nas suas próprias imagens.

Entregar uma câmera fotográfica para alguém e pedir que registre o seu lugar ou responda uma pergunta qualquer como, por exemplo, “como você vê o lugar onde mora?” é, de alguma maneira, constar a existência deste sujeito. Algo dele será revelado. Não apenas serão reveladas as imagens de uma comunidade

desapercebida, mas emergirá o modo como *aquele sujeito* a percebe. Ou seja, a fotografia implica uma presença; a presença de quem fotografa – e se for o caso, de quem é fotografado. Deste modo, comunidade e sujeito aparecem. Logo, a fotografia serve como instrumento para desvelar ambos.

O ato de fotografar a comunidade daria aos moradores de Água Mineral, no meu entender, a possibilidade de olhar, ressignificar e de construir em suas memórias e no seu imaginário um lugar de pertencimento, um lugar existente e que daria a eles também um estatuto de existência. Afinal de contas, como nos diz Hanna Arendt (2004), existir é entregar as suas imagens à sociedade.

Quando pensei no recurso da fotografia, da máquina, reparei que a idéia de convidar os moradores a fotografarem a comunidade veio depois da percepção por minha parte de que essa comunidade era marcada pela invisibilidade. Eu não queria simplesmente “bater fotos”. Interessada em fotografia entendia que esta poderia ser um instrumento de captura de um olhar ou de múltiplos olhares e disparador de um discurso sobre o qual poderíamos tecer um entendimento sobre aquele lugar e a forma de nele ser e habitar.

Eu precisava das fotografias para compreender aquele lugar e aquela gente, porque elas eram o registro não somente físico desta comunidade, eram igualmente um pouco de cada um daqueles que optaram por participar desta pesquisa. Por isso as fotos tinham que ser tiradas pelos próprios moradores. Somente eles poderiam mostrar o próprio olhar, e assim, criar suas próprias imagens. Mas estas fotografias não eram imagens isoladas. Eu deveria ouvir também o significado dado a elas por quem as tinha tirado.

Esses atos de ouvir e contextualizar as fotos tiradas estão apoiados no pensamento de Hanna Arendt que afirma que o existir no espaço público advém de uma ação e um discurso, já que é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano. Foram realizadas, então, entrevistas com cada um dos participantes para justamente falarem sobre suas imagens e o processo de fotografar a comunidade.

Será que o ato de fotografar e a própria fotografia operariam alguma mudança subjetiva naqueles que se aventurassem na tarefa de registrar a comunidade como eles a vêem?

### 4.3. A fotografia não é somente um registro físico

As pesquisas em psicologia vêm sendo fortemente favorecidas pelo uso da fotografia como recurso metodológico. Em um artigo sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia, Neiva-Silva e Koller (2000) descrevem quatro funções principais da fotografia utilizadas em diferentes métodos: registro, modelo, feedback e autofotográfico. Os autores destacam e nós, para os fins desta dissertação, também destacaremos o método conhecido como autofotográfico. Segundo os autores, esse método implica em entregar uma câmera fotográfica para os participantes, explicar como manuseá-la e, posteriormente, solicitar que respondam a uma questão específica. Após a revelação do filme, é analisado o conteúdo das fotos. Em parte dos estudos também são realizadas entrevistas com os participantes para que possam ser relevadas suas percepções sobre cada fotografia. Nas pesquisas que utilizaram o método autofotográfico, alguns autores pediram aos participantes que escolhessem as imagens percebidas como as mais importantes; que estabelecessem uma ordem a partir das fotos que consideravam mais significativas; ou que escrevessem uma legenda para cada foto ou um parágrafo sobre um conjunto delas. De outro modo, as entrevistas poderiam ter como objetivo aprofundar as percepções dos participantes a respeito das fotografias. Do método autofotográfico, foram ressaltadas algumas vantagens que valem ser aqui destacadas:

- não depende da habilidade verbal ou escrita dos participantes, que segundo os autores possibilita uma maior expressão de si - os participantes podem revelar o seu “eu” com mais facilidade, sem as limitações impostas pela linguagem verbal;
- não é o pesquisador quem direciona ou induz o olhar do participante. As imagens são resultado da implicação do participante com a questão que lhe foi apresentada, portanto somente ele pode selecionar seus estímulos;
- as instruções - a questão a ser respondida pelo participante - são dadas de uma forma intencionalmente vaga;
- no método autofotográfico não apenas as fotografias são levadas em consideração, mas o sujeito que fotografa também. Deste modo, o que se destaca é o conteúdo e o processo;



- O conteúdo refere-se às fotografias em si, às imagens escolhidas individualmente, sejam elas de pessoas, lugares, atividades, objetos... o conteúdo também pode se referir a algum aspecto afetivo que vai além da cena concreta visualizada;
- o processo é a dimensão que caracteriza a forma como a pessoa interage, responde e compreende o mundo ao seu redor. Portanto, na função autofotográfica, importa tanto o autor da foto quanto a sua percepção sobre as imagens registradas pela própria pessoa;
- no método autofotográfico uma vantagem é que as categorias de análise estão implícitas nas próprias fotografias e, além disso, propicia uma oportunidade de as pessoas se mostrarem, mostrarem o quê e como pensam através de um instrumento bastante acessível, a fotografia.

Descrevo o método autofotográfico neste momento por compreender que, em alguma medida, ele contribui para pensarmos a intervenção em Água Mineral. Seu procedimento, o uso da fotografia na pesquisa em psicologia, não se resume a uma análise das imagens registradas. Ele faz revelar o sujeito da pesquisa, ou seja, o sujeito que fotografa. Por isso pensamos ser a fotografia um instrumento que revela um gesto do existir. Fotografar implica em uma presença e é nesta presença que o sujeito se retira de uma situação de invisibilidade para a de visibilidade, do não ser para o ser. A fotografia, podemos considerar, inaugura novas formas de pensar um sujeito no mundo e de o sujeito pensar a si mesmo e seu lugar, suas coisas, suas histórias.

Gomes (2004), em seu projeto bastante original sobre a utilização da fotografia no campo da pesquisa científica, explicita que o registro de um ambiente ou de aspectos deste ambiente, de pessoas e ações de uma dada cena possibilita que todo um sistema, que não necessariamente esteja em foco, venha a tona, instigando o imaginário a percorrer outras realidades. Segundo a autora, a imagem pode captar a experiência, podendo, ela mesma gerar experiência, por isso pode-se dizer que ela produz subjetividade. Sobre isso destacamos:

Se pensarmos a fotografia como um instrumento capaz de captar a realidade e a experiência, mesmo que de forma parcial e incompleta, pode-se pensar que ela se faz presente na constituição das subjetividades, tratando de demonstrar “em que condições e com que características vão se organizar os campos da experiência ao longo da vida social” (Naffah Neto, 1993:202 apud Gomes, 2004)

Perceber a interação do domínio da técnica fotográfica com o lado subjetivo - o olhar do fotógrafo - nos traz uma outra dimensão da imagem, ou seja, a dimensão da criação possibilitada pela intervenção no real através de um instrumento técnico - a câmera fotográfica. A imagem impressa na foto, ao mesmo tempo em que aprisiona o instante, se oferece como uma máquina espaço temporal transportando o sujeito para outro lugar e outra temporalidade. A fotografia pode, assim, mudar o estatuto das coisas, uma vez que possibilita a idéia de “descoberta”.

Além da leitura dos trabalhos de Neiva-Silva e Koller (2000) e de Gomes (2004), também é interessante destacarmos algumas contribuições interessantes de Costa (2004) sobre a fotografia. Na pesquisa deste autor, sobre a invisibilidade pública dos garis da USP, em algum momento ele se deparou com a necessidade de usar o recurso da fotografia, e esta experiência lhe trouxe algumas reflexões apropriadas igualmente para esta dissertação.

Costa (2004) evidencia que a fotografia é mais do que um registro físico, o processo de formar e fixar sobre uma emulsão fotossensível a imagem de um objeto. Tal definição não se faz suficiente para descrever fidedignamente todas as conotações psicológicas e sociais que uma foto carrega. O registro físico impresso em papel leva consigo o que teriam sido momentos, passagens da vida; é uma forma de representação de lugares ou pessoas que são especiais, um símbolo guardado, uma peça que reaviva a memória.

Fotografar a própria comunidade, dar a ela as suas imagens permitiu que seus moradores pudessem falar deste lugar e dar novos significados, ou pelo menos pensar sobre como significam o lugar onde moram. A fotografia ressignifica o espaço até então significado como um nada, um lugar nenhum, um lugar que não existe no mapa e por isso esquecido e invisível. O fotografar, o olhar de novo para a comunidade através da máquina do ver possibilita que o morador dê a este lugar o estatuto de existente, já que pode ser, agora, através das suas próprias imagens, representado em imagens.

#### 4.4. E a intervenção acontece....

Ao longo deste ano, tive a oportunidade de apresentar a proposta de intervenção para quatro jovens de Água Mineral. Como foi exposto anteriormente, trabalho nesta comunidade desde 2003 e, desde então, meus contatos na comunidade, se não eram diretamente relacionados aos jovens, acabavam sendo intermediados por eles.

Desta forma, expliquei a cada um, individualmente, que eu estava procurando conhecer melhor Água Mineral e, principalmente, como eles viam a comunidade em que vivem. Tendo deles a resposta de que desejavam participar da pesquisa, entreguei-lhes uma máquina fotográfica com a qual fariam seus registros tentando responder às perguntas: *como eu vejo a minha comunidade? Como é esta comunidade para mim?*

A câmera era descartável e continha 24 poses. A escolha por este número de poses foi baseada nas conclusões de Neiva-Silva e Koller (2002) a respeito de outras pesquisas que utilizaram igualmente a máquina fotográfica como instrumento de registro. Os autores constataram que 12 poses eram insuficientes para que as análises fossem mais aprofundadas tanto quantitativa quanto qualitativamente. Especialmente no último caso, a possibilidade de diversidade de conteúdo ficava limitada. Por isso, sugerem que um número entre 20 e 24 poses seria mais apropriado para fazer emergir diferentes respostas para a consigna proposta.

Esses jovens tiveram uma semana, aproximadamente, para fazer os registros. Posteriormente, com as fotografias reveladas, marcamos uma entrevista. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada jovem, em um ambiente escolhido por eles (em todos os casos foi a sua própria casa). A consigna “*como eu vejo a minha comunidade*” era bastante abrangente o que permitiu aos jovens uma maior liberdade para se expressarem.

Portanto, na entrevista, nossos objetivos eram o de conhecer e aprofundar a compreensão dos significados dados por cada jovem às imagens registradas. Algumas questões nortearam a entrevista:

- Quais fotografias melhor retratam a sua comunidade?

- O que você destaca ou deseja destacar nesta fotografia?
- Para você, como a sua comunidade é vista por quem não mora nela?
- O que significou fotografar para você?

Além disso, também foi pedido a eles que escolhessem, entre todas as fotos tiradas, aquelas que mais significavam o que era para eles a sua comunidade e que as nomeassem. A nomeação para mim era importante para que fossem melhor clarificados os pontos que estavam sendo tratados ao longo das entrevistas. Quando eles “davam um título” à imagem, esta deixava de ser apenas uma imagem descontextualizada; este ato de dar um nome implica o sujeito naquilo que ele está mostrando. A posteriori, foi-nos possível fazer uma análise por conjunto de imagens associadas a um determinado tema, advindo dos nomes dados às fotografias.

Os jovens que participaram da pesquisa possuem uma história, e antes de analisar as fotografias e as respostas dadas na entrevista irei apresentá-los. Tento, assim, tornar visíveis aqueles que, para qualquer um que não os conheçam ou nem saibam onde fica Água Mineral, seriam somente ou uma inicial de um sujeito em uma pesquisa, ou apenas uma fala e uma imagem. Mas essa imagem ou imagens e essas falas dizem também respeito a quem as tirou, como bem mostrei acima. São esses rostos sem rosto, que aqui serão esboçados, que trago à cena agora. Não posso falar de visibilidade sem dar rosto, mesmo que imaginariamente concebido, a quem da pesquisa fez parte. Por isso não há iniciais, há nomes; por isso há vida relatada, contextualizada. Não há somente o ato de fotografar, a imagem produzida e o discurso falado sobre essas imagens, há o autor se fazendo presente, há pessoas, não há seres humanos invisíveis.... São todos moradores de Água Mineral, mas isso diz pouco deles, todos têm uma mesma origem e talvez algumas histórias em comum, mas isso igualmente pouco deles diria... Então, quem são aqueles que por um ano me acompanharam nesse descobrir e desvelar do que seria Água Mineral?

Ariela tem 25 anos e vive em Água Mineral desde que nasceu. Atualmente se divide entre a casa dos pais e a da avó. Esta, por já ter bastante idade, precisa de companhia à noite e é Ariela quem fica com ela. Tem quatro irmãos mais novos, sendo a menor de três anos de idade. Não fala muito a respeito de seus pais. Fez formação de professores e chegou a montar uma creche. Desde 2004, participa do

projeto fortalecendo as Bases de Apoio familiares e Comunitárias desenvolvido pelo Instituto Promundo em parceria com o CIESPI na sua comunidade. Segundo ela própria, a participação no projeto lhe acrescentou uma maior reflexão sobre o lugar onde vive e também fez despertar uma curiosidade em relação a história do local. Chegou, inclusive a pensar em realizar uma pesquisa na comunidade com os moradores mais antigos e, este foi o fator de aproximação dela com a pesquisa desta dissertação. Seu sonho é ver a comunidade se desenvolver e poder contribuir para isso. Acreditava, na ocasião da pesquisa, encontrar-se em um momento de gestação da comunidade. Como representou em uma de suas fotografias, a moça grávida já prestes a ganhar o bebê simbolizava a sua expectativa em relação aos seus projetos para a Água Mineral; de algo novo estava por vir.

Roger tem 19 anos e está concluindo o terceiro ano do ensino médio. Mora com os pais e os irmãos, uma menina e um menino, também adolescentes. Tem o sonho de entrar na faculdade e cursar psicologia e música. Toca guitarra em uma banda da sua igreja e atualmente foi convidado para tocar também em outras bandas. Na escola, preside o Grêmio Estudantil e na comunidade já participou de vários projetos, como o Bases de Apoio – através do qual nos conhecemos – e recentemente coordena atividades na Biblioteca Infanto-Juvenil e na rádio da comunidade, projeto igualmente desenvolvido pelo Instituto Promundo com o apoio do Instituto C&A. É um jovem inquieto, criativo e que busca alcançar o que deseja com determinação.

Clara tem 22 anos. Mora, atualmente, com a avó e duas irmãs. Os pais são separados e a mãe foi passar um período no interior de Minas Gerais para cuidar da saúde da sua bisavó. Ela é Testemunha de Jeová e realiza seu trabalho bíblico diariamente na comunidade. Desde 2004 participa do projeto Bases de Apoio, já tendo dividido seu tempo com outros trabalhos temporários, como garçonne em um restaurante da cidade. Quando soube que eu estava realizando uma pesquisa na comunidade com fotografia, ela mesma se ofereceu para participar; disse-me “acho que tenho muitas coisas para mostrar”. Não tive dúvidas. Ela gosta muito de fotografia e adoraria fazer um curso ou que na comunidade tivesse algum projeto neste sentido. Atualmente está noiva, com casamento marcado para o próximo ano.

Douglas tem 17 anos e concluiu o segundo ano do ensino médio. Filho de mãe nordestina, vinda do interior da Bahia. Do pai não tem notícias há muito

tempo, há 13 anos não o vê. Mora com a mãe. Tem um irmão casado e um sobrinho, que moram ao lado de sua casa. Conheci Douglas neste ano, 2005 no projeto Participação Sintonizada<sup>3</sup>. Douglas é um dos jovens do projeto. Garoto tímido, disse-me, certa vez que buscou o projeto justamente em decorrência da sua timidez. Queria encontrar algo que o fizesse poder se expressar melhor. Ele foi o último a quem apresentei a pesquisa e fiz o convite para participar fotografando a comunidade como ele a vê. Parecia até orgulhoso ao aceitar o convite. Depois fez questão de ficar com as fotos, mostrar para a mãe.

Em Água Mineral, das imagens e das vozes de seus moradores ouvimos a respeito de uma experiência subjetiva da invisibilidade. Foi-nos possível escutar de uma dor, de um ressentimento, de um tormento, de uma mágoa... Como também vimos e escutamos seus sonhos, a esperança que não morre, a reflexão e a crítica.

## **Escolhas: imagens e falas tecendo Água Mineral**

### **Água Mineral é um lugar: quando a invisibilidade se faz visível.**

**Os sonhos cortados de uma geração, olhar com mais carinho, o descaso e a falta de oportunidade:** estes foram os nomes dados às fotos que vocês verão a seguir. Esses nomes nos remetem a uma questão interessante ao pensarmos sobre a invisibilidade. Os efeitos desta invisibilidade para quem habita em um lugar, como apontamos ser Água Mineral, marcado inúmeras vezes nas falas dos entrevistados como um nada, onde não há nada de interessante para se fazer ou nenhuma perspectiva, seriam o vazio subjetivo, a vergonha de dizer que mora lá, o não acreditar em melhoras, o não acreditar nos próprios sonhos, a indiferença, o sentir-se estrangeiro, como se num lugar desacreditado, habitassem igualmente serem desacreditados, dessubjetivados.

---

<sup>3</sup> Participação Sintonizada, projeto que objetiva promover o desenvolvimento integral de crianças e de jovens, bem como de suas famílias e da comunidade onde vivem por meio da participação infanto-juvenil no rádio e na biblioteca comunitária. O projeto é uma iniciativa do Instituto Promundo em parceria com a Agência Radiofônica PontoCom Saúde, com o apoio do Instituto C&A.

Mas aqui é interessante também refletirmos em como essa invisibilidade é tornada visível. Podemos pensar nessa dialética. É justamente no tornar visível, ou seja, no ato de criar imagens e elaborar um discurso sobre o lugar, que o morador pode se deparar com situações não anteriormente pensadas ou, pelo menos, não significadas para eles. Quando identificam, através das fotografias tiradas, as suas valas abertas, os seus buracos e, a partir disso, começam a falar da sua história, da forma como enfrentam tais situações no dia-a-dia, em como buscam soluções, que esses moradores podem ressignificar o seu próprio lugar, o seu cotidiano e o seu modo de ser naquele lugar. Deparam-se com a imagem e, de repente, são perguntados a falar sobre ela. Neste momento em que imagem e discurso se entrecruzam e aquilo já tantas vezes visto passa a ser percebido.

Devemos, obviamente, imaginar que os buracos estão ali há muito tempo, que o ônibus demora a passar todos os dias, que há muito tempo os jovens estejam querendo sair de Água Mineral ou que seus moradores sempre tiveram pouco acesso a trabalhos que exigissem uma qualificação superior ao mínimo que eles podiam oferecer enquanto trabalhadores. Mas é no parar, olhar, pensar, falar e elaborar que o sujeito vai se colocar como tal no mundo e procurar transformar a sua realidade.

Vejamos e ouçamos agora Ariela, Roger, Clara e Douglas.

## Os sonhos cortados de uma geração



Figura 11

Quando eu olhei para essa árvore, eu pensei o seguinte. *Água Mineral, ela tem uma história*, minha vó sempre conta que, até outras pessoas contam que através dessa Estância, Água Mineral era muito movimentada, tinha um movimento, um fluxo de pessoas muito grande. Se isso continuasse, Água Mineral poderia ter, hoje poderia, de repente eles poderiam ter tratado da água da lagoa, poderia ter até um ponto turístico aqui dentro e não teve, por quê? Porque alguém que comprou aquele lugar não soube gerenciar e deixou acabar, deixou morrer. *Água Mineral foi cortada, aquilo que ela tinha, que tava florescendo, foi cortado. E o ramo que tá nascendo, ele tem nascido cheio de espinhos. Os jovens que estão nascendo em Água Mineral, eles não têm o sonho de melhorar Água Mineral, eles têm o sonho de sair de Água Mineral, e muitos até prejudicam o lugar, trazendo o tráfico, se envolvendo em prostituição, eu acho que são os espinhos. O galho tá bem prejudicado, depois desse corte, ele foi bem prejudicado.* (Ariela)



## Olhar com mais carinho



Figura 12

*Aqui, as pessoas não tem emprego, então elas se viram do jeito que elas podem. Esta aqui é uma pensão de comida caseira. Cada um faz um pouquinho, uns fazem pintura para vender, outros fazem bolo, torta, outros fazem comida para vender, é bastante amplo esta questão de pensão aqui na Água Mineral. Porque tem as empresas né, que embora não contratem funcionários que sejam da comunidade, mas gera uma renda, porque as pessoas têm que comer, então as pessoas que trabalham com comida caseira se dão bem nesta área. (Clara)*

*Outra parte que eu vejo que é deixada de lado pela prefeitura mesmo, pelos governos, deixada de lado, por exemplo nesta rua que dá acesso a um Hospital Geral, um hospital estadual, uma rua, precariedade, lama, buracos onde não se passa mais Ônibus por aqui, porque tá neste estado... (Clara)*

## O descaso



Figura 13

Aqui eu quis retratar assim, *como as autoridades descartam esse lugar*, por que uma vez eu ouvi, não lembro quem, se foi S.D., *foi reivindicar a pavimentação das ruas e na prefeitura as ruas já estão pavimentadas, lá, para eles, já está tudo certo, mas aqui, pode ver, falta de saneamento básico...* (Ariela)

## Falta de oportunidade



Figura 14

Sabe barraco mesmo, extrema pobreza mesmo, *de madeira toda caindo, sem condição. Isso aqui é de extrema pobreza.* (Roger)

## A cara do nosso presente



Figura 15

Esse aqui é um trabalhador, *pelas roupas dele, é um trabalhador típico de Água Mineral*. A maioria é assim, tão indo pra trabalho de camiseta, de bermuda, alguns vão de sandália de dedo, então você vê que não é um lugar muito formal, *você vê que não é um trabalho assim, como eu vou dizer, você não vê advogados, médicos, não é um trabalho de formação acadêmica, são trabalhos bem populares*. A maioria dos trabalhadores aqui são peões de obra, pedreiros, caminhoneiro, mecânico, vendedor, outras profissões assim, mais de nível acadêmico, superior é muito difícil. Muito, muito difícil mesmo. (Ariela)



## Água Mineral para além de não existir no mapa

**Beleza, Cartão Postal, Ligação com a natureza, Bem equipada, Qualificada:** estes foram os nomes dados para as fotos que iremos mostrar agora.

Diante da pergunta feita “como você vê o lugar onde você vive?”, “o que você gostaria de mostrar sobre Água Mineral?” a primeira face apresentada é a da revolta diante da constatação da invisibilidade social. A outra face, porém, é justamente aquilo que somente quem mora lá e vivencia as suas belezas e qualidades, pode mostrar.

Mais uma vez vamos trazer a voz e as imagens de Ariela, Roger, Clara e Douglas. Eles resgataram aquilo que a comunidade tem que a faz ser Água Mineral, independente de ser vista ou não. É como se pudéssemos dizer que eles são invisíveis, mas há algo lá para ser visto e eles vêem. Então é a beleza do lugar, o verde, a escola - que é pouca, mas tem - a biblioteca, o posto de saúde. Estes dois lados da moeda mostram uma diversidade dentro da própria comunidade: lugar tranquilo, procurado por famílias "com mais oportunidades", mas ao mesmo tempo com muita pobreza, falta de esgoto como foi visto anteriormente.

**Beleza**



Figura 16

É só a vista mesmo, acordar e dar de cara com esse morro, assim, é bem lindo, bem lindo... ainda mais quando está um dia ensolarado... (Douglas)

### Cartão Postal 1



Figura 17

O que me ocorreu ao olhar as fotos é que Água Mineral *é um lugar muito bonito, com muito verde e com uma cultura muito grande*, apesar de ser muito pobre, as pessoas são muito acolhedoras, muito gentis. (Roger)

*As matas, os animais. Uma comunidade muito rica, muito bela*, mas como eu continuo dizendo, pouco explorada, com poucas oportunidades. (Roger)

### Cartão Postal 2



Figura 18

Assim, *muito verde, muito verde*, a primeira foto que eu bati foi essa, *com muito verde*. E eu fui descendo, “e daí? a comunidade não é só esse monte de verde”, eu pensei, tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar. Mas tem algo mais do que isso. (Roger)



### Ligação com a natureza



Figura 19

Eu fui num lugar bem alto e pegar uma foto legal da comunidade, bem lá para baixo. *Eu enfatizei a parte dos morros, das matas que eu acho fascinante, acho que é a melhor parte do lugar é esse mato, esses morros, esse verde. Eu gosto muito.* Eu sei que eu queria que as pessoas valorizassem isso. Por que eu odiaria ter que morar no centro do Rio e só ver prédio, prédio. (Clara)

### Bem equipada



Figura 20

*Tem a sua organização, entre aspas, porque tem uma associação de moradores, um PSF, uma biblioteca, a escola que cuida das crianças. Eu acho que os pontos fortes são mais que os pontos fracos.* (Clara)

## Qualificada



Figura 21

*Vamos começar pela parte boa, né? A gente tem um Horto, da prefeitura, tem alguns brinquedinhos lá, mas é um espaço que tem área de lazer, pode se chegar, (...) temos uma Associação de Moradores que... digamos assim, é uma estrutura, como se fosse uma prefeitura, então é a prefeitura do bairro a associação de moradores (...) Tem um PSF (Programa de Saúde da Família), que fica dentro da Associação de Moradores, que é bastante importante você ter um núcleo de saúde próximo de casa para você poder recorrer até mesmo em uma ocasião de emergência mesmo e não ter que pegar uma condução para poder se medicar, para poder pegar um medicamento. Então isso facilita bastante. Temos uma Biblioteca comunitária que é realmente... importante para o desenvolvimento, ela é infanto-juvenil e hoje o que todos nós devemos procurar é fazer o jovem, desde criança gostar de ler, por que a gente vê que de um tempo para cá isso vem se perdendo, então quanto menos recursos a comunidade tem, menos acesso aos livros também. Então é importante uma biblioteca, os jovens daqui, uma quantidade razoável de crianças e jovens daqui sabem que existe essa biblioteca então sabem que existe recurso na comunidade que eles podem recorrer, se eles vão fazer aí já é consciência de cada um. (...) Nós temos o CIEP, é um núcleo de estudos para crianças do maternal até a 4ª. série e é a demanda da comunidade porque a maior quantidade é de crianças pequenas então é muito importante esse CIEP aqui. (Clara)*

## Um olhar para Água Mineral: a criança como metáfora

**Preocupada com as Crianças, Comunidade feliz e jovem, Esperança e Força**, estes nomes foram os escolhidos para as fotografias que mostraremos a seguir. Ariela, Roger, Clara e Douglas fotografaram crianças. São diversas imagens em que as crianças aparecem em diferentes situações, mas em seus discursos a infância é sempre significada como um “espaço-tempo” de esperança, de sonhos, de alegria. Além disso, a criança também é vista como alguém que necessita de cuidados, atenção, e de condições favoráveis para se desenvolver integralmente. As crianças são para estes jovens o futuro de Água Mineral.

Vejamos as imagens nomeadas e o que os jovens nos dizem delas:

### Preocupada com as crianças



Figura 22

Deixe-me ver.... ah, aqui, a biblioteca também promove oficinas de contação de histórias (...) Então, *digamos que praticamente tem sempre uma atividade para as crianças, uma atividade de contação de história, de lazer, divertida, onde elas podem brincar* (...) (Clara)



### Comunidade feliz e jovem



Figura 23

Aqui assim, neles três aqui assim, *essa brincadeira de criança, esse rir, criança rindo é prazeroso ouvir, ver uma criança sorrir, então isso me chamou bastante atenção. E por mais que tenha seus altos e baixos é uma comunidade feliz* até mesmo por não enfrentar muitos pontos baixos que uma favela enfrenta. (...) A comunidade é uma comunidade jovem, muitas crianças... *crianças são o nosso futuro, né.* (Clara)

### Esperança



Figura 24

E essa aqui, essa foto aqui foi uma das que eu mais gostei. O garotinho, ele que pediu para eu tirar uma foto dele “ei, bate uma foto minha” (...) Por que às vezes você vê uma foto, como essa aqui com o menininho na árvore, *você tá achando que ele tá brincando, que ele vive num lugar tranqüilo, num lugar bom, mas subindo lá a pobreza que ele vive, que está em volta dele, as coisas que colocam nele (?)*, as questões que colocam esse garoto são muito grandes (...) Meu olhar nesta foto estava aqui, neste garoto. Este aqui falou comigo, *eu quis registrar esse garotinho, você pode ver, em cima da árvore eu imaginei vai ficar muito maneiro*, vai mostrar o verde de Água Mineral, tem muito verde aí, as casas atrás, vai mostrar, vai dar algum impacto essas casas aqui e esse garotinho trabalhando, porque ele, *superfeliz, ele estava lá brincando rindo, trabalhando num sol de pelar em pleno feriado, num sol de rachar a testa, eu já não tava agüentando, só de andar, imagina ele trabalhando, num trabalho braçal*. (Roger)

### Força



Figura 25

*O que Água Mineral tem de bom, que pode fazer com que tudo isso mude, são as crianças. (...) Pelo jeito de ser, de viver, de sonhar, porque elas ainda não tiveram seus sonhos mortos, elas ainda têm esperança de conseguir algo melhor, se não investir, se não tiver alguém para investir, para ajudar, para fortalecer, vai continuar sendo o que é hoje, uma comunidade em que ninguém luta, que não sabe reivindicar, uma comunidade infeliz, oprimida...* (Roger)

(...) essas crianças que vivem em extrema pobreza, mas muito carinhosas, muito acolhedoras. Que tinham tudo para ser pessoas perturbadas, transtornadas e que ainda continuam sonhando, que ainda tem a alegria de viver, *isso que me encanta nas crianças, essa magia*. (Roger)

O destaque dado às crianças em Água Mineral me levou a refletir sobre a possível metáfora: Água Mineral é como uma criança. No que Água Mineral se parece com uma criança? Em que a criança e Água Mineral se aproximam? Por



que pensar Água Mineral como uma criança? Estes questionamentos, de um certo modo, encontraram um respaldo não apenas nas imagens nomeadas e já apresentadas, mas especialmente nesta que Ariela fotografa uma menina subindo um degrau de escada e nos diz:



Figura 26

*Essa aqui eu tirei, eu olhei ela subindo a escada e falei “pô, uma criança consegue, é uma criança, mas consegue fazer coisas complicadas, como por exemplo subir uma escada sozinha”. E Água Mineral é praticamente uma criança, uma comunidade jovem, uma comunidade nova. Ela não tem feito nada, mas ela poderia fazer algumas coisas, poderia mostrar algum tipo de independência, de autonomia, só que as pessoas ainda não se despertaram para isso. Mesmo sendo uma comunidade pequena, ela pode se desenvolver, ela pode dar passos. (Ariela)*

Olhemos a foto da Ariela: uma criança subindo um degrau de uma escada. Prestemos atenção na sua fala: “uma criança consegue fazer coisas complicadas como subir uma escada sozinha” e “Água Mineral é praticamente uma criança. Ela não tem feito nada, mas ela poderia fazer, poderia mostrar algum tipo de

independência, de autonomia. Ela pode se desenvolver, ela pode dar passos”. Muito bonita essa metáfora trazida por Ariela sobre a comunidade ser como uma criança, porque esta nos remete a uma questão fundamental para compreendermos o que vim falando até agora: de um lugar que não é visto, portanto não olhado, não cuidado, paralisado, e não podendo, muitas vezes, oferecer para seus próprios moradores o suporte de que necessitam.

Ela diz que a menina, ainda que seja uma criança, é capaz de fazer coisas complexas, como subir um degrau de escada e até mesmo ter uma independência e uma autonomia. Esta fala marca a sua visão a respeito de Água Mineral, de que por ser nova, pequena, sua comunidade também deveria, ou poderia, se desenvolver, dar os seus próprios passos.

Então nos perguntamos: o que é preciso para que uma criança conquiste sua autonomia, para que ela possa confiar e iniciar os seus primeiros passos? É preciso que em algum momento, a priori, ela tenha sido olhada, cuidada. Lembramos de Winnicott, que tão bem explicita que no início da vida tudo que um bebê precisa é ser visto e ser ouvido, e que é justamente através desta experiência que ele vai se constituir como um ser integral e igualmente iniciar uma troca criativa com o mundo. Portanto, a autonomia é uma conquista que se faz dentro de um ambiente facilitador, onde a criança pode desenvolver a sua capacidade de confiar no outro e, especialmente, em si mesma para começar a “dar os seus primeiros passos”.

Agora pensemos em Água Mineral. Falamos até aqui de um lugar invisível. Apontamos que esta invisibilidade se sustenta na constatação dos moradores de que habitam um lugar em que ninguém conhece, nem mesmo a prefeitura da cidade onde está situado o reconhece, posto que não consta sequer no mapa e nos registros oficiais que delimitam os distritos e seus bairros. Portanto eles marcam a inexistência de um endereço, a impossibilidade de recorrer à prefeitura para efetuarem uma denúncia, queixa ou reivindicação. Assinalam também a dificuldade de acesso a bens sociais e culturais, a escassez de transporte público: em Água Mineral existe somente uma linha de ônibus, não existem bares, restaurantes, cinema, teatro, clube, praça, parques, lugares e espaços construídos, mantidos ou organizados pelo governo municipal, por exemplo, que dariam a eles a certeza de que o Estado olha, cuida ou valoriza aquele lugar. Estamos falando de um lugar cuja ausência do Estado se presentifica em um histórico de práticas

populistas exercidas por candidatos a cargos políticos, que tradicionalmente exploram e abusam das populações mais empobrecidas com promessas vazias, que não são sustentadas numa possível derrota, nem mesmo na conquista da vitória. Desse modo, o descrédito e a desesperança são sempre reatualizados. Falamos de habitar um lugar que sem o olhar de um outro – o Estado, por exemplo – que lhe dê legitimidade e o reconheça, vê-se desamparada.

Talvez Ariela tenha desejado dizer que Água Mineral também precisa deste olhar. A comunidade é como a criança, nos diz. Precisa de um olhar, de algo ou alguém que lhe conceda a capacidade de confiar em si mesma, acreditar na sua potencialidade para se desenvolver, sair da estagnação em que se encontra. Ariela alerta “Água Mineral não está fazendo nada”, ela está paralisada. O pensamento de Lewkowics sobre a instituição materna, que para se constituir como “suficientemente boa” é necessário que encontre respaldo em um “reino suficientemente forte”, ajuda-nos a compreender o momento de Água Mineral. Ela não tem amparo do “reino-Estado”, ou do “reino-sociedade”, de forma que fica fragilizada, desacreditada, sem saber como dar os seus primeiros passos. Água Mineral não tem sido, desta forma, uma “mãe-instituição” para seus “filhos-moradores”: sem respaldo, não respalda. Então, ela é como a criança, que ainda precisa de cuidado, de um olhar que lhe conste uma referência. É também como a criança, não esqueçamos das falas de Ariela, Roger, Douglas e Clara; ainda um espaço a se constituir e ainda em busca de autonomia, e, talvez aí resida a esperança e os sonhos alimentados de quatro jovens que desejam um lugar para ser e habitar.

Diante disso, perguntamo-nos inúmeras vezes a respeito de quais recursos dispõe a população para encontrar saídas, ou pelo menos, refletir sobre esta situação. Em nossa intervenção, o recurso encontrado e oferecido aos moradores de Água Mineral foi uma câmera fotográfica. Através dela é que foi possível olhar, se perguntar, duvidar, descobrir e apostar, como nos mostra as falas dos jovens.

Destacamos alguns fragmentos dos inúmeros discursos que ouvimos quando perguntamos a eles o que teria significado poderem fotografar sua comunidade. A partir deles percebemos que, ao longo desse processo de fotografar o inesperado surge (tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar, que eu tenho que registrar, eu nunca esperava ver o que eu vi); o lugar Água Mineral é

descoberto mais do que revisitado ou re-descoberto (aí eu comecei a só olhar para a comunidade, talvez de um olhar que eu nunca tivesse visto) (eu nunca tinha parado para ver, aí eu fui me descobrindo, fui descobrindo a comunidade, não me descobrindo, a comunidade onde eu moro.); os sentimentos afloram (a cada foto, milhões de sentimentos fluem dentro de você, fervem dentro de você, porque você olha, você registra um fato, você registra alguém e você pensa na sua comunidade em geral), levando a uma reflexão sobre o que seja essa comunidade (Esse momento todo da pesquisa, tá trazendo muita reflexão sobre o que é realmente) (E poder mostrar, quando elas só chegam com críticas, poder mostra que não há só crítica) e os questionamentos que apontam para momentos de mudança que virão a partir do olhar desses jovens depois dessa experiência (eu acho que é necessário fazer essa pergunta para o morador de Água Mineral, “que lugar é esse, Água Mineral?”)

As falas completas de Ariela, Roger, Clara e Douglas dão a dimensão do quanto pudemos fazer com que algo de novo surgisse em um horizonte já conhecido desses jovens:

*E daí? a comunidade não é só esse monte de verde, eu pensei, tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar, que eu tenho que registrar, aí eu fui andando. Aí eu subi, subi por uma rua em que eu nunca tinha entrado e fui embora, subi, subi, fui andando, andando até que eu fui descobrindo...* (Roger). (grifo nosso)

Significou muita coisa porque *eu não esperava que eu fosse aprender tanto* em um dia, eu nunca esperei, *eu nunca esperava ver o que eu vi* (Roger) (grifo nosso)

São as fotos que mais mexeram comigo, *que mais me fizeram olhar as coisas e a comunidade como ela realmente é.* (Roger) (grifo nosso)

*Abriu assim, uma janela* que eu acho que mais cedo ou mais tarde se abriria. Só que *quando você vai fazer alguma coisa, pensando, “como eu vejo a minha comunidade?”.* Essa pergunta me fez despertar para eu ver o que realmente Água Mineral é, o que Água Mineral tem e o que ela precisa ter. (Roger) (grifo nosso)

Ah, *eu pude botar o meu pensamento pra todo mundo poder ver*, assim, por exemplo, você ver, do jeito que eu vejo... isso mudou. É, os dois, porque *vão poder ver do jeito que eu vejo a comunidade, e também vão poder conhecer a comunidade melhor de outro jeito. Achei interessante porque eu é quem estava fotografando...* (Douglas)

*Esse momento todo da pesquisa, tá trazendo muita reflexão sobre o que é realmente Água Mineral*, que a gente tem falado que Água Mineral é nada e tem sido muito bom pra mim, *esse momento das fotos foi muito bom, me fez pensar bastante... sobre a população, sobre o lugar, sobre o comportamento das pessoas, como elas se comportam em relação às dificuldades(...)* Eu acho sinceramente que para o lugar melhorar, as pessoas precisam melhorar. Para Água Mineral, que é o meu lugar, eu nasci aqui, moro aqui desde que eu nasci, então para Água Mineral mudar, a mudança tem que começar em mim, tem que começar na Ariela, para ver

se eu consigo mudar outra pessoa, se eu consigo mudar meu vizinho, se eu consigo mudar os meus amigos, se eu conseguisse isso, eu ia conseguir ver Água Mineral mudar. *Acho que foi bom para essa reflexão.* (Ariela) (grifo nosso)

*Eu aprendi um pouco mais sobre onde eu moro, vi a comunidade mais de perto.* (Roger) (grifo nosso)

E aí eu fiquei uns dias pensando, *aí eu comecei a só olhar para a comunidade, talvez de um olhar que eu nunca tivesse visto e para mim foi bastante proveitoso.* Eu fiz uma coisa que eu nunca tinha feito. Que realmente ver aonde que é bom mesmo, aonde que é ruim, o que que pode melhorar. (Clara) (grifo nosso)

*Eu nunca tinha parado para olhar a minha comunidade (...) quando eu me vi deparada com uma câmera fotográfica na mão eu pensei, “meu deus, o que que eu vou fazer com isso?”, “o que que eu vou fotografar?” , “como é a minha comunidade?”, eu nunca tinha parado para ver, aí eu fui me descobrindo, fui descobrindo a comunidade, não me descobrindo a comunidade onde eu moro. E hoje eu posso dizer que eu tirei bastante proveito, desse trabalho, esta oportunidade que eu tive de mostrar por meio de foto onde eu moro.* (Clara) (grifo nosso)

*Eu vi quais são as suas necessidades e quais são os seus pontos fortes, que às vezes eu acho que, na maioria das vezes eu acho que as pessoas, pessoas que talvez sejam que nem eu, que não parem para ver como realmente é, só escuto as pessoas falarem mal, ah aqui não tem nada, lugar parado... e hoje eu vejo que não é assim, e... uma coisa eu sempre vi, que foi sempre evidente para mim, que talvez já estivesse dentro de mim mesma, é o verde, essa ligação com o verde, isso eu sempre notei. Mas eu nunca tinha parado para ver que é uma comunidade jovem, uma comunidade que é feliz por não ter o tráfico aqui dentro, e... tem a sua organização, entre aspas, porque tem uma associação de moradores, um PSF, uma biblioteca, a escola que cuida das crianças. Eu acho que os pontos fortes são mais que os pontos fracos.* (Clara) (grifo nosso)

*E poder mostrar, quando elas só chegam com críticas, poder mostrar que não há só críticas. E num olhar diferente só vai ver crítica mesmo. Tem que ter alguém que olhe de uma forma diferente para mostrar que não é só coisa ruim, pode melhorar muito, mas em compensação, em comparação com outras (comunidades), tem coisas boas.* (Clara) (grifo nosso)

Eu acho assim, que continuou da mesma forma, né, porque *antes de eu fazer isso, eu já tinha esse olhar, eu só coloquei em prática uma coisa que já existia, um pensamento que já existia, um olhar que já existia e que só reforçou essa idéia de que gente precisa fazer alguma coisa.* (Ariela) (grifo nosso)

*Acho que fazendo as pessoas, de uma forma geral, a comunidade se enxergar, trazer uma alerta “que lugar é esse que você mora?”, que lugar é esse, Água Mineral? eu acho que é necessário fazer essa pergunta para o morador de Água Mineral, “que lugar é esse, Água Mineral?”* (Ariela) (grifo nosso)

*Acho que foi uma experiência única. Tirar essas fotos foi muito diferente de tirar fotos comuns, que a cada foto, milhões de sentimentos fluem dentro de você, fervem dentro de você, porque você olha, você registra um fato, você registra alguém e você pensa na sua comunidade em geral. Você tá globalizando aquilo ali num momento, então é muito forte isso. A cada foto era muito forte.* (Ariela) (grifo nosso)

De apego ao lugar, muitas vezes de revolta pela situação, poderia ser diferente, poderia ser melhor, de conscientização... acho que não é conscientização a palavra certa (...) *Reflexão e esperança, acho que esperança foi o sentimento que foi mais forte, não tá assim, mas a gente pode mudar, a gente pode construir algo novo.* (Ariela) (grifo nosso)

Acreditamos, portanto, que a intervenção utilizando a fotografia como recurso se justifica. Através da fotografia se instala uma situação que poderíamos chamar metaforicamente de analítica, na medida em que cada um dos “fotógrafos” pode olhar para si mesmo, fazer um resgate da própria história – uma história que é individual e social, uma história que não é somente aquela datada num passado remoto, mas a que se atualiza no cotidiano -, pensar, criar imagens, falar, e elaborar.

Em outra perspectiva, é interessante trazermos o conceito de utopia e sua relação com os avessos da cidade, proposto por Edson Sousa (2004). Segundo este autor, a utopia tem por função revelar os avessos da cidade, aquilo que fica na sombra, ajudando-nos a entender a lógica da sua construção, o recalcado de sua história. A utopia tem uma função de crítica social, esta sempre foi a sua função na história.

Nas palavras de Sousa:

As perspectivas utópicas nos colocam sempre diante da possibilidade de um outro lugar possível num claro esforço de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida. É neste ponto que podemos situar a posição do adolescente no desafio de indicar os avessos e as sombras das imagens que conformam o laço social. O adolescente, justamente por estar numa condição de passagem, busca um lugar. É como que impelido a se confrontar com os lugares instituídos buscando inventar outras possibilidades de estar no mundo. (p.5)

Neste sentido, os jovens de Água Mineral não são conformados com o que vêem e com o que têm na comunidade. Com as fotografias, questionaram a situação de pobreza e abandono; questionaram a falta de olhar e reconhecimento para com o seu lugar. Denunciaram seus sonhos e abriram outras frentes, outras possibilidades de se fazer ver Água Mineral e a si mesmos naquele lugar.

Visitei, no Museu de Arte Moderna, a exposição da artista inglesa Rachel Whiteread<sup>4</sup>. Na ocasião, sua obra me pareceu fascinante: ela explorava o invisível, o vazio, o oco dos objetos, moldando-os, preenchendo-os. Com isto, fazia-nos enxergar o avesso das formas. Fazia-nos ver onde, aparentemente, não havia nada para ser visto. Mais tarde, em outra ocasião, no Congresso de Psicopatologia

---

<sup>4</sup> Exposição no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro. 2/12/2003 a 29/02/2004. Curadoria de Paulo Venâncio Filho e Ann Gallagher.



Fundamental, realizado na Puc-Rio, em 2004, assisti a mesa composta por Junia de Vilhena e Edson Sousa, entre outros. Edson, em sua apresentação lembrou desta mesma exposição para falar sobre as formas utópicas e o viver na cidade. A fala-texto de Sousa era sobre os avessos da cidade, ou seja, aqueles lugares e pessoas que estão à sombra da cidade, ninguém vê, mas eles estão ali. Só são vistos ou lembrados quando a tragédia faz notícia nos jornais: moradores de rua são assassinados nas ruas do centro da cidade de São Paulo. Fiz um paralelo com os habitantes das comunidades populares do Rio de Janeiro, com os moradores de Água Mineral. Quem os vê? Alguém lembra daquela gente? O que faria revelar o avesso daquele lugar? O que faria aquele lugar ganhar uma forma, ocupar um espaço, existir (como os espaços vazios da obra de Whiteread?)?

Edson Sousa (2004) lembra que Whiteread, ao moldar os espaços vazios das coisas com inúmeros materiais tais como gesso, cimento, resina, borracha, bronze, feltro... indaga sobre as condições de inscrição destes espaços de ausência e silêncio. Seu processo de trabalho consiste em preencher o oco de muitos objetos (banheiras, prateleiras, vasos, etc) com os materiais mencionados e depois apresentar somente este “interior da forma”. Whiteread nos mostra o negativo revelado, o avesso eloquente. Moldar o espaço vazio é abrir zonas de imaginação. Podemos fazer uma relação desta obra com o processo de fotografar a comunidade. Revelar a comunidade, criar imagens para o que não tinha sido visto. Enxergar além do visível – além da rua principal e das casas do caminho habitual – abre frestas, zonas de imaginação como propõe Sousa e começa-se a pensar na comunidade, constatar como é e ao mesmo tempo, imaginar como ela poderia ser.

Poder ver o seu lugar pelos seus avessos, portanto, inaugura a esperança que um outro olhar ainda seja possível. Estes avessos vão mostrar espécies de espaços banais que segundo Milton Santos são os responsáveis por abrir caminho a plenitude da vida: espaços portanto do convívio, da cidadania, da responsabilidade com o que se compartilha no espaço público.

Será a fotografia, ou talvez o fotografar, um ato utópico? Ato utópico proposto por Sousa, que tenta fundar um novo lugar de enunciação e assim recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido. Será possível reinventar a Água Mineral habitada pelos jovens desta pesquisa? Ou ainda reinventar as formas de viver, de habitar ou de olhar para a comunidade?

A pesquisa com fotografia e que a ofereceu como instrumento para a captura de novos olhares sobre o espaço habitado e para fazer falar deste lugar, possibilitou a enunciação do sujeito que habita um lugar invisível e que, por isso, meio invisível também se sente, mas que quer se ver e ser visto. Apoiados no que Sousa nos apresenta como utopia, podemos talvez considerar que o ato de fotografar tenha possibilitado a instauração de uma experiência utópica. Utópica porque os jovens embarcaram na proposta de indicar os avessos da sua comunidade, enxergaram ali o que muitos não vêem, deram aos invisíveis moradores de Água Mineral uma imagem, um lugar. Constataram a sua existência, desejaram que seu lugar fosse diferente, desvelaram algumas faces ocultas da comunidade, projetaram seus olhares sobre o lugar onde vivem, não se silenciaram. Olharam a comunidade com olhos críticos e criticaram, ao seu modo, a sociedade, a ausência do poder público naquele lugar, apontando as consequências disto para as pessoas.

## 5.

### Conclusão

*“(...) Daí que também a vó me ensinou a  
não desprezar as coisas desprezíveis  
E nem os seres desprezados.”*

Manoel de Barros, *Obrar, Memórias  
Inventadas: A infância*, 2003.

É chegada a hora de dizer até breve a Água Mineral. Começo a fazer o caminho de volta, que diferente da primeira viagem em que sequer tinha uma imagem do que fosse Água Mineral, agora levo na bagagem, um conjunto delas. Todas as imagens mostradas a mim por aqueles que se entregaram à aventura de conhecer um pouco mais do lugar onde moram e assim, conhecer um pouco mais de si mesmos. Por isso, trazemos algumas imagens que, além de todas já apresentadas e analisadas, não poderiam ficar de fora desta cena final, pelo significado, pela beleza. Estas imagens contam o percurso dessa dissertação e o meu percurso dentro de Água Mineral. Assim, iniciaremos o percurso de volta para casa, saindo deste lugar que não existe no mapa da cidade, mas certamente, agora existe na memória não somente minha, mas de todos aqueles que tiveram e terão contato com esse texto.

Antes, porém, de começarmos o caminho de volta com as fotografias, lembro de uma canção de Oswaldo Montenegro que acredito embalar esta trilha. Trago à cena a poesia. Temos todos a mesma história, já que, como Severino, somos todos iguais em pia e o que nos identifica como não sendo Severinos e sim um Severino específico é o lugar de onde viemos, os afetos que trazemos. A vida que vivemos é como um percurso que somente um único ser humano pode trilhar; outro, trilharia de outra forma, mesmo que o caminho físico fosse o mesmo. Diz-nos o poeta:

Temos todos a mesma história  
Várias ondas e um oceano  
Vários fatos e uma memória  
Vários jogos e um só engano  
Temos todas as mesmas lendas  
E eu achava que era sozinha  
Um soneto e várias emendas

Sou mil versos e uma só linha  
Temos todos o mesmo medo  
Dez mil passos e uma só dança  
Dez mil papos e um só segredo  
Dez mil dores e uma esperança  
Temos todos a mesma história  
E hoje a tua passa a ser minha  
Meu passado tua memória  
E eu passei a não ser sozinha

Depois de um ano, posso afirmar que desta intervenção em Água Mineral muitas marcas deixaram. Água Mineral poderia ser comparada a essa metáfora de ser um oceano, denso, preto, verde ou azul, mas eu não conhecia as ondas que compunham esse oceano, nem sua memória, nem sua história. Essa comunidade era o meu lugar de trabalho e eu desejava conhecê-la, compreendê-la e assim poder construir um trabalho, uma prática, um compromisso. Nova no lugar, estrangeira, “Eu achava que era sozinha”. Só que quando decidi por escrever essa dissertação sobre a invisibilidade desta comunidade, fui me conectando com muitas outras histórias de invisibilidades. O Beco dos Trilhos da minha memória e a *Convignton* da ficção foram surgindo como metáforas que me faziam compreender Água Mineral e que me inquietavam na busca de pensar o sujeito nesses lugares... os seus modos de viver, de falar de si, de se colocar diante dos fatos da vida, de afetar e ser afetado por eles. Recordei e assim passei a ser “mil versos em uma linha” e, ao mesmo tempo, Água Mineral e os jovens participantes da intervenção fotográfica passaram a não ser mais somente uma linha, e sim mil versos, “sonetos com várias emendas”. Emendas que iam revelando a mim pedaços de vidas que eu jamais saberia que existe se não tivesse tentado dançar uma dança com eles e com eles conversar, construindo assim “dez mil passos e uma só dança”, “dez mil papos e um só segredo”, ouvindo “dez mil dores”, mas igualmente ouvindo “uma esperança”. Água Mineral deixou de ser uma só linha, a rua Salvatori, que é a rua principal, e passou a ser mil versos, pois muitas outras ruas foram reveladas, por muitas outras linhas passei, visitei, andei. Outros rostos, para além daqueles já conhecidos foram trazidos à cena: das crianças sorrindo, brincando, da avó que cuida e ensina, da mãe que passeia com seus filhos... E, no fim de tudo, quando termino a escritura dessa dissertação, eu percebo que hoje a história desses jovens, dessa comunidade, seus anseios, seus medos, suas

esperanças passaram a ser minhas também, posto que fui eu a depositária das imagens e das falas. Ficou comigo, a estrangeira do lugar, a possibilidade de dar voz, olhar e imagem para os moradores de Água Mineral e, assim, “hoje a tua história passa a ser minha/ Meu passado, tua memória/ E eu passei a não ser sozinha”. Que fique aqui a oportunidade, para quem ler essa dissertação, de conhecer Água Mineral, e quem sabe, parar para pensar em quantos momentos somos sozinhos, somos invisíveis nos nossos próprios lugares de pertencimento e, quem sabe, assim, conseguir entender que a invisibilidade dói e ameaça a integridade não somente do homem, mas principalmente da comunidade na qual vivemos.

Ficamos, então, com as imagens escolhidas para o encerramento desta dissertação: uma criança que aprende com sua avó, que tem a sua companhia, a sua presença e olhar, as crianças que brincam e olham para a gente quase como que chamando para compartilhar da alegria daquele instante de brincadeira, a mãe que leva seus filhos consigo, num ato de cuidar, e a mulher grávida, gestando uma nova vida, num tempo de espera... E assim como a grávida desta última imagem, Água Mineral, também está *à espera um novo momento...*



Figura 27



Figura 28



Figura 29

**À espera de um novo momento**



Figura 30

6.

## Referências Bibliográficas

Antunes, Arnaldo, Fromer, Marcelo e Britto, Sergio, **Comida**. Disco: Jesus não tem dente no país dos banguelas, 1987.

Arendt, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 352p.

Augé, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994. 111p.

Barros, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 85p

Barros, Manoel. Obrar. In **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003

Ciampa, Antonio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina. Um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 242p.

Costa, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

Gomes, Patrícia Kirts. Da **escrita à imagem, da fotografia à subjetividade: ensaios fotográficos no contexto da reestruturação bancária**. Sub-projeto de pesquisa. Programa de Pós Graduação Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. p.1-8.

Gullar, Ferreira. **Poema Sujo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Lewkowicz, Ignácio. **Historización de la institución materna: violencia e desamparo**. [www.estudiolwz.com.br](http://www.estudiolwz.com.br) , 2003. 6p.

Maia, Maria Vitória M. **Rios sem Discurso: reflexões sobre a agressividade da infância na contemporaneidade**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

Montenegro, Oswaldo. **Temos todos a mesma história**. <http://oswaldo-montenegro.lettras.terra.com.br/lettras/189467/>

Neiva-Silva, Lucas; Koller, Sílvia Helena. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. *Estud. psicol. (Natal)*. [online]. jul.dez. 2002, vol.7, no. p.237-250.



Pelegrino, Hélio. Pacto Edípico e Pacto Social. In Luiz Alberto Py et al. **Grupo sobre grupo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p.195-205.

Quintana, Mario. O Mapa. In **Apontamentos de história sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1976.

Reis, Nando. **Os Cegos do Castelo**. Nando Reis & Os Infernais, Universal Music, 2004.

Santos, Aline De Leo; Vilhena, Junia. Clínica em Comunidades: um desafio contemporâneo. Clínica Psicanalítica e novas formas de subjetivação. **Tempo Psicanalítico**: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, SPID, 2000. p.9-35

Santos, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Soares, Luiz Eduardo; Bill, MV; Athayde, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 295p.

Sousa, Edson Luiz André. Utopias como âncoras simbólicas. p. 65 In Fonseca, Tânia G. & Kirts, Patrícia G. (orgs.) **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003

Sousa, Edson Luiz André. Cidades de morar, cidades de sonhar. In Vilhena, J., Castro, R. V. e Zamora, MH. **A cidade e as formas de viver**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005 p. 11-18

Sater, Almir e Teixeira, Renato. **Tocando em Frente**. <http://almir-sater.letras.terra.com.br/letras/44082/>

Spink, Peter. **Um lugar para o lugar na psicologia**. ANPEPP – Grupo de Trabalho Cotidiano e Práticas Sociais (mimeo) 25p.

Valadares, Jorge C. **Qualidade do espaço e habitação humana**. Ciência e Saúde Coletiva, 5(1):83-98, 2000.

Vergne, Celso. **A história dos rostos esquecidos. O olhar oficial sobre as favelas cariocas**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Puc-Rio, 2002.

Vilhena, Junia. **Ta tudo dominado? Cidade, segregação e subjetividade**. In: VILHENA, J. (org.) *A Clínica na Universidade. Teoria e Prática*. São Paulo:Ed. Loyolla/PUC, 2004. pp 95-112.

Vilhena, Junia. **Da claustrofobia a agorafobia. Cidade, confinamento e subjetividade**. In: *Revista do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ., 2003. vol. IX. pp. 77-90.

Vilhena, Junia. **Da cidade onde vivemos à uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade.** *Pulsional Revista de Psicanálise*. XV, 2002, n. 163. pp. 48-54.

## ANEXO

### Ariela

I – Vamos conversar então, o que tu entendeu e quis fazer...

A – Eu entendi que você pediu para eu tirar fotos que, assim, situações ou pessoas que eu visse a minha comunidade. Aí eu pensei assim, eu não sei se eu vou conseguir explicar. Essa da bolsa, por que eu vejo a minha comunidade como uma bolsa? Por que existe algo dentro desta bolsa, mas para que se conheça o que está dentro desta bolsa precisa alguém abrir esta bolsa, pra encontrar o que aí dentro também. Então eu acho que Água Mineral é assim também, existem muitos valores, existem muitas coisas boas dentro de Água Mineral, mas a gente só vai descobrir se alguém tentar abrir essa bolsa, se alguém tentar descobrir essas coisas, se continuar da forma como tem sido as pessoas, elas não gostam de morar aqui, reclamam daqui e não fazem nada para mudar. Água Mineral, se continuar assim, vai continuar uma bolsa fechada, parada num lugar.

Eu tirei a foto deste ônibus por que é um ônibus que ta indo pra Niterói, né. As pessoas que moram aqui, a maioria trabalha em Niterói ou no Rio , então não muita fonte de renda aqui assim, trabalhadores que trabalham aqui, são poucos.

I – é um lugar de passagem?

A – É.

I – ainda ontem eu estava andando pela rua e apareceu uma cena que me chamou muito a atenção, por que tava muito movimentado, deve ser sempre assim, mas ontem me chamou atenção o quanto estava movimentado, caminhão pra lá e pra cá e nesta rua principal, e um senhor estava na porta da casa, bem na hora passou um caminhão super rápido e ele ficou com um olhar... ele viu o caminhão chegando, passou e foi. E a primeira coisa que me passou foi isso, é um lugar de passagem, as pessoas tão indo ou vindo. E agora tu falou disso.

A – Aqui eu quis retratar assim, como as autoridades descartam esse lugar, por que uma vez eu ouvi, não lembro quem, se foi S.D., foi reivindicar a pavimentação das ruas e na prefeitura as ruas já estão pavimentadas, lá, para eles, já está tudo certo, mas aqui, pode ver, falta de saneamento básico...

I – a prefeitura acha, tem registrado que aqui já está pavimentado?

A – eu quis tirar essa foto para expressar isso.

O CIEP que é a única escola pública que tem, a maioria das crianças aqui estuda em escola pública, as pessoas são pessoas bem pobres, poucos são aqueles que têm condições de colocar os seus filhos numa escola particular. A maioria, as crianças todas estudam no CIEP, que tem jardim, educação infantil, desde 3, 4 anos até eles pararem, as crianças estudam em escolas públicas. Eu acho que retrata um pouco da pobreza do lugar.

Esse aqui é um trabalhador, pelas roupas dele, é um trabalhador típico de Água Mineral. A maioria é assim, tão indo pra trabalho de camiseta, de bermuda, alguns vão de sandália de dedo, então você vê que não é um lugar muito formal, você vê que não é um trabalho assim, como eu vou dizer, você não vê advogados, médicos, não é um trabalho de formação acadêmica, são trabalhos bem populares. A maioria dos trabalhadores aqui são peões de obra, pedreiros, caminhoneiro, mecânico, vendedor, outras profissões assim, mais de nível acadêmico, superior é muito difícil. Muito, muito difícil mesmo.

Retratando também a situação econômica, os carros aqui são todos assim, carros velhos, muito difícil as pessoas terem carros do ano, conseguirem um carro melhor. A maioria das pessoas só consegue carros velhos, de outra pessoa, de segunda mão.

Essa foto aqui eu tirei daquelas coisas que a gente tava conversando, né, da omissão das pessoas, um portão fechado. Todas as casas aqui são assim. Então acontecem situações que ninguém sabe, as pessoas às vezes tão precisando de ajuda, mas eles não se abrem pra falar e se se abrirem vão encontrar portões fechados. Não vão encontrar ninguém para contar e aqui em Água Mineral isso é muito típico, muito típico isso.

Esse aqui é o peixinho dentro do aquário. Eu acho que esse aqui é o monopólio de Água Mineral. Água Mineral tá presa num monopólio dos ricos que compraram, entre aspas, compraram Água Mineral. Compraram lugares que poderiam crescer pra gerar renda, pra gerar (??) e eles não abrem mão desses lugares, não vendem e não fazem nada nestes lugares e os lugares continuam parados, estagnados. Como é o exemplo ali da AmaGata (?), o pessoal que comprou que comprou a Estância (onde tem fonte de água mineral).

I – E Água Mineral é o peixe? Preso nesse aquário.

A – é o peixe preso dentro desse aquário.

Essa aqui eu tirei, eu olhei ela subindo a escada e falei “pó, uma criança consegue, é uma criança, mas consegue fazer coisas complicadas, como por exemplo subir uma escada sozinha”. E Água Mineral é praticamente uma criança, uma comunidade jovem, uma comunidade nova. Ela não tem feito nada, mas ela poderia fazer algumas coisas, poderia mostrar algum tipo de independência, de autonomia, só que as pessoas ainda não se despertaram para isso. Mesmo sendo uma comunidade pequena, ela pode se desenvolver, ela pode dar passos.

Aqui, uma criança aprendendo com o mais velho. Água Mineral pode aprender com outras comunidades também (??), ela pode aprender como trabalhar, como se desenvolver com outras comunidades.

Isso aqui eu tirei, foi numa tarde, eu tirei para mostrar o verde.

I – onde é isso?

A – eu tirei daqui de cima, da minha casa.

Muito verde...

Essa foto aqui, são as mãos de uma mão idosa, trabalhando. O que é característico de Água Mineral, você não vê jovens trabalhando por nada aqui, você vê os mais velhos, como o SD, como o SG, os mais velhos se unem pela melhoria de Água Mineral, os mais jovens não.

I – por que isso acontece?

A – por que os mais jovens, eles não gostam de morar aqui, têm vergonha de morar aqui. Eles falam que Água Mineral é uma roça, que Água Mineral é roça. A noite eles não ficam aqui, a noite eles vão para outros lugares, eles não gostam de dizer que moram aqui, eles têm vergonha desse lugar e não fazem nada pra melhorar. Eles acham que esse lugar nunca vai crescer, nunca vai pra frente, e os mais velhos, como moram aqui mais tempo e até por conhecerem a história de Água Mineral, o que ela poderia ter gerado, eles se esforçam para isso, para que isso possa acontecer.

Aqui, eu vejo assim, esse momento é um momento novo, não sei se por causa do Pólo (grupo comunitário formado no projeto Bases de Apoio, uma iniciativa do Instituto Promundo e do CIESPI), que eu acho que o Pólo é a única iniciativa de desenvolvimento do lugar, por enquanto, e eu acho que esse é o momento de gestação do lugar, pode ou não, eu tenho muitas esperanças que nasça algo muito bom a partir desse projeto, a partir do projeto Bases aqui em Água Mineral. E é exatamente esse momento de gestação.

Aqui, o irmão mais velho dando a mãe à irmãzinha. Acho que Água Mineral deveria se unir, aprender... acho que ela deveria se unir às outras comunidades para aprender mais para estar tendo o apoio de outras comunidades que já são mais antigas e que já estão um pouco mais a frente. Aprender com elas.

Quando eu olhei para essa árvore, eu pensei o seguinte. Água Mineral, ela tem uma história, minha vó sempre conta que, até outras pessoas contam que através dessa Estância, Água Mineral era muito movimentada, tinha um movimento, um fluxo de pessoas muito grande. Se isso continuasse, Água Mineral poderia ter, hoje poderia, de repente eles poderiam ter tratado da água da lagoa, poderia ter até um ponto turístico aqui dentro e não teve, por quê? Porque alguém que comprou aquele lugar não soube gerenciar e deixou acabar, deixou morrer. E eu sinto não só por ele, por esse monopólio, mas por muitas outras coisas, Água Mineral foi cortada, aquilo que ela tinha, que tava florescendo, foi cortado. E o ramo que ta nascendo, ele tem nascido cheio de espinhos. Os jovens que estão nascendo em Água Mineral, eles não têm o sonho de melhorar Água Mineral, eles têm o sonho de sair de Água Mineral, e muitos até prejudicam o lugar, trazendo o tráfico, se envolvendo em prostituição, eu acho que são os espinhos. O galho ta bem prejudicado, depois desse corte, ele foi bem prejudicado.

I – muito interessante o teu processo de construção. Logo que eu olhei as fotos, eu fiquei imaginando coisas completamente diferentes, então me impressionou muito.

Eu queria ver contigo, tu me deste um panorama geral das tuas fotos, das tuas imagens, das tuas escolhas. Dessas fotos todas, escolhe aquelas que mais representa Água Mineral, que a gente possa falar um pouco mais de Água Mineral, o teu jeito de olhar para esse lugar onde tu mora.

A – eu acho que essa aqui, se eu tivesse que escolher uma seria essa. (foto de uma grávida – barriga) Essa também. Talvez essa.

I – tu disseste, se tivesse que escolher uma seria esta, por que esta?

A – como eu te falei né, Água Mineral é um lugar, eu diria dessa forma, ta num momento de ser gerado e às vezes eu olho e parece que Água Mineral ta sendo gerada de vez em quando (??) porque muitas pessoas chegam, algumas pessoas saem e ela está brotando, ta brotando, mas não ta brotando de uma forma legal, as pessoas que estão chegando estão trazendo muitas coisas de onde elas vieram, por exemplo, o tráfico de drogas, a prostituição, não só pelos que vem, mas até as

peessoas aqui mesmo, jovens que estão crescendo, são jovens que cada vez menos se interessam por escola, jovens que cada vez menos se interessam pelos valores, pelos princípios da vida, de família, de respeito, são jovens que, você vê um grupo de jovens reunidos na rua, você olha e você pensa “poxa, daqui há alguns anos como será isso?”. Por que são jovens que não respeitam os mais velhos, elas não respeitam os pais, não respeitam as casas dos outros, eles não se respeitam, nem como grupo nem como indivíduo, e às vezes eu fico pensando como vai ser essa nova geração? Eu sei que isso não é só em Água Mineral, isso é geral, mas eu tenho visto isso, ta nascendo uma nova geração um pouco espinhosa, desinteressada, uma geração desinteressada, e se continuar assim vai ficar cada vez mais longe o sonho de ter um bairro melhor, o bairro vai ficar cada vez mais abandonado porque eles vão crescer e eles vão continuar tendo esse desejo de sair daqui e o que se faz aqui? Nada.

I – e aqui, onde está o teu olhar nesta fotografia?

A – aqui acho que ta na, ta não só nos trabalhadores, mas ta nos jovens também, por que esse cara não estudou, para ele estar, ele ta indo para um tipo de serviço que se ele estudasse ele poderia estar num tipo de serviço melhor. E eu vejo que muitos jovens estão indo para esse mesmo caminho. Eles chegam na 5<sup>a</sup>. , 6<sup>a</sup>. série e se desinteressam, alguns saem da escola e começam a trabalhar porque querem dinheiro, porque querem andar na moda, porque querem andar com roupa de marca, eles deixam a escola, abandonam a escola, começam a andar com galerinha, começam a se drogar, na maioria dos casos é isso, e a população está cada vez mais pobre, cada vez mais ignorante. Acho que isso... educação é tudo e os jovens não estão dando a mínima para isso.

I – E a comunidade oferece alguma coisa neste sentido?

A – não, também não. Assim, às eu fico pensando que a gente também não pode ficar julgando o que eles pensam por que eles falam “ah, final de semana aqui não tem nada. Então eu tenho que sair daqui pra poder me divertir”. Não tem colégio de boa qualidade também, então nada aqui interessa a eles. Nada aqui interessa a eles. E não sei se é por serem jovens, são acomodados, por que eu acho que se num lugar não tem nada que te interesse, se você gosta desse lugar, você vai trazer algo que te interesse para esse lugar, mas é mais fácil você sair daqui e ir pra um lugar que já tem pronto. “eu vou pra lá porque lá já tem pronto”.

I – tu ta falando de uma coisa bonita, que tem a ver com a nossa conversa, que é como construir esse vínculo com o lugar onde se mora? Por que tu ta dizendo que os jovens crescem aqui, mas não gostam daqui, querem sair daqui ou têm vergonha daqui. E o que faz quererem ficar aqui e transformar isso aqui, é um vínculo com esse lugar, é fazer esse lugar significar alguma coisa. A gente pode conversar mais sobre isso depois.

A – essa foto, acho que é esse momento do projeto, do pólo, eu particularmente espero despertar pessoas de que Água Mineral pode ser diferente. E esse é o momento de gestação, a gente ta com ele aqui dentro. Água Mineral ta aqui dentro (barriga de grávida), a gente não sabe, a gente não viu a cara dela ainda, mas ta aqui dentro, como um filho, a gente não sabe como vai ser, mas a gente sabe que ele está lá. É como um sonho, a gente não sabe, a gente tem ele aqui dentro, mas ta esperando ele se concretizar, ele se materializar. E com essa coisa dos projetos, eu tava pensando até num time de futebol das meninas, seria uma iniciativa e outras, quando as pessoas começarem a ver que dá certo, que elas podem mudar alguma coisa, elas vão começar a ser despertadas, daqui há um tempo a gente vai ver mudanças, a gente vai ver esse bebê nascer.

I – tu ta me falando do teu jeito, do teu olhar, do teu jeito de ver esse lugar, como tu acha que quem não é daqui, quem não mora aqui em Água Mineral vê a comunidade. Como tu acha que ela é vista por quem não mora aqui.

A – acho que depende. Depende de quem é essa pessoa, como é essa pessoa. Acho que um jovem que chega acostumado a viver numa cidade movimentada vai chegar aqui e vai achar isso aqui um saco. Acho que qualquer pessoa ache... que Água Mineral é um lugar morto. Tem pessoas, todas as pessoas que eu tenho contato e que não são daqui, dizem “ah, aqui é muito ruim, porque o transporte aqui é ruim, porque o deslocamento aqui é praticamente impossível, aqui não tem mercado, não tem escola, aqui não tem nada”. Então acho que as pessoas acham esse lugar muito ruim.

I – é diferente de quem mora aqui?

A – não. A maioria das pessoas.... as pessoas até gostam de morar aqui, mas aqui existem muitas dificuldades. É aquela coisa, né, as pessoas são muito acomodadas, muito acomodadas, elas não correm atrás de nada.



I – e sobre a experiência de fotografar. Há uma semana, com a máquina (fotográfica), tu podia escolher as imagens que pudessem mostrar Água Mineral, o que significou para ti fotografar a tua comunidade?

A – foi assim, eu gosto muito dessa coisa de foto, de fotografar, eu gosto muito dessa coisa de fazer comparações. Como eu fiz a comparação aqui da bolsa, da árvore, gosto muito dessa coisa de você estar viajando e (??). esse momento todo da pesquisa, tá trazendo muita reflexão sobre o que é realmente Água Mineral, que a gente tem falado que Água Mineral nada e tem sido muito bom pra mim, esse momento das fotos foi muito bom, me fez pensar bastante... sobre a população, sobre o lugar, sobre o comportamento das pessoas, como elas se comportam em relação às dificuldades “ah, o lugar tem dificuldades, o lugar tem necessidades, mas tá bom assim, quando eu estiver bem, eu saio daqui”, as pessoas pensam assim. “ah, se eu tivesse um dinheiro, eu ia embora daqui, largava esse lugar, porque aqui é um lugar que tem dificuldades”, mas ninguém se interessa em melhorar o lugar. Eu acho sinceramente que para o lugar melhorar, as pessoas precisam melhorar. Para Água Mineral, que é o meu lugar, eu nasci aqui, moro aqui desde que eu nasci, então para Água Mineral mudar, a mudança tem que começar em mim, tem que começar na Ariane, para ver se eu consigo mudar outra pessoa, se eu consigo mudar meu vizinho, se eu consigo mudar os meus amigos, se eu conseguisse isso, eu ia conseguir ver Água Mineral mudar. Acho que foi bom para essa reflexão.

I – e em relação ao modo de ver a comunidade, houve alguma transformação, alguma interferência o fato de fotografar a comunidade?

A – eu acho assim, que continuou da mesma forma, né, porque antes de eu fazer isso, eu já tinha esse olhar, eu só coloquei em prática uma coisa que já existia, um pensamento que já existia, um olhar que já existia e que só reforçou essa idéia de que gente precisa fazer alguma coisa.

Acho que fazendo as pessoas, de uma forma geral, a comunidade se enxergar, trazer uma alerta “que lugar é esse que você mora?”, que lugar é esse, Água Mineral? Essa pergunta sempre me fizeram, por onde eu ia, se eu fosse procurar um emprego, até se eu ia me matricular em escolas aqui em São Gonçalo, quando eu falava “eu moro em Água Mineral”, “o que é isso?”, “que lugar é esse, Água Mineral, onde é isso?” eu acho que é necessário fazer essa pergunta para o morador de Água Mineral, “que lugar é esse, Água Mineral?”

I – por que é necessário?

A – por que eles não sabem, por que na mente deles Água Mineral é realmente um nada, é aquele pedacinho entre o Colubandê e o Rocha. E eles incorporaram muito isso, “ah, Água Mineral é um pedacinho de chão, entre Colubandê e Rocha, que não tem nada e que nunca vai ter nada”. Eles não vêem “não, Água Mineral é um bairro”. De repente se a gente fizesse essa pergunta, eles conseguissem responder, porque eles não vão se responder, se a gente conseguisse responder para ele o que é Água Mineral. Água Mineral não é só um pedaço de terra entre Colubandê e Rocha, Água Mineral é o nosso lugar, é a nossa casa, nossa casa que a gente tem que cuidar, tem que correr atrás, a gente tem que buscar desenvolvimento pra cá.

I – para a gente finalizar, daquelas três fotos que tu tinhas escolhido, escolhe um nome para cada uma delas, pode escrever atrás. Quando a gente faz uma obra de arte a gente dá um nome, normalmente.

A – “A cara do nosso presente” (foto do rapaz indo trabalhar), “A espera de um novo momento” (foto da barriga de grávida).

I – tem mais alguma coisa que tu queira comentar, falar de cada uma das fotografias, da experiência de fotografar... se te surgiu alguma idéia...

A – acho que foi uma experiência única. Tirar essas fotos foi muito diferente de tirar fotos comuns, que a cada foto, milhões de sentimentos fluem dentro de você, fervem dentro de você, porque você olha, você registra um fato, você registra alguém e você pensa na sua comunidade em geral. Você ta globalizando aquilo ali num momento, então é muito forte isso. A cada foto era muito forte. E particularmente, quando eu vi esse troço cortado, eu como que viajei, parece que eu fui lá atrás e eu vi aquilo tudo, há anos atrás, quando esse lugar tava começando ainda, esse passado, essa história que eu conheço voltou na minha mente e eu comecei a pensar isso, sabe, os sonhos dessa geração, dessas pessoas que moraram aqui primeiro, eles tinham o sonho de ver isso aqui melhor, desenvolvido, mas de repente foi cortado, foi cortado e uma árvore, mesmo que ela seja cortada ela nasce de novo, só que a gente não sabe como ela vai nascer, ela não nasce da mesma forma. Até um pé de mamão quando você corta, o macho, né, aí quando você corta, a minha mãe que falou isso para mim, que ele é de uma qualidade, quando você corta o pé de mamão, ele nasce de novo, mas ele nasce mamão macho, ao contrário do que ele era. Então quando você corta uma árvore

você não sabe como ela vai nascer, ela vai nascer em um outro tempo, levar um tempo para ela voltar.

I – e tu falou de vários sentimentos, foram quase vinte momentos de explosão de sentimentos... de que sentimentos tu está te referindo?

A – de apego ao lugar, muitas vezes de revolta pela situação, poderia ser diferente, poderia ser melhor, de conscientização... acho que não é conscientização a palavra certa, assim, eu caí na real de “pô, o que que eu fiz também, o que eu tenho feito, será que eu tenho colaborado pra que lado? Será que quando meus amigos falam que esse lugar é horrível, será que eu falo o quê? Será que eu tenho concordado, ah é isso mesmo, não tem jeito”. Reflexão e esperança, acho que esperança foi o sentimento que foi mais forte, não ta assim, mas a gente pode mudar, a gente pode construir algo novo.

I – quem sabe outras fotos virão. Outras imagens. Muito legal mesmo e muito obrigada.

## Clara

I – Eu queria C. ouvir de ti como foi para ti este processo de estar com uma máquina fotográfica na mão e olhar para a tua comunidade, que questões aparecerem para ti neste processo?

C – no início, “o que que eu vou fazer com essa máquina?” eu peguei para bater foto, mas foto do quê? E aí eu fiquei uns dias pensando, aí eu comecei a só olhar para a comunidade, talvez de um olhar que eu nunca tivesse visto e para mim foi bastante proveitoso. Eu fiz uma coisa que eu nunca tinha feito. Que realmente ver aonde que é bom mesmo, aonde que é ruim, o que que pode melhorar. Eu gostei. Assim, talvez eu não tenha feito o máximo. Eu queria fazer mais , até queria tirar foto de um lugar, mas ia ficar um pouco difícil de eu ir lá, neste lugar.

I – qual é este lugar?

C – de noite na escola, do CIEP ali. Mostrar o interesse das pessoas que moram aqui dentro, adultas, o interesse delas aprenderem, mesmo depois de adultas elas querem estudar, eu acho isso legal, não é para qualquer um. Eu conheço uma pessoa que tentou, começou, mas não conseguiu terminar, não está até hoje. Então para quem está lá eu acho bastante legal, eu queria mostrar isso.

I – tu estás falando de uma foto que tu não conseguiu tirar, mas o teu olhar ta lá. Ta voltado para aquilo lá. Está voltado para aquilo lá.

E que questões (coisas) apareceram para ti sobre Água Mineral, tu disse “eu olhei de um jeito que eu nunca tinha olhado, umas coisas boas, umas coisas ruins” o que te ocorreu sobre Água Mineral?

C – eu vi o CIEP como um lugar muito importante para as crianças da comunidade. Depois da família é a segunda base delas. Então eu fotografei o CIEP, mostrei o quão importante ele é aqui para a gente, foi importante para mim porque eu já estudei lá e eu mostrei a juventude da comunidade, mostrei que a comunidade é uma comunidade jovem, que tem bastante crianças e que daqui há alguns anos serão adolescentes e precisam construir o seu futuro e daqui mais alguns talvez estejam com um pensamento bem melhor do que existe hoje... porque a tendência quando o lugar é jovem é sempre progredir para o melhor. Então eu vi bastante jovens, mais crianças. Enfatizei a Biblioteca, a grande importância, porque para o jovem ter um futuro melhor, ele precisa de uma

educação melhor hoje, então a Biblioteca faz parte disso. Como eu ouvi uma pessoa dizendo na comunidade, as crianças da Água Mineral estão sendo preparadas para transformar o município de São Gonçalo. Foi bastante legal.

Eu consegui fotografar (...) uma questão de leitura. Aqui no município as pessoas não gostam muito de leitura, então a gente está preparando as pessoas daqui para ajudar as pessoas de fora do bairro. Eu consegui ver que aqui nós não temos muitas famílias bem sucedidas na vida, e que estas que não são bem sucedidas elas tentam, de uma forma ou de outra, vencer, no sentido financeiro e aí eu fotografei uma pensão de uma pessoa que com muito custo ela leva a sua vida e depende daquilo ali para viver.

Eu fui num lugar bem alto e pegar uma foto legal da comunidade, bem lá para baixo. Eu enfatizei a parte dos morros, das matas que eu acho fascinante, acho que é a melhor parte do lugar é esse mato, esses morros, esse verde. Eu gosto muito. Eu sei que eu queria que as pessoas valorizassem isso. Por que eu odiaria ter que morar no centro do Rio e só ver prédio, prédio.

I – tu acha que quem mora aqui em Água Mineral consegue valorizar isso?

C – Sinceramente eu acho que não. Acho que as pessoas só conseguem valorizar quando perdem. Eu valorizo porque eu já perdi, nem sempre eu morei aqui, eu morei também num lugar que só tem casa e prédio e por isso que eu gosto, então acho que as pessoas não se importam muito quando colocam fogo aqui no morro.

I – tem muita queimada aqui, né?

C – tem, muita. Até há pouco tempo não.... bastante tempo eles não colocam fogo e eu gosto.... eu noto a diferença com certeza. Eu só não notam quando eles colocam, eu noto quando eles não colocam. Eu observo. Todos os dias eu levanto e olho assim, tinha até uma árvore que eu gostava muito, era um eucalipto que tinha ali que veio um raio e derrubou a árvore. Então eu noto, até hoje eu não vejo aquela árvore, eu fico triste. Mas todos os dias eu levanto e agradeço muito a Deus por ter essa vista muito bonita. Não é das melhores, mas é bonita.

E eu focalizei também um lado governamental que é...perto de um hospital a estrada é totalmente, é até difícil de se passar com veículos por ali. Mas eu tb consegui fotografar a parte de jardinagem da prefeitura, eles limpando a rua.

(estava falando tudo isso sem ver as fotos)

I – como tu acha que quem mora aqui, um morador de em Água Mineral, olha para este lugar? Se tivesse que definir Água Mineral?

C – eles? Eles não gostam, dizem que Água Mineral é muito parada, que não tem nada, que é buraco. Tem sim os seus defeitos, realmente tem, mas tem uma qualidade que eu prezo muito que aqui não vinga o crime, a criminalidade não vinga. Claro que a gente sabe que todo o lugar tem, mas não é tão grande como na maioria dos outros lugares. E isso é privilégio.

I – e por que tu acha que não vinga?

C – por que aqui é um lugar que não é fechado, tem duas saídas, saída pelo macro e saída pelo Rocha. Então, não é que nem morro, que a polícia fecha e eles estão lá. Aqui não tem como fechar, então não vinga por causa disso. Tem um lá um ou outro, mas não é aquela coisa que a gente vê tipo Rocinha, morro mesmo, graças a Deus. Mas as pessoas não valorizam, sinceramente. Ao meu ver elas não valorizam o ótimo lugar que é isto daqui. Precário, porque nada é perfeito, né, precário em algumas coisas, mas muito bom em outras coisas. Eu esqueci de falar esta parte, eu focalizei uma foto que mostra a necessidade espiritual das pessoas, eu fotografei uma pessoa estudando a bíblia. É um estudo bíblico. Todo mundo tem uma necessidade espiritual, uma necessidade de adorar alguma coisa ou alguém, então eu procurei ver este lado também, que as pessoas (...) para poderem se consolar com seus problemas.

I – Água Mineral tem muitas igrejas, né C.?

C – Tem, tem. Eu acho, de acordo com um estudo que foi feito por uma Base, por um vizinho meu, tinha 10. eu não consegui contar isso tudo não. Ele diz que tem, Ariane diz que tem, e eu acho que tem né. Eu contei mais de 5. mas tem bastante. É o que mostra que as pessoas realmente procuram né, porque se as pessoas não fossem dadas ao cristianismo, ao catolicismo, não importa o que seja, aqui não vingaria muito isso, porque as pessoas não iriam procurar.

I – é um lugar bem religioso.

C – é bem.... acho que tem mais cristão, evangélicos do que católicos, mas é bem diversificados, tb tem espíritas, mas é um lugar bem diversificado em questão de religião.

I – e as religiões convivem harmoniosamente umas com as outras ou há tensão, não sei se tu tens como avaliar isso.

C – olha, eu vejo pessoas de outras igrejas visitarem outras igrejas, vejo, conheço meus colegas de trabalho eles fazem isso, um visita a igreja do outro. Bem quando eu faço o meu serviço, de ajuda, de estudo bíblico com as pessoas, eu consigo ver

, não sei se vc reparou, eles não são muito adeptos, mas das outras, tirando a minha, eles freqüentam uns a igreja dos outros.

I – porque será que isso acontece?

C – (...)

I – bom, outra coisa que eu tenho pensado muito, que eu queria tentar entender melhor é a questão de Água Mineral não existir no mapa da cidade. O que significa isso para ti, ou ouvir isso, se dar conta disso? Isto significa algo para ti, ou impacta de alguma maneira a tua vida ou a forma de viver aqui neste lugar? O que significa isso, Água Mineral não existir no mapa da cidade.

C – huhum... não sei, talvez as pessoas achem, as responsáveis por isso, eles não vão aos lugares mesmos, os bairros propriamente ditos para ver se realmente merece ser chamado de um bairro ou não. Eu acho que eles fazem por fazer. eles não se preocupam muito em se visitar. (...) Aqui é parte...praticamente tudo aqui é Colubandê, só que é uma área do Colubandê que é esquecida pelo Colubandê por ser distante, então é como se nós não fôssemos deles, do Colubandê. Então, por ser distante as próprias pessoas se formaram numa comunidade, um bairro. Eu acho ridículo não ser considerado um bairro.

(...) elas sabem que não existe (a comunidade no mapa) porque qualquer lugar que você chega para dar o seu endereço, num hospital, o município é dividido por áreas, números, né, então você fala “eu moro em Água Mineral”, porque todo médico pergunta, vai fazer o papelzinho lá que eles preenchem e “ah, onde você mora?” “Água Mineral... Colubandê”. Então as pessoas sabem que Água Mineral não existe para outros que não, que nunca vieram por aqui...

I – então ter que responder para alguém onde mora e dizer que mora em Água Mineral é a mesma coisa que dizer....

C – é o mesmo que falar outra língua, porque as pessoas não sabem o que é.

I – não adianta dizer que mora em Água Mineral?

C – não, não adianta.

I – vocês acabam se referindo a outro lugar. Para se fazer conhecido. daí a minha pergunta seria se tu já passou por alguma situação dessas.

C - Eu já passei várias vezes, várias. Tanto no hospital, quanto dar o endereço em qualquer outro lugar para fazer qualquer outra coisa é Colubandê que eu falo, não falo Água Mineral. Eu teria muito orgulho de falar Água Mineral , mas por enquanto este orgulho não pode ser concretizado, tem que falar Colubandê.

Se você não pode dizer com clareza onde é o lugar onde vc mora

C - O sentimento deve ser igual o meu, um tipo de inutilidade, mais ou menos inutilidade, poxa eu moro num lugar que ninguém sabe onde é. Tenho certeza que as pessoas não gostam disso. É estranho, a gente se sente fora do contexto. Dizer que você mora num dentro da cidade que ninguém conhece, se sente um alienígena. (risos) então eu acho que as pessoas se sentem assim também. É uma boa pergunta, eu vou perguntar isso para algumas pessoas que eu conheço.

I – se Água Mineral fosse conhecida, o que mudaria?

C – o que mudaria? mudaria o orgulho. Com razão, eu me sentiria orgulhosa de dizer “eu moro em Água Mineral”, mudaria assim... vai criar um impacto porque a partir do momento em que se torna conhecido, o nome se torna conhecido, se torna conhecido o tipo de lugar que é. Então depende muito, como as pessoas vão olhar para Água Mineral? É um lugar legal? É um lugar ruim? Tem muito isso? Tem muito aquilo de ruim? Então eu queria que fosse, mas como todo mundo, como um lugar bom, um lugar legal de se viver. Eu sentiria orgulho disso. Mas mesmo se tivesse uma má fama, eu sentiria orgulho porque essas pessoas que só ouviram dizer quantas não mudariam sua opinião se viessem ficar uma semana aqui? Principalmente as pessoas que moram perto de estrada, onde passa muito carro, que quase não tem sossego, tem muito barulho. Principalmente de noite isso aqui é.... eu que já sou quieta, não gosto muito de sair, eu amo. Tem gente que odeia, né?! Eu gosto, não me incomodo de ficar aqui. Tem barulhinho de grilo, gosto muito. E eu tenho certeza que a pessoa que ouviu dizer mal da Água Mineral vai passar uns dias aqui vai gostar, mas tem que vir de coração aberto, não tem que vir com preconceito já, com um pré conceito que é ruim, tem que vir com o coração aberto, não tem que ficar pensando “ah, vou lá, eu sei que é ruim mesmo” e já vim com o coração fechado e não deixar entrar o que é bom. Tem que vir com o coração aberto.

(...) pessoalmente eu não gosto do ditado “fale mal, mas fale de mim”, para a minha pessoa, para mim tem que falar bem, falar mal eu não gosto, prefiro que não fale, mas com respeito a comunidade eu já penso diferente, tem que ser sim conhecida por outros, mesmo que fosse mal conhecida, mas que fosse conhecida.

I – como tu acha que Água Mineral é vista por pessoas que não moram aqui?

C - olha, as pessoas que já conhecem só de falar mesmo da Água Mineral, todo mundo fala apavorado, olham como um buraco, como um lugar que não tem nada,



peessoas que nunca vieram aqui, falam que é isso.... mas as pessoas que conhecem... acho que as pessoas que nunca vieram aqui, só de ouvir falar não tem um bom relato não.

## II momento da entrevista

I – então eu queria conversar contigo sobre como foi esse processo de fotografar, se tu acha que responder a pergunta “ que lugar é esse, como que vejo o lugar onde eu moro?” e eu queria que tu me falasse um pouco de cada uma das fotografias e aí a partir das fotografias, eu vou te fazendo algumas perguntas que venham da tua própria fala...

C – vamos começar pela parte boa, né? Bom, huummm ... parte boa, aqui eu quis retratar bastante esse verde que acontece aqui, como dessa (foto), Água Mineral não é uma favela, mas um pouco porque, um pouco diferente, é uma comunidade que necessita de apoio, bastante apoio, mas não é uma comunidade onde se diz que é favela, tem bastante morro, mas 10% destes montes, não são morros, montes, são ocupados e esse verde me cativa muito, gosto muito deste verde. A gente tem um Horto, da prefeitura, tem alguns brinquedinhos lá, mas é um espaço que tem área de lazer, pode se chegar, (...) temos uma Associação de Moradores que... digamos assim, é uma estrutura, como se fosse uma prefeitura, então é a prefeitura do bairro a associação de moradores, então acho importante ter uma associação em cada comunidade, onde tem alguém competente que posse se recorrer quando necessita de algum serviço. Tem um PSF (Programa de Saúde da Família), que fica dentro da Associação de Moradores, que é bastante importante você ter um núcleo de saúde próximo de casa para você poder recorrer até mesmo em uma ocasião de emergência mesmo e não ter que pegar uma condução para poder se medicar, para poder pegar um medicamento. Então isso facilita bastante. Temos uma Biblioteca comunitária que é realmente... importante para o desenvolvimento, ela é infanto-juvenil e hoje o que todos nós devemos procurar é fazer o jovem, desde criança gostar de ler, por que a gente vê que de um tempo para cá isso vem se perdendo, então quanto menos recursos a comunidade tem, menos acesso aos livros também. Então é importante uma biblioteca, os jovens daqui, uma quantidade razoável de crianças e jovens daqui sabem que existe essa biblioteca então sabem que existe recurso na comunidade que eles podem

recorrer, se eles vão fazer aí já é consciência de cada um. E.... o que mais... um comunidade jovem, bastante jovem. Nós temos o CIEP, é um núcleo de estudos para crianças do maternal até a 4<sup>a</sup>. série e é a demanda da comunidade porque a maior quantidade é de crianças pequenas então é muito importante esse CIEP aqui, porque a maioria dos CIEPS hoje, eles são de 5<sup>a</sup>. série para cima.... são raros os CIEPS que têm esse maternal até a 4<sup>a</sup>. série porque este não é o foco principal do governo. A diretora tem mantido este trabalho, lutado muito para poder manter essas crianças dentro do CIEP, e são muitas, muitas, jovens... a comunidade é uma comunidade jovem, muitas crianças... crianças são o nosso futuro, né.

Aqui, isto aqui, eu não me lembrava dela, isso aqui é perto de um feriado que eu não me lembro, este aqui é o tapete da escola, eles fizeram um tapete, desenharam árvores, as crianças próprias que desenharam o seu tapete, cada um, eles expuseram lá no pátio e cada um via.

Deixe-me ver.... ah, aqui, a biblioteca também promove oficinas de contação de histórias e aqui é até mesmo um encerramento de um projeto que estava acontecendo de contadores de histórias e aí nesse encerramento estavam as crianças, foram contadas histórias, a história do chapeuzinho vermelho, com fantoches montados pelos próprios alunos deste curso, deste projeto. Então, digamos que praticamente tem sempre uma atividade para as crianças, uma atividade de contação de história, de lazer, divertida, onde elas podem brincar (...)

(aponta para uma foto)

I – o que tem nesta foto, onde estava o teu olhar nesta foto?

C – aqui assim, neles três aqui assim, essa brincadeira de criança, esse rir, criança rindo é prazeroso ouvir, ver uma criança sorrir, então isso me chamou bastante atenção. E por mais que tenha seus altos e baixos é uma comunidade feliz até mesmo por não enfrentar muitos pontos baixos que uma favela enfrenta.

I – como assim?

C – criminalidade que aqui isso garças a Deus não vinga, todo lugar tem, a gente corre risco, mas aqui não vinga estas coisas, então eu digo que a comunidade é feliz por isso. Não tem essa preocupação assim direta, de manter tudo fechado por causa da criminalidade.

Ah, essa foto aqui olha, ela mostra uma parte um pouco ruim mas mostra que, é, partindo um pouquinho do bom pro indo... descendo... mostra.... eu lembro que eu tirei uma outra foto que englobou isto aqui.... esta aqui mesmo.... aqui, as pessoas não tem emprego, então elas se viram do jeito que elas podem. Esta aqui é uma pensão de comida caseira. Cada um faz um pouquinho, uns fazem pintura para vender, outros fazem bolo, torta, outros fazem comida para vender, é bastante amplo esta questão de pensão aqui na Água Mineral. Porque tem as empresas né, que embora não contratem funcionários que sejam da comunidade, mas gera uma renda, porque as pessoas têm que comer, então as pessoas que trabalham com comida caseira se dão bem nesta área.

I – deixa eu entender melhor isto. Tem empresa em Água Mineral, ao redor, como é?

C – tem, tem hospital, que embora não pertença a Água Mineral, está muito próximo à Água Mineral e tem uma usina de manilha, essas manilhas de correr água de esgoto, dizem que é de asfalto, mas eu nunca vi sair asfalto dali, eu vejo eles fazerem manilha, tem o frigorífico, tem o Macro, a CEASA, então são coisas que estão muito perto mesmo de Água Mineral e que não contratam os funcionários daqui.

I – o morador de Água Mineral não faz parte das equipes destas empresas...

C – digamos que somente 10%.

I – por que isto acontece, tu tens alguma idéia sobre isto?

C – não eu nunca parei para pesquisar isto, isto vem antes de mim mesma, então nunca consegui ter esta resposta.

I – mas ao mesmo tempo Água Mineral se beneficia de alguma maneira de ter estas empresas por perto...

C – huhum.. porque vende o seu serviço para estas empresas que é a alimentação. As pessoas procuram comer perto do seu trabalho, né, para não perder tempo.

Outra parte que eu vejo que é deixada de lado pela prefeitura mesmo, pelos governos, deixada de lado, por exemplo nesta rua que dá acesso a um Hospital Geral, um hospital estadual, uma rua, precariedade, lama, buracos onde não se passa mais Ônibus por aqui, porque ta neste estado...

I – o acesso ta super difícil.

C – e isso já tem um tempo.... aqui também, a gente vê o esgoto descendo a céu aberto, aberto mesmo, pela rua afora... descendo o esgoto. Tem essa foto, e tem uma que mostra a própria caixa, lavando, jorrando água...

I – o que tu quis mostrar aqui, o que está aparecendo? O que fica evidente aí?

C – a falta de carinho, de um olhar, falta de olhar, zelo, cadê o olhar? Eles não olham para cá.

I – eles quem?

C – eu não digo que eles não olham porque eu tirei uma foto aqui que eles estão fazendo uma obra na rua...

I – eles tu está chamando quem?

C – os governos. Eles olham, mas não olham como deveriam olhar. Olham só para dizer que olhou, assim, dá uma olhadinha rapidinha, ah, vá, faz aquilo lá rapidinho, mas tem muitas outras coisas que eles poderiam olhar, mas não olham.

I – como por exemplo....

C – o saneamento, as outras ruas sem ser a rua principal, as outras ruas que precisam de asfalto.

Esta aqui eu quis representar uma criança em frente ao colégio, e em frente a esse colégio é uma rua principal que dá acesso a dois bairros muito importantes, uma rodovia e um bairro movimentado, aqui passa caminhões e correm muito e não tem um quebra mola na frente da escola, muito menos um sinal de trânsito. Fizeram obra nesta rua principal, tinha dois quebra-molas, um em frente ao outro que era antes da escola e outra depois da escola, mas bem depois, fizeram obra tiraram o quebra mola e quando foi pedido para colocar o quebra mola eles disseram que não tinham permissão para colocar, eles tinham permissão para tirar, mas não para colocar? E aí ta pior ainda... os carros sabem que não tem mais quebra-mola passam correndo mesmo. Eu mesma tinha me esquecido que não tinha mais quebra mola “ah, sei que ele vai parar um pouquinho ali, dar uma freada, diminuir e quando eu vi ele já tava em cima, aí eu lembrei, não tem quebra mola”.

I – (...)

C – como eu falei, é uma comunidade jovem. Tem uma escola que cuida das crianças, zela pelas crianças, não tem, os pais não tem que se preocupar de ter que ir para um lugar longe para poder levar as crianças pequenas porque tem uma

escola que cuida, e é uma comunidade jovem, de crianças mesmo, que ta crescendo, que é pequenininha, é bebê ainda esta comunidade.

I – sabe quantos anos tem Água Mineral?

C – não. Sei que a minha família está aqui há uns 20 anos. Mas ela não passa dos 50 não.

I – quando tu fala “nós não somos uma favela, embora a gente tenha morro aqui”, que diferença é essa que tu estabelece entre a favela e Água Mineral, se Água Mineral não é favela, o que é uma favela para ti, e o que é Água Mineral?

C – posso, devo estar falando a maior abobrinha do mundo, mas é a minha opinião, para mim, favela é um aglomerado de casas em cima de um lugar alto, que você só vai subindo, subindo, subindo, até não ter mais para onde subir. Então esta parte aqui, ela demonstra mais este aglomerado de casas, mas se a gente for observar, são ruas, não são aglomerados. Aqui é uma rua que vem para cá, acaba aqui, e que vem para cá e que sobe outra para dentro deste grotão aqui para trás, então aqui ele começa a subir, mas eu não quero acreditar que daqui há alguns anos isso aqui vai estar cheio de casa, não acredito que seja assim, porque ainda tem muitos lugares baixos que pode se fazer casas.

E eu quis mostra mesmo esse verde, que é tão difícil a gente ver nos centros, um verde, um ar diferente, um espírito diferente. Esta até é uma rua ajeitadinha, asfaltada. Sei lá, qual é a comunidade que não tem os seus pontos altos e seus pontos baixos até mesmo de estrutura física, tem os seus pontos altos, mas nos seus pontos altos as casas, elas procuram ser arrumadinhas. Bem cuidadinhas, cheias de plantas na frente das casas, com ruas mesmo, algumas são pavimentadas outras não.

I – dessas fotos todas C. tem alguma, ou algumas fotos que para ti é “aqui está Água Mineral como eu vejo” ?

C – eu vejo Água Mineral assim, uma comunidade jovem, dentro de uma escola, particularmente gosto muito desta foto aqui por causa deste verde, por causa deste céu, mostra um pouquinho as casas, um pouquinho aglomeradas, mas são casas. E... deixa eu ver o que tem aqui....uma comunidade jovem, que tem o seu potencial de desenvolver mais esse jovem por meio da leitura, uma comunidade verde.

I – que tem uma ligação com a natureza, talvez...

(...)

I – C. a gente tem aqui um conjunto de um pouco mais de 20 fotos, isso significou um processo de alguns dias, fotografando, que queria que tu me dissesse se esse processo significou alguma coisa para ti e o que ele significou?

C – eu nunca tinha parado para olhar a minha comunidade. Eu sempre fui uma pessoa meio desligada da vida, então eu nunca parei para olhar e quando eu me vi deparada com uma câmera fotográfica na mão eu, “meu deus, o que que eu vou fazer com isso?”, “o que que eu fotografar?”, “como é a minha comunidade?”, eu nunca tinha parado para ver, aí eu fui me descobrindo, fui descobrindo a comunidade, não me descobrindo, a comunidade onde eu moro. E hoje eu posso dizer que eu tirei bastante proveito, desse trabalho, esta oportunidade que eu tive de mostrar por meio de foto onde eu moro.

I – que tipo de proveito?

C – eu pude ver o que eu não vivo. Eu vi quais são as suas necessidades e quais são os seus pontos fortes, que às vezes eu acho que, na maioria das vezes eu acho que as pessoas, pessoas que talvez sejam que nem eu, que não parem para ver como realmente é, só escuto as pessoas falarem mal, ah aqui não tem nada, lugar parado... e hoje eu vejo que não é assim, e... uma coisa eu sempre vi, que foi sempre evidente para mim, que talvez já estivesse dentro de mim mesma, é o verde, essa ligação com o verde, isso eu sempre notei. Mas eu nunca tinha parado para ver que é uma comunidade jovem, uma comunidade que é feliz por não ter o tráfico aqui dentro, e.... tem a sua organização, entre aspas, porque tem uma associação de moradores, um PSF, uma biblioteca, a escola que cuida das crianças. Eu acho que os pontos fortes são mais que os pontos fracos.

I – como é que tu te vê nesta comunidade, no teu lugar?

C – eu me vejo ocupando um papel muito importante, também pelo meu trabalho, e também por identificar, trabalhar, tentar melhorar a qualidade de vida das crianças e dos adolescentes e por outro lado, do lado espiritual porque eu trabalho aqui, eu procuro visitar as pessoas, saber quem são para poder ir conhecer a sua necessidade espiritual e mostrar que a bíblia pode satisfazê-las. Eu acho assim, para você trabalhar numa empresa você tem que saber que tipo de serviço ela presta, então para mim trabalhar numa comunidade eu teria que saber que comunidade é essa que eu to pisando, que terreno é esse que eu to pisando.

I – tu acha que o fato de conhecer melhor a tua comunidade te ajuda no teu trabalho, exercer melhor o teu trabalho?

C – sim. E poder mostrar, quando elas só chegam com críticas, poder mostra que não há só críticas. E num olhar diferente só vai ver crítica mesmo. Tem que ter alguém que olhe de uma forma diferente para mostrar que não é só coisa ruim, pode melhorar, muito, mas em compensação, em comparação com outras (comunidades), tem coisas boas.

(...)

C – eu tava até procurando saber o que que precisa se fazer para poder... digamos... essa comunidade de Água Mineral não existe no mapa, mas ela existe, mas não como Água Mineral, metade dela é Rocha, metade é Colubandê, a maior parte é Colubandê.

I – ou seja, ela existe de alguma maneira que não como as pessoas que moram aqui a reconhecem ou gostaria que fosse, a que se deve isso?

C – não sei.... era chamado de Grande Vale isso aqui, por causa dos morros em volta.

I – era, quando?

C – acho no tempo que a minha avó chegou aqui, ou bem antes, há 20 anos atrás ou bem antes. Água Mineral porque tinha nascentes de Água Mineral mesmo. Tinha empresa mais ali para frente, que engarrafava mesmo essas águas e vendia, aí ficou conhecido como Água Mineral.

I – então tu estavas dizendo que Água Mineral existe, mas não como Água Mineral e tu estava procurando saber... e eu te interrompi....

C – é, lá no trabalho, não é nossa tarefa, mas levantamos esta questão assim, o que que é preciso fazer para transformar Água Mineral num bairro. Esta é uma demanda que quem tem que ver é a associação de moradores. Mas o quê? Quantidade de pessoas? Escola, tem uma escola, tem um PSF, o que impede de ser um bairro mesmo que exista no mapa?

I – tu acha que isso é uma demanda da comunidade, de tornar um bairro?

C – acho.

I – o que significaria se tornar um bairro?

C – poxa! Talvez, na hora de você dar o seu endereço, colocar ali Água Mineral, não colocar Colubandê. É um orgulho, né, dizer “eu moro no bairro de Água Mineral”. Todo mundo fala “ah, Colubandê, né?” “é...”. Ninguém conhece... todo mundo sabe, é verdade, Água Mineral não é bairro, Água Mineral é um nome que deram, mas faz parte do Colubandê e as pessoas que moram aqui tem orgulho

deste nome Água Mineral. Tem orgulho. Elas não gostam de falar que moram no Colubandê, elas gostam de falar que moram na Água Mineral, então isso mostra orgulho. Então se fosse realmente um bairro, dado o nome mesmo, então as pessoas de início assim levariam o orgulho de morar em Água Mineral, eu tenho orgulho de morar em Água Mineral, levar um nome, né.

I – eu estou achando muito interessante isto que tu estás falando, a questão do orgulho de morar em um lugar que tenha um nome, o nome do meu lugar ser conhecido. Então eu fico curiosa, enquanto não é assim, ainda não é assim, o que isso implica na vivência de vocês, como eu me sinto morando em um lugar que não adianta dizer o nome porque ninguém conhece, isso tem alguma repercussão no jeito que eu sou, no jeito que eu me vejo?

C – eu vejo assim, as pessoas não gostam de ser anônimas, gostam de ter um nome, zelam por aquele nome, tem orgulho de apresentar o nome, eu acho que também é assim com a comunidade, a partir do momento que sua comunidade é anônima, você se sente um pouquinho também anônimo. Talvez eu não esteja conseguindo explicar direito, mas o não ter um nome faz também se sentir anônimo. Por exemplo “ah, eu moro no Jardim Catarina”, é o maior bairro da América Latina, que fica aqui em São Gonçalo, “eu moro no Jardim Catarina”, “ah, Jardim Catarina”. Todo mundo sabe onde é o Jardim Catarina, “e você?”, “eu moro na Água Mineral”, “onde é Água Mineral?”, “ah, é assim, assim, assim... é naquele lugar...”, “ah, ta”. Então é tipo assim “te conheço?”, “vem cá, te conheço?” (risos), “ah, é aqui em São Gonçalo, ah ta.”

(peço que escolha algumas fotos para nomeá-las)

I – obrigada.



**Roger**

I – Eu deixei a máquina contigo e a idéia era tu registrar a comunidade da forma como tu acha que ela é, na forma que tu gostaria de me apresentar a comunidade tendo como instrumento a máquina fotográfica. O que eu vou conversar contigo hoje vai ficar em torno disso. Olhando as fotos, agora, o que te ocorre?

R – O que me ocorreu ao olhar as fotos é que Água Mineral é um lugar muito bonito, com muito verde e com uma cultura muito grande, apesar de ser muito pobre, as pessoas são muito acolhedoras, muito gentis. E há uma diferença social, ainda que as pessoas não percebam, muito grande aqui dentro.

I – Aqui dentro da comunidade?

R – Nesta comunidade. Olha só, você acredita que isso aqui, essas duas fotos, elas foram tiradas muito próximas, quase que uma do lado da outra. E a diferença você vê de longe, a diferença social, só que ainda existe pessoas em extrema pobreza, como esta família, muito pobre, passam fome, não tem o que comer e a gente não sabe o porque disto tudo. Às vezes as pessoas acham que para ajudar alguém você tem que dar dinheiro ou dar comida (...) são pessoas que vivem muito excluídas. Eu até bati uma foto da comunidade de cima porque elas moram realmente no morro eu subi num local bem alto pra bater. Esta parte de cá, se você parar para olhar, você vai ver que é onde as famílias têm melhor condição.

Essas aqui são as mais afastadas da comunidade.

I – para eu me localizar R., onde é isso aqui?

R – isso aqui é naquele morro onde eu te falei, lá em cima.

I – aqui para trás da tua casa?

R – não, lembra quando a gente tava na casa do L. , lembra que tem um morro em frente? Então, aquele morro de frente. E aqui é atrás do L. Aqui, isso aqui foi tirado perto desta casa aqui, aqui dentro tem uma curvinha que eu passei e fui registrando mesmo, as pessoas andando, as criancinhas brincando, as pessoas assim, que quase não tem contato com ninguém, as pessoas vêm alguém tirando foto e fica assim “bate uma foto minha”, “fala comigo”. Água Mineral tem isso de bom, ela tem a facilidade de acolher as pessoas, as pessoas ficam meio receosas, às vezes vem você batendo foto “o que você ta querendo”?, mas elas assim, não brigam, elas sabem te entender. Isso aqui é de extrema pobreza. Isso aqui é

pertinho disso aqui (foto de uma casa grande, diferenciada das casas qualificadas como as de extrema pobreza), fica n o mesmo morro onde eu falei.

I – Deixa eu entender isso. Tu fotografou algumas pessoas, além dos lugares. Essas pessoas sabiam que estavam sendo fotografadas? E qual foi a reação, como foi o teu contato com a pessoa fotografada?

R- Essa família aqui, por exemplo, foi uma das primeiras que eu fotografei. Primeiro eu peguei a comunidade, como ela é, bati a foto.

I – O que é a comunidade como ela é?

R – Assim, muito verde, muito verde, a primeira foto que eu bati foi essa (foto panorâmica da comunidade, mostrando a sua área verde), com muito verde. E eu fui descendo, “e daí? a comunidade não é só esse monte de verde”, eu pensei, tem algo muito mais aqui que eu tenho que colocar, que eu tenho que registrar, aí eu fui andando, isso aqui é logo aqui, em frente a casa da L. quase. Mas tem algo mais do que isso. Aí eu tava descendo e resolvi subir o morro, porque a comunidade mesmo está ali, tem muitas famílias ali em cima e as pessoas (...) ninguém vai lá. Aí eu subi, subi por uma rua em que eu nunca tinha entrado e fui embora, subi, subi, fui andando, andando até que eu fui descobrindo...essas famílias...a segunda foto que eu bati, eu pedi para bater essa foto aqui, aí eu falei ... e tinha mais crianças, aqui pela foto nem parece, eles tão com umas carinhas bonitas, mas olha o fundo, é onde eles moram.

I –O que tem neste fundo?

R – Sabe barraco mesmo, extrema pobreza mesmo, de madeira toda caindo, sem condição. E quem mora aí, é uma casa do lado da outra, que não moram só essas pessoas aí não, moram muito mais pessoas... que não saíram na foto, porque eu fiz com as crianças. Que fica bem próximo desta casa aqui, muito próximo, muito próximo.

I – O que tu queres mostrar aqui?

R – A diferença social, a oportunidade. Todos são pobres, mas mesmo apesar de todos serem pobres, são muito diferentes economicamente, entendeu?

I – Aqui em Água Mineral então tem famílias com casas grandes...

R – É, com muito conforto e outras que não tem nada. Crianças que saem para trabalhar, que não estudam, crianças que passam fome, crianças que não têm (...), crianças que apanham, são oprimidas, famílias que as mulheres são oprimidas, que apanham do marido e não falam. Água Mineral é um lugar muito acolhedor,

mas muito enganador, entre aspas, vou explicar por quê. As pessoas não contam o que acontece com elas de verdade, para elas é só mais um... elas escondem, mulheres que apanham, mulheres que foram enganadas, traídas, sofrem escondido, não contam para ninguém.

E essa aqui, essa foto aqui foi uma das que eu mais gostei. O garotinho, ele que pediu para eu tirar uma foto dele “ei, bate uma foto minha”, aí isso é num lugar muito interessante, porque a casa dele é uma das casas que fica mais no alto, você pode ver que eu estou em cima e aqui tem até umas casas em baixo. Eu bati essa foto na quinta-feira, isso aqui é mais uma força do que tem em Água Mineral, fica aqui por perto, tudo ali por cima, e ele pediu, entendeu, a casa deles são pobres, as pessoas assim que você chega sem precisar falar nada, eles vêm até você, são pessoas que precisam de oportunidade, que não tem condição, oportunidade. A minha oportunidade que eu tenho hoje, foi depois que eu comecei realmente a ... eu sempre fui assim, muito humilhado... não, não humilhado, tentaram, tentaram me humilhar muito, pessoas da minha família, meu pai já fez muita coisa pra mim, pra me humilhar, então tudo que eu tenho hoje eu agradeço a minha mãe, mas eu vejo que a minha mãe sofre e o que já sofreu por causa disso. Eu vejo. Depois que eu comecei a participar do Projeto Bases minha cabeça abriu, eu comecei a ter alguns sonhos, que eu não tinha ou que achava que nunca ia conseguir realizar, tipo entrar para uma faculdade, tipo vencer na vida. O que me passavam não era só violência física, quando eu falei para você aquilo, não foi baseado em achar, por que acontece realmente. aqui dentro, na minha opinião, na visão que eu tenho, acontece muita violência psicológica, as pessoas são humilhadas, mau tratadas e às vezes não têm com quem botar para fora, não têm quem as defenda. Eu tive uma mãe, mas eu vi o que ela sofre e eu sei as conseqüências disso. Hoje ela tá doente, é uma pessoa nervosa, pouco confiante, receosa de algumas coisas que ela vai fazer. Ela é muito inteligente, ela nunca entrou na faculdade, parou de estudar cedo, bem cedo, não tem nem ensino fundamental e você conversando com ela nem diz que ela tem o grau de estudo que ela tem, minha mãe é muito inteligente e também muito sofrida (...) como ela, muitas famílias aqui dentro até passam a mesma coisa.

Aqui, eu quis registrar também, tentei pegar o que Água Mineral tem. As escolas de Água Mineral, escola de verdade, só tem essa. Uma. Oficialmente uma, de 1<sup>a</sup>. a

4ª. série, as pessoas daqui tem que ir para outros lugares para poder estudar, para poder comprar alguma coisa direito.

Aqui, outra foto. Agora é diferente. Deixa eu me localizar, essa foto aqui é a comunidade do morro onde eu bati, então se você pegar essa foto é como se tivesse assim, eu subi no ponto mais alto de um lado e bati para o outro lado. Foi muito legal. Aqui ainda existe outro grau de pobreza, essas famílias aqui são pobres, mas ainda tem mais pobres do que essas, por incrível que pareça. Aí você se pergunta por quê? Pessoas que moram na mesma comunidade, que trabalham (..) oportunidade, pessoas que são obrigadas a sair da escola porque não têm aquela condição de estudar, não têm aquela qualidade de vida que deveriam ter, que é básica, ou trabalha ou morre de fome, aí não tem condição, pessoas que acabam caindo no mundo do crime, ou se prostituindo...

I – Isso é comum em Água Mineral?

R – Não é muito comum, mas acontece. E acho que não é muito comum porque as pessoas escondem muito as coisas, escondem demais. As pessoas aqui têm uma dificuldade, elas são muito desacreditadas, politicamente falando e historicamente falando. Muita gente não sabe a própria história da sua comunidade, o porquê de Água Mineral, só chega para morar na Água Mineral e fica. Aí os filhos vão crescendo, vai ficando, sem expectativa de vida nenhuma, para eles tanto faz como tanto fez, é como se fosse assim, não tem propósito nenhum, não têm sonhos, vivem cada dia por viver. Não vivem na expectativa de que hoje vai ser melhor que ontem e amanhã melhor que hoje...existem famílias, pessoas de carinho muito grande, como essa mãe. Historicamente falando, aqui, conta a história de Água Mineral, a Estância.

I - Esta é a Estância?

R – Esta é a Estância. Essa aqui, tá vendo, isso aqui já é aqui em cima, mais perto da minha casa, eu andei por tudo.

I – O que é isso aqui?

R – Casa, casa, aqui o pessoal costuma dizer que não tem favela, quem fala é porque nunca foi aqui para trás. (...) o que eles fazem, a vida que eles levam. Como na outra rua, a gente passa e pensa que a rua é toda asfaltada, mas o asfalto vai só até ali, dali pra cima, a pessoa passa por lama, não tem água direito, sofre, sofre bastante.

Aqui é uma outra rua que eu peguei, da comunidade, inteira, atravessa a Água Mineral inteira, se eu tivesse com o mapa... acho que eu to com o mapa aí para te mostrar, acho que com o mapa vai ficar bem legal, deixa eu te mostrar (vai buscar o mapa). (volta com o mapa e começa a descrever a comunidade no mapa) Aqui é como se fosse o início de Água Mineral, porque logo aqui atrás é o Rincão, aqui para baixo é o Rincão, para quem vem do Rocha (um bairro vizinho de Água Mineral, em direção ao centro da cidade) e isso aqui é a Pedreira, eu bati algumas fotos aqui para trás, tem casas muito pobres, escondidas pelas árvores(?), as ruas nem todas são asfaltadas, as casas que ficam perto da Pedreira, essa aqui é uma delas, ta vendo essa foto aqui, a Pedreira aqui, a casa aqui.

I – A Pedreira funciona?

R – Funciona, já tentaram fechar essa pedreira.

I – É esse barulho que a gente ouve de vez em quando, não é?

R- As casas estão cheias de rachadura, e eu fico imaginando o que as pessoas passam, não só pelo barulho, pelo perigo de pedras, o telhado delas está cheio de pedras que voam, já aconteceu acidentes com eles, só para mostrar um pouco da dificuldade de Água Mineral, Água Mineral é um lugar... essa aqui é minha rua, por incrível que pareça, tem umas casas legais, tem um grau de vida, as pessoas olham e acham muito pobre, não, não é, minha rua tem um grau de vida elevado dentro de Água Mineral, muito bom, até bati uma foto.

I – Tu descobriu isto quando?

R – Quando eu comecei a andar, fotografando. Isto aqui é na outra rua, aqui as pessoas são muito pobres, é um povo muito pobre, que trabalham exclusivamente sabe para quê? Para se alimentar, para comer para não morrer de fome, para pagar água e luz, nem todo mundo tem casa própria, então tem muito aluguel. Aí eu fico imaginando assim, a grande maioria, 90%, 95% desse povo não tem instrução, são todos pedreiros, serventes de obras, nada contra a estas profissões, pelo contrário, são lindas, mas que aprenderam com o decorrer, não têm estudo e indiretamente, mesmo sem querer, alguns querem outros não, não passam grau de instrução pros filhos, tanto faz, “eu aprendi assim, ah então você tem que aprender assim também”, “ah, eu tive isso, então você tem que ter também”, entendeu? Não tem a cabeça aberta para ajudar. Isso aqui também é na outra rua, são crianças da outra rua, brincando logo no início da rua, logo no comecinho da rua... porque Água Mineral é um lugar muito feliz, é um povo, você pode ver que é um povo sofrido,

é um povo que tem todos esses problemas culturais, físicos, emocionais, mas o grande problema de Água Mineral é que ela não cresceu ainda, ainda não é um grande pólo comercial, porque ela não sabe falar, não sabe reivindicar. Porque quando o povo começar a lutar pelas coisas que eles querem, ninguém vai parar. Eles falam que Água Mineral não é um bairro.

I – Eles quem?

R – A comunidade. É um sub bairro, não tem nome, não consta no mapa, então eles falam que moram em lugar nenhum, eles vão para lugar nenhum, para eles tanto faz porque eles moram em nada.

I – E como é isso para ti?

R – Eu tenho alguns sonhos, e um deles é que um dia Água Mineral se torne um bairro. Bairro oficial mesmo de São Gonçalo. A falta de esperança das pessoas, o que elas acham só me faz acreditar, me dá mais vontade, mais força para continuar lutando, para não desistir, porque se os pouco que crêem, que acreditam que isso pode acontecer, desistirem, não vai adiantar mais nada, vai tudo por água abaixo.

I – tu disse que um dos teus sonhos é ver Água Mineral se tornar um bairro, o que significa isso, Água Mineral se tornar um bairro?

R- Porque Água Mineral é um sub-bairro, mas por não constar no mapa, “você mora aonde? Eu moro no Colubandê”, “eu moro no Rocha”. “E a nossa comunidade, rapa? Que nem eu falei pra um colega meu hoje”, e ele “ah, é mesmo, onde a gente mora não consta nem no mapa, todas as comunidades constam no mapa, Água Mineral não consta que existe”. Eles acham isso. Água Mineral é um bairro, é um bairro humilde, mas é um bairro. Aqui tem muita pouca ajuda de projeto social, o primeiro foi o Bases (Bases de Apoio, projeto desenvolvido em parceria pelo Instituto Promundo e CIESPI), que ajudou muito a comunidade e agora com o Bases está vindo outros, aos poucos estão vindo outros, vai ajudar muito, porque a coisa mais difícil já foi feita, que foi colocar, depois que um vem, depois vem outro e outro...aos poucos as pessoas vão começar a ver as coisas funcionando. Quando você chegou aqui, não se você... quando o bases chegou aqui a comunidade era de um jeito, nesses dois anos ela já é de outro jeito.

I – E como que era e como está ficando?

R – É uma comunidade muito fechada, aqui é um lugar muito bonito, isso aqui sempre enche os olhos de quem vê pelo verde que ela tem, que se destaca da cidade, com muito prédio, muita fumaça, aqui não tem isso, tem muito verde, tem muita beleza. As pessoas são acolhedoras, elas sabem te ajudar, se você não tiver passando bem elas vão te oferecer um copo d'água, se você fizer uma pesquisa elas vão te atender. Quando eu tava fazendo o baseline do Bases eles chegavam para mim e diziam assim “ah, desce aqui, vai ser muito bom você vir aqui (...), ah, mas sabe o que acontece, eu não acredito que isso vai conseguir mudar isso aqui não, porque todo mundo vem aqui e promete e ninguém faz nada”. São desacreditadas, já perderam a esperança de que podem melhorar. Elas não sabem mais a quem elas podem recorrer, o que pode acontecer com elas. Você pode perceber que tem gente que apanha calado, que sofrem maus tratos na boa, mas elas não sabem, elas não chegam e falam porque falar...elas podem ficar mal faladas “olha a que apanha do marido”. Daí elas acabam excluídas mesmo (ou se excluindo mesmo?). ficam presas no seu próprio mundo, aquele mundinho ali, entre quatro paredes, ou aquele seu mundinho ali, aquele pedacinho e não abrem a sua cabeça para as coisas que acontecem, para as suas expectativas, são quase que assassinadas, elas vivem, seu corpo ...(forma física), mas seus sonhos, já morreram, já não têm mais o que fazer. As fotos, tudo que eu quis mostrar nas fotos foi a desigualdade social, as pessoas não acreditam, mas existe muito. A beleza que Água Mineral tem, com o verde. O que Água Mineral tem de bom, que pode fazer com que tudo isso mude, são as crianças. Aqui ó, são crianças que moram completamente diferente, extremamente longe, norte e sul, aqui.

I – o que tu está chamando de norte e sul?

R – Isso aqui. As crianças aqui, cá pra cima, sul, pra baixo, norte.

I – É uma questão de localização?

R – Localização. Crianças que nunca se viram, com certeza, mas que são muito parecidas.

I – no que elas se parecem?

R – Pelo jeito de ser, de viver, de sonhar, porque elas ainda não tiveram seus sonhos mortos, elas ainda têm esperança de conseguir algo melhor, se não investir, se não tiver alguém para investir, para ajudar, para fortalecer, vai continuar sendo o que é hoje, uma comunidade em que ninguém luta, que não sabe reivindicar, uma comunidade infeliz, oprimida...

A história de Água Mineral, que ninguém sabe... pobreza, ficou registrado nesta foto com clareza aqui nesta foto também, vou colocar aqui perto, fazer tipo um destaque aqui. Como eu falei, norte e sul, a parte de cima de Água Mineral, a parte de baixo de Água Mineral, o norte. Se você parar para ver num todo, essa comunidade parece muito, a vida das pessoas (..) têm os mesmos costumes, os mesmos hábitos, a mesma maneira de pensar, mesma maneira de agir... triste. A alegria que você vê em Água Mineral vem das crianças, vem de algumas pessoas que ainda acreditam que as coisas podem mudar, algumas pessoas que ainda tem uma expectativa de vida, tem esclarecimento, muito pouco, às vezes conhecimento nenhum (?), mas uma vontade muito grande de mudar, de fazer com que as coisas mudem.

(...)

I – Essa experiência de fotografar a comunidade, sair, tu disse que andou por lugares que tu não tinha andado ainda, o que significou pra ti fotografar a tua comunidade, estar com a máquina fotográfica na mão, escolher essas imagens aqui?

R – Significou muita coisa porque eu não esperava que eu fosse aprender tanto em um dia, eu nunca esperei, eu nunca esperava ver o que eu vi, eu falava de Água Mineral como um todo, o que eu pensava de verdade era uma linha, a rua principal com sub ruas, mas o bairro é essa linha reta. Quando eu comecei a ....e eu já tinha feito entrevistas, até no meio da rua, mas eu nunca subi a comunidade inteira, eu não sabia que lá para trás existia isso aqui, isso aqui..

I – isso aqui, isso aqui é o quê? Eu estou te pedindo para pontuar porque a gente ta vendo, mas depois eu vou ouvir...

R – Eu não sabia que tinha essas famílias tão pobres, tinha esses lugares muito bonitos. As fotos nem sempre mostram a realidade.

I – O que elas dizem?

R- Por que as vezes você vê uma foto, como essa aqui com o menininho na árvore, você ta achando que ele ta brincando, que ele vive num lugar tranquilo, num lugar bom, mas subindo lá a pobreza que ele vive, que está em volta dele, as coisas que colocam nele (?), as questões que colocam esse garoto são muito grandes, são como todas essas crianças que estão aqui, todas essas famílias que estão aqui, todas elas, porque eles estão vivendo num mundo em que a pobreza manda, a pouca oportunidade de vida, qualidade de vida quase zero, expectativa



de vida quase que nenhuma porque as pessoas que querem ajudar são pessoas pouco instruídas, são pessoas que não sabem nada de educação porque foi criada errada e quem foi criada errada vive errada também. E com isso não tem expectativas, já perderam os sonhos. Só sabem... os grandes, só fazem as coisas por fazer ou por obrigação, já perderam o amor por tudo que eles tinham que fazer, “ah, eu amo o meu filho”(…) além disso, existem coisas muito mais fundamentais que é o amor, a atenção, o carinho, que muitas dessas crianças não têm, porque a vida impôs isto. Por que os pais têm que estar trabalhando, eles têm que ficar tomando conta é criança tomando conta de criança sozinha. Crianças que ficam trancadas das 7 da manhã às 10 da noite sem por o rosto na rua, “se você sair para a rua você vai apanhar”, “se você mexer nisso, (??) com você”, sonhos, vai matando aos poucos a esperança da pessoa e eu só peguei as crianças porque elas mostram um pouco da felicidade de Água Mineral, porque se não fosse elas isso aqui seria um grande cemitério, um monte de mortos vivos andando. Então foi isso. Pessoas mortas vivas andando, comem, bebem, trabalham, tudo por fazer, não tem alegria de viver. Buscam a alegria na bebida, na cachaça, no álcool para esquecer sua vida de verdade, cada dia é apenas mais um dia que eles têm para fazer as mesmas coisas. Só isso. Hoje, o que eu tenho para fazer hoje é a mesma coisa que eu fiz ontem, que eu fiz antes de ontem e que eu vou fazer amanhã e depois de amanhã, vou fazer por fazer, porque eu tenho que fazer. As pessoas perderam a vontade, “vou fazer isso porque eu gosto, porque vai me fazer bem. Eu vou fazer porque eu tenho que fazer”. São várias as coisas que eu questiono, “por que que tem que ser assim?” ou “por que as coisas são assim?”

I – Estas coisa tu começaste a pensar neste processo?

R - Por que? Eu tinha a cabeça assim “ah eu trabalho em projeto social, eu quero fazer o melhor para a comunidade, eu sempre quis fazer porque eu sempre gostei de ajudar, eu sempre gostei, sempre gostei de trabalhar com crianças, sempre gostei mesmo. Não é só ali (no projeto que estava envolvido) que eu sou líder e trabalho com criança e adolescente, sou líder na minha igreja, de adolescentes, na minha escola sou diretor do grêmio, trabalho diretamente com crianças, adolescentes. Faço isso, muito porque, não por obrigação, mas porque eu gosto. As pessoas esqueceram o gostar, fazem por obrigação. Eu comecei a ver a cabeça das pessoas quando eu cheguei aqui, com as fotos, você chega num lugar, numa parte da comunidade você vê vizinho conversando com vizinho, batendo papo,

vizinho indo na casa de vizinho almoçar, outro vizinho indo no vizinho bater papo, ver foto, um monte de coisas. Na outra parte da comunidade, portas fechadas, muros separando casas e... um lugar onde as pessoas não se conhecem, estão a dez passos umas das outras, nunca se viram, nunca se falaram, não sabem nem o nome se bobear.

E isso tudo é Água Mineral, um lugar tão pequeno, com a qualidade de vida tão baixa, com uma cultura fenomenal, com uma história muito linda que ninguém conhece... ninguém conhece.

I – Dessas fotos aqui, em torno de 20. Quais são as tuas escolhidas? A gente vai falar mais delas. A gente vai falar mais especificamente delas, da foto em si.

(escolhe as fotos, analisando cada uma)

R – Três fotos. As que marcaram todo o trabalho.

I – De que forma marcou o trabalho?

R – São as fotos que mais mexeram comigo, que mais me fizeram olhar as coisas e a comunidade como ela realmente é. Uma comunidade muito sofrida, muito desacreditada. E pensar que na mesma comunidade a gente tem casas como essa (uma casa grande), muito bonitas, grandes, luxuosas, há casas assim de madeira, de pau a pique, pessoas que com certeza quase passam fome, se não passam fome, muito triste, muito triste mesmo, essas crianças que vivem em extrema pobreza, mas muito carinhosas, muito acolhedoras. Que tinham tudo para ser pessoas perturbadas, transtornadas e que ainda continuam sonhando, que ainda tem a alegria de viver, isso que me encanta nas crianças, essa magia, às vezes eu fico me perguntando o que leva uma pessoa a cometer um crime, entrar para o mundo das drogas, mas aí eu fiquei pensando “é a falta de sonhar”, é quando ela perde a alegria de viver e o que é para fazer já não importa mais, já não vai mais fazer diferença para ela se ela vai matar, vai roubar, se vai fumar, cheirar, porque as oportunidades que elas tinham já acabou, os sonhos que elas tinham já mataram, já assassinaram, então para ela tanto faz como tanto fez. Ela fazer ou não fazer algo errado.

Esse garotinho, quando eu bati a foto dele, se você olhar aqui, um colega dele, ficou me chamando ainda, pra eu bater a foto e quando eu vi ele com a enxada na mão capinando. Com a enxada na mão capinando, no quintal mesmo.

I – Ele estava trabalhando.

R – Ele estava trabalhando, cerca de 9 anos, 10 anos.

I – Onde estava o teu olhar nesta foto?

R – Meu olhar nesta foto estava aqui, neste garoto. Este aqui falou comigo, eu quis registrar esse garotinho, você pode ver, em cima da árvore eu imaginei vai ficar muito maneiro, vai mostrar o verde de Água Mineral, tem muito verde aí, as casas atrás, vai mostrar, vai dar algum impacto essas casas aqui e esse garotinho trabalhando, porque ele, superfeliz, ele estava lá brincando rindo, trabalhando num sol de pelar em pleno feriado, num sol de rachar a testa, eu já não tava agüentando, só de andar, imagina ele trabalhando, num trabalho braçal.

I – Isso é comum aqui em Água Mineral?

R – lá pra baixo e aqui pra cima é. E essa rua aqui não, aqui ninguém faz nada porque aqui as pessoas são muito “filhinhos de papai”, tem pai e mãe, algumas têm condição de vida boa. Aí lá para baixo, tem muito disso, criança que tem que largar a escola para carregar caixa pesada na CEASA, de manhã, 5h da manhã até 5 horas da tarde, carregando caixa no ombro, ficar limpando o quintal, sem ter o que comer, sem estudar, muitas delas.

Se eu tivesse que escolher, de todas elas, uma foto, a que eu escolheria seria esta aqui, não, estas duas, elas resumem muito o meu trabalho aqui.

I – fala disso.

R – porque mostra a pobreza, aqui vai mostrar a pobreza mesmo, porque Água Mineral precisa de muita ajuda, muita mesmo. (está falando da foto com as crianças no primeiro plano e casas atrás). Se as pessoas pararem de trabalhar, de investir, serão apenas mais famílias que vão viver sem esperança, só irão viver por viver.

I – e nesta foto, onde estava o teu olhar?

R – nas casas atrás. Quando eu faço uma coisa, eu procuro olhar sempre, procuro vê além daquilo que eu to fazendo. Uma vez colocaram a mão na minha frente e perguntaram assim “o que você está vendo?” e uma pessoa falou assim “cinco dedos” e eu falei “não, ta vendo cinco dedos, mas depois dos cinco dedos você ta vendo a mim, quem está do lado de você, um monte de coisas, são cinco dedos virados para cinco pontos e ainda existem mais cinco pontos do lado de cá que você pode olhar que você não está vendo, você tem que olhar sempre além daquilo que estão mostrando para você”. Eu, quando comecei a fazer isso, minha vida melhorou muito, me ajudou muito, porque me fez crescer, toda essa experiência me fez crescer.

I – essa experiência qual?

R – de bater as fotos, de olhar a necessidade das pessoas, o sofrimento que elas passam, a desigualdade, a falta de oportunidade, direto. E a beleza de Água Mineral, o cartão postal de Água Mineral.

I – que é?

R – as matas, os animais. Uma comunidade muito rica, muito bela, mas como eu continuo dizendo, pouco explorada, com poucas oportunidades.

I – a gente falou um pouco de como foi essa experiência para ti, falamos de cada uma das fotos, o que tu quis focar e o que tu quis mostrar em cada uma delas, porque tu escolheu cada uma delas...eu queria saber agora, de ti, se fotografar a comunidade, fotografar Água Mineral transformou o teu modo de olhar para esse lugar, esse lugar onde tu mora?

R – com certeza. Abriu assim, uma janela, que eu acho que mais cedo ou mais tarde se abriria. Só que quando você vai fazer alguma coisa, pensando, “como eu vejo a minha comunidade?”. Essa pergunta me fez despertar para eu ver o que realmente Água Mineral é, o que Água Mineral tem e o que ela precisa ter. Ela precisa, com certeza, da ajuda dos políticos, colocando escola decente aqui dentro, das empresas colocando empresas de ônibus, pro pessoal ir trabalhar, precisa de qualidade de saneamento básico, de água, luz, precisa disso, muito disso. Agora as pessoas também precisam acreditar que elas são capazes, mostrando isso aqui eu vi claramente, é mostrar que elas são capazes, são pessoas extremamente inteligentes, que poderiam, que poderiam não, que podem crescer muito na vida, conquistar muita coisa, mas só depende delas. Se botarem na cabeça delas que elas são capazes e reivindicar por aquilo, lutar por aquilo, não vai ter ninguém que vai parar essa comunidade, ela vai crescer muito. Aí sim, eu vejo o dia que ela vai poder entrar no mapa. Que ela vai entrar no mapa mesmo, fisicamente. Mesmo que as pessoas não queiram, colocar no papel, mas ela vai entrar no mapa. Não pelo espaço físico, geográfico, mas pelo espaço físico que vai ocupar na cabeça das pessoas, “aqui é Água Mineral”. Não é Colubandê, nem Rocha.

I – como tu acha que água Mineral é vista por quem não mora aqui, porque a gente ta falando até agora...

R – de quem mora aqui.

I – isso, de quem mora aqui. E quem não mora aqui ?

R – quem não mora aqui, chega aqui e vai achar que aqui é um lugar muito bonito, muito calmo. E por ser bonito e calmo, você não vê a violência direta, física, que nem tá acostumado a ver em outros lugares, as pessoas vão achar que aqui é o melhor lugar do mundo para se morar, que aqui é o melhor lugar do mundo para se conversar, para se viver, andar, pra brincar, vão achar isso. Vão achar que não vão precisar de muita coisa. Vão achar que tanto faz o trabalho que ela vão fazer aqui, que vai ser rápido, que não vai ter muito trabalho, que as coisas serão fáceis e que vão fazer um trabalho de mobilização, vão mobilizar as pessoas porque vai ser fácil. As pessoas pensam assim. Um lugar calmo, muito calmo, não precisa de quase nada, muito bonito, muito tranquilo, mas se morassem aqui e vivessem aqui um pouquinho, elas veriam o que a comunidade tem, parariam de falar besteira, muita besteira que falam. Falar que Água Mineral não tem favela, não tem tráfico, que Água Mineral não tem prostituição. Tem. Só que é escondido. Falam que Água Mineral não é uma comunidade violenta e que as pessoas vivem extremamente bem, não tem tanto maus tratos físicos, mas tem maus tratos na sua mente, psicologicamente muito grandes, são pessoas oprimidas, são pessoas transtornadas, infelizes.

I – e uma pergunta que me surgiu a partir da tua fala. Algumas pessoas que te vêem fotografar, pedem para ser fotografadas. O que tu pensa que as pessoas querem com isso?

R – eu acho que elas querem se mostrar, aparecer, se fazer presente. “eu estou aqui, me olha, me enxerga, eu não sou um nada”. Elas queriam se mostrar. Aqui tem dois casos completamente opostos, as que eu pedi para fotografar e as que me pediram para fotografar.

I – Mas a reação foi diferente?

R - foi a mesma. Na hora de bater a foto. Você vê, as crianças aqui, elas estão com ar de felicidade muito grande. Porque elas estão sendo vistas. “olha o tio tá vindo aqui tirar foto da gente”, tão se mostrando. Tem uma foto de uma mãe também, quando eu falei “posso tirar uma foto?” ela deixou as crianças e saiu, deixou só as crianças para bater a foto, ficou de lado. “eu falei não, pode aparecer”. “eu posso? Não vai estragar o seu trabalho, não?” assim mesmo. Acho que elas querem e precisam se mostrar. Essa é a questão histórica de Água Mineral. As pessoas querem, mas não sabem como fazer e desistem no meio do caminho. Param no meio do caminho.

I – o que isso tem a ver com a história de Água Mineral?

R – porque Água Mineral é muito pobre, pobre no Brasil, você sabe que não tem vez, pobre não tem vez. A história de Água Mineral é a história de um povo que se formou no meio de dois bairros, pobres. E por se formar no meio desses dois bairros pobres, é mais pobre ainda, que os bairros que cercam você. A perspectiva de vida, nenhuma. Aqui dentro só tem mercadinho bem pequenininho mesmo, de casa, porque se as pessoas vão comprar alguma coisa tem que sair para fora. Aqui tem muita exclusão social. Aqui se você botar uma pessoa na frente do computador “caramba, que isso?!”, elas se surpreendem. A história de Água Mineral é uma história triste e oprimida, que, sei lá, eu tenho pra mim, uma vez a minha mãe falou quando eu era pequeno, ela vive falando isso, que é para eu parar de pensar assim, que era para eu pensar mais em mim mesmo porque eu nunca ia conseguir mudar o mundo, eu nunca ia conseguir ajudar todo mundo e que quem quer ajudar as pessoas, normalmente só passam elas para trás e não têm seu trabalho reconhecido. E quando eu ouvi isso, eu ignorei, ignorei completamente isso. Eu posso não mudar o mundo, mas eu posso mudar o lugar onde eu vivo. Eu posso não ajudar todo mundo, mas eu vou conseguir ajudar alguém. Eu posso nem ter reconhecimento por aquilo que eu fiz, mas só pelo fato de ter ajudado por mim já ta bom.

I – Dessas fotos, as escolhidas, que tu desse nome para cada uma dessas fotos, pode colocar atrás. Dá um nome para cada uma das fotos.

R – criar um nome? Pode ser qualquer nome?

I – Qualquer nome.

(Ele olha as fotos, pensa..... e decide)

I – me apresenta as fotos então.

R – a primeira é o cartão postal de Água Mineral. Depois eu coloquei a força de Água Mineral, são as crianças. Depois a esperança. Aqui vai se apresentar a oportunidade.

I – aqui mora uma família? (foto de uma casa grande, de dois andares, várias peças, de material)

Ele diz que sim.

R - e por último a falta de oportunidade.

I – Aqui também mora uma família.(foto de uma casa pequena, feita de madeira, mal conservada)

R – Moram várias.

I – Tem mais alguma coisa que tu queira comentar, me dizer sobre essa experiência...

R - Foi muito bom fazer esse trabalho, bom demais, eu não esperava ter o retorno que eu tive, tão rápido, de aprender tanta coisa. A gente nunca para de aprender, a gente é como um computador. Eu aprendi um pouco mais sobre onde eu moro, vi a comunidade mais de perto. Se um dia você quiser, eu te levo lá!

I – Obrigada.

## Douglas

I – Antes da gente começar a conversar, eu queria te pedir para falar um pouco de como foi o teu processo, desde a hora que eu te fiz o convite, o que te ocorreu, estar com a máquina na mão, escolher as fotos e esperar por elas para a gente depois poder falar um pouco mais sobre cada uma delas....

D – Ah, eu achei legal assim, eu percebi que tem várias coisas que têm nesse lugar....então achei interessante porque eu pude mostrar como que eu vejo a comunidade, com meus olhos. Então têm várias coisas assim, umas que agradam a todos, outras que não. Tem rua esburacada, uma metade asfaltada outra não na mesma rua, água escorrendo, vazando no meio da rua, esgoto e também mostrar como que tem criança que brinca aqui na rua.

Aqui eu mostrei as crianças brincando na rua, aí aqui eu já quis mostrar assim a parte da Associação, mas do alto, com a rua principal com um pedaço da mata e as casas, ainda pegou essa pedra. Eu quis mostrar isso, mas do alto. Aqui também, só que na parte da minha rua, olhando aqui de cima, no meu terreno, a parte da minha rua, essa aqui é a minha rua. E o morro que é bonito, em Água Mineral.

Aqui já é o problema da água limpa, água potável para beber vazando no meio da rua, sendo desperdiçada.

I – Como é, essa é a água que vocês bebem?

D - Sim, tá vazando, cano furado. Tem um cano furado ali na rua, embaixo do cimento, no asfalto. Furou o cano ali, aí tem muita gente que tá sem água aqui, só sobe por causa da bomba que tem, aqui no começo, aí lá para cima que joga (...)

E aqui esta vala negra no meio da rua.

I – Onde é isso?

D- Aqui na minha rua mesmo. Aqui, olha terminou o asfalto, é mais lá para cima, a vala a céu aberto. E aqui eu quis mostrar que lá, a rua que está asfaltada pára aqui, aí no meio fica um buraco sem asfalto, aqui começa e é asfaltada, só esta parte que não, mas pra cá tá tudo asfaltado do outro lado da rua.

I – Por que isso acontece?

D – Por causa que quando foram asfaltar a rua, foi mutirão, aí as pessoas que quiseram ajudar, asfaltaram tudo com todo mundo ajudando, aí por exemplo os dali de cima ajudaram os de baixo, mas os daqui não ajudaram, aí eles colocaram asfalto só lá em cima.



I – Então tem asfalto só onde as pessoas ajudaram. Quem não ajudou não ficou com asfalto?

D – É, o pessoal não ajudou e ficou assim.

E essa aqui foi lá pro outro lado da minha rua aqui, peguei uma parte do Colubandê todo, tem o Makro, a torre do Makro, pegando um pouco do CIEP, o morro, aqui é outra rua com a comunidade que fica lá na frente do CIEP, Água Mineral mesmo. Aqui pega esse(...) chamado muito de Água Mineral, Colubandê. E aqui também, como te falei, da parte asfaltada, aqui dá para ver melhor, aqui asfaltada, aqui não é, e tem esse buraco no meio.

I – Então aqui teve mutirão para asfaltar a rua. Só na tua rua ou em mais ruas?

D - Não, várias ruas, na da associação, várias ruas.

I – Ou seja, dependeu de vocês, de quem mora aqui em Água Mineral para asfaltar as ruas.

D – É, apesar de que nessa rua eles prometeram, não vieram, não cumpriram, começaram com a nossa, aí depois eles iam passar para lá, mas aí passou a eleição eles pararam.

I – Prometeram, quem prometeu?

D – A prefeita... os candidatos a prefeito. Aí pararam.

E tem um buraco aqui na rua, um pouco mais abaixo, porque para fazer um conserto, estourou um cano de água, e assim deixaram, a vala descendo, e o cano de água vazando.

I – Conserta uma coisa e estraga outra...

D – É...

Aqui, um pouco da mata, que Água Mineral tem, que tem coisa bonita também, não só coisa ruim, entendeu?

E esta aqui é a rua que te falei, que prometeram asfaltar e não asfaltaram, nesta viradinha aqui, Rua Maria Cristina. Asfaltaram só um pouquinho, quem olha lá de baixo acha que é tudo, mas é só este pedacinho aqui...

Aqui já é a rua principal, que vai lá embaixo, onde passam os ônibus, fotografei pra ver como é a rua, né, a condição em que ela está, com vala aberta, mas é a rua principal, a Rua Salvatori...

E aqui, é aquela que prometeram botar asfalto duplo, do posto.... até aqui, mas não asfaltaram, aí ficou assim mesmo. Olhando assim parece que é asfaltada? Mas não é... só até aqui, só um pedaço...

I – Ou seja, a rua principal, que é asfaltada, aí tem uma entrada que não está, numa entrada pra outra rua, aí ela começa a ficar asfaltada, aí ela deixa de ser asfaltada...

D – É, uma confusão!...

E aqui, ... quem vem morar aqui, a rua tá neste estado, com vala negra aberta, quando chove enche, mas não chega a transbordar muito não, só chuva forte mesmo...

I – E como é o acesso?

D – Tem esta ponte aqui, pra estas casas... aqui já fica mais difícil, aqui não tem ponte, porque o esgoto fica aqui... encontrando o valão...

E aqui é o CIEP, a rua Salvatori, a principal, e o CIEP ...

Aqui, mais pra baixo do CIEP, mais olhando pro morro, que fica em frente, com Horto, aqui pra dentro é o Horto... aí eu tirei a foto, pegando um pouco das casas, esse morro todo, mas não tem numeração... é até meio perigoso aí, tem várias pessoas que mandam aí dentro... é perigoso mesmo.

I – Perigoso como?

D – Por estupro, assalto.

Aqui é a rua principal, pegando um morro, o morro em frente ao CIEP, a rua Salvatori...

Essa aqui é o Horto, peguei pra mostrar o Horto.

Aqui pegando uma parte da rua Salvatori, uma parte perigosa, uma curva, já aconteceram vários acidentes aqui e de novo um pouco do Morro.

I – O morro é bem importante pra vocês aqui, não?

D – É, bem importante, todo mundo gosta muito do morro...

I – O que tem nele, o que faz as pessoas gostarem?

D – É só a vista mesmo, acordar e dar de cara com esse morro, assim, é bem lindo, bem lindo... ainda mais quando está um dia ensolarado...

E aqui também, um pouco das casas, em contraste com o morro e o sol, e um pouco destas plantações.

Pensei em pegar um pouco da minha rua com as crianças brincando...

I – E onde está o teu olhar aqui nesta fotografia?

D – Nas crianças brincando, assim do jeito deles, sei lá, as crianças deveriam ter algo melhor pra brincar, aqui na comunidade...

I – Tu achas que elas deveriam ter algo melhor pra brincarem...

D – É, um parquinho, pra se divertir...

Aqui eu quis pegar a rua na direção do meu terreno pra baixo, em contraste com o morro, e em seguida essa rua aí no meio, asfaltada.

Aqui tem uns carros que estão abandonados, ficam aí na rua, abandonados. Cria mato, dá bichos...

I – Quem abandona estes carros?

D – Os próprios moradores mesmo, compram carro novo, e deixam o velho aí na rua, sem pneu, só a carcaça mesmo... vários carros abandonados. Na outra rua mesmo que eu te falei também tem muitos...

Aqui a igreja...

I – Qual é a igreja?

D – Assembléia de Deus.

I – Então, tu estás me mostrando aí um panorama geral. Vamos dizer assim, o que Água Mineral tem... que faz dela o que ela é. Agora, se tu tivesse que, olhando as fotos, dizer como é Água Mineral pra ti, o que ela é pra ti?

D – Pra mim é uma comunidade legal, entendeu, só que falta muita coisa pra ela se tornar o ideal...

I – E o que ela falta pra se tornar ideal?

D – Ter saneamento básico, mais atenção da prefeitura, mais lazer pras crianças, pra nós mesmos, os jovens, mais ônibus, água, iluminação, que é bastante precária, e.... tantas coisas mais que faltam pra melhorar...

I – Tu estás destacando bastante as belezas de Água Mineral, o verde, os morros, da alegria de acordar pela manhã e ver esta natureza... contrastando com este abandono do governo, da prefeitura. Uma coisa meio disfarçada, estes asfaltos até uns pedaços, que não seguem adiante....

D – E na Prefeitura consta que tudo foi asfaltado, por exemplo. Aqui não é asfaltado, mas lá tá como asfaltado. Tem um caderno lá com o nome das ruas, e consta que tá asfaltado... Tu vai cobrar os teus direitos, por exemplo, pra asfaltar, e lá diz que foi asfaltado, lá na Prefeitura.

I – E lá na prefeitura tá cadastrado como o quê? Como Água Mineral? Colubandê?

D – Acho que como Colubandê, mesmo...

I – Ou seja, vocês não podem reivindicar...

D – É porque lá já consta como asfaltado.

I – Quem já fez isso, de ver esta situação?

D – O pessoal das ruas aqui mesmo, da rua Gilberto, por exemplo, ali de cima, consta que já foi asfaltada.

I – E não é?

D – E não é... E várias ruas....

I – E por que tu achas que isso acontece?

D – Ah, eu acho que, assim, por exemplo, terminando o mandato e eles colocam lá que foi asfaltada, pra prestar contas e depois fala que tá asfaltada, e não tá asfaltada... só pra prestar contas mesmo com a prefeitura...

I – Pelo que tu estas falando, tem um olhar meio descuidado, da prefeitura, pra este lugar, pra esta comunidade...

D – Com certeza....

I – Então como é que vocês lidam com esta questão de viver num lugar que não recebe uma atenção do governo?

D – Ah, é bastante ruim, muito ruim. Saber, por exemplo, que você não existe... pra eles. Porque olhando pra estas fotos aqui logo vem na cabeça que você não existe pra eles, que você não é nada, mas.... é erguer a cabeça e cobrar nossos direitos, né, porque deixar assim... mas é muito ruim isso, pensar que você não existe.

I – Como que é ruim?

D – Ah, você olhar assim, e ver o abandono que nós estamos aqui. Todas essas coisas, essa falta de água, falta de luz, de saneamento básico, bastante coisas, é muito ruim...

I – Como tu achas que as pessoas que moram em Água Mineral vêm este lugar?

D – Ah, por exemplo, as pessoas que moram aqui, sabem que é um lugar quieto, calmo, mas assim, eles não gostam muito de morar aqui, tem gente que tem vergonha de falar... “moro em Água Mineral”... porque, lá fora, se botar uma casa pra alugar e botar que é de Água Mineral, aí não aluga. Porque sabem que aqui é um lugar que matam as pessoas, é um lugar de abandono... Dizem, ah, lá não tem nada!... Mas realmente não é assim, eles trazem de outro lugar pra jogar aqui, os corpos, eles “fazem” lá e é aqui que jogam...

I – Lá aonde?

D – Eles matam em outro lugar e vem jogar aqui, por exemplo, neste matagal atrás do morro. Mas agora parou um pouco com isso, por falta de luz, também, não tinha iluminação...

Mas Água Mineral pra gente aqui, as pessoas que eu conheço, as pessoas têm vergonha de falar que moram em Água Mineral. Outras não, mas muitas pessoas têm.

I – A gente tá falando do teu jeito de olhar pra este lugar, agora tu estás falando desta questão das pessoas terem vergonha de dizer que moram aqui, porque é um lugar abandonado, e isso traz preconceitos... Sabendo que Água Mineral sofre desse abandono do governo - é vista por quem não mora aqui de um jeito diferente de quem mora – com é que tu te vês morando neste lugar, como é pra ti, morar neste lugar?

D – Por um lado é bom, por outro é ruim, porque pela opinião das pessoas, como eu te falei, pra eles é ruim, mas pra mim é bom. Mas como eu sou jovem, eu gostaria de ter mais lazer, mas aqui não tem. Aí, eu acostumei, né, a viver aqui... eu preferia algo melhor. É um lugar bom e ruim ao mesmo tempo.

I – Fala mais sobre isso, o que é bom?

D – É bom porque é calmo, tem essa visão dos morros, da mata, aqui é um lugar em que as pessoas ajudam um ao outro, não todo mundo, mas sempre tem os que ajudam. Todo mundo se conhece, todo mundo se fala... E é ruim por causa deste abandono, pela falta de qualidade de vida que se tem aqui, que é uma qualidade muito ruim. Não é péssima, mas também não é boa...

I – E tu gostaria que fosse diferente...

D – É...

I – E este abandono ele fica em alguma coisa mais, pra ti? Na tua vida, no teu jeito de pensar sobre ti, sobre a tua família? Tem alguma influência, digamos assim...

D – É, por exemplo, lá no lugar que eu trabalho, fala: ah, lá em Água Mineral, não vou não... já é um lugar falado, marcou... isso já mexe, né, dá até uma certa vergonha...

I – Como é que foi pra ti, como é que significou pra ti fazer este registro fotográfico da comunidade?

D – Ah, pra mim foi bem legal e muito importante pra comunidade também, poder, uma pessoa jovem, mostrar como vê a comunidade, então achei interessante. Poder fotografar...

I – Tu acha que mudou alguma coisa pra ti?

D – Ah, eu pude botar o meu pensamento pra todo mundo poder ver, assim, por exemplo, você ver, do jeito que eu vejo... isso mudou.

I – Fazer o teu pensamento ficar conhecido... É interessante isso, porque a gente tem muitos pensamentos sobre muitas coisas, mas parece que só quando a gente faz alguma coisa, como fotografar por exemplo, e fala sobre isso, é que as pessoas efetivamente podem ficar conhecendo aquilo que tu pensa...

D – É verdade.

I – Tu tens alguma idéia sobre isso, te ocorreu em algum momento?

D – É, poder mostrar o que eu penso, do jeito que eu vejo, bem interessante.

I – Tu achas que fotografar a comunidade, de alguma maneira, contribuiu ou ajuda as pessoas a conhecerem melhor tanto a comunidade, como a conhecerem melhor a ti mesmo?

D – É, os dois, porque vão poder ver do jeito que eu vejo a comunidade, e também vão poder conhecer a comunidade melhor de outro jeito. (..) Eu pude registrar com meus próprios olhos os jeito que eu queria fotografar.

I – Dessas fotografias todas que estão aqui, tu conseguiria escolher uma ou mais que, pra ti, resumem o que é Água Mineral?

D – Ah, deixa ver.... Esta mata aqui. Porque aqui, falta saneamento básico, esta porque as pessoas conhecem o CIEP, de Água Mineral, o Orto, e o ônibus, que passa aqui, essa que dá pra ver Água Mineral e Colubandê, e essa outra novamente.

I – Tu gostarias de dar um nome pra cada uma das fotos que tu escolheste? Pode colocar atrás.

D – Como assim um nome?

I – Um título pra foto.

D – Descaso... Mentira, ou engano também... essa pode ser engano. Desperdício... A falta...

I – Entendo, esta falta. É muito mais que a falta do transporte, por si só, mas a falta do poder público, mesmo, do cuidado com a comunidade... é o que parece pela tua fala.

D – É.

I – Aqui na tua casa, o endereço é qual?

D – É rua Costa, nº 27 (*trocamos a rua e nº para manter o anonimato do entrevistado*), Colubandê.

I – Colubandê. Não aparece como Água Mineral... O que tu achas disso?

D – Eu acho que.... Água Mineral é mais por causa de um apelido, como as pessoas dizem, aí tem este nome, este apelido, Água Mineral, mas o bairro mesmo é Colubandê. Agora, seria bem legal se mudasse o nome pra Água Mineral, é difícil, né, mas não é impossível...

A insegurança... A beleza... O contraste... Foram quantas? Cinco?

I – Cinco.

D – Tá bom?

I – Tá bom?...

...RISOS...

I – Tem mais alguma que tu acha importante falar, comentar, discutir?

D - ...

I – Como tu acha que as pessoas se sentem morando num lugar, digamos assim, abandonado?

D – Se sentem (*faz expressão de indiferença*) Aqui não tem nada.... Pelo que eu vejo que as pessoas falam, morar num lugar que não tem nada, a pessoa se sente um nada.

I – Tem uma relação direta do lugar não ter nada, não oferecer nada, não receber nada também... com a pessoa se sentir assim.... nada?

D – Ah, acho que isso influencia muito né, não tem nada na comunidade... aí a pessoa tá em outro lugar aí “vamos lá em casa”, aí a pessoa fica até com receio de falar de sobre o lugar. Porque lá não tem nada para poder mostrar para a pessoa, para levar e ainda é mal falado. Se tivesse alguma coisa assim, de educação, aí poderia melhorar essa comunidade, esse lugar.

I – Eu estou achando super interessante porque aparece uma relação clara da forma como é o lugar da gente, o lugar onde a gente mora com a forma como a gente se sente...

D – É mesmo, influencia muito... por exemplo esse morro aí quando a gente acorda assim, isso dá como eu te falei, dá uma alegria na gente, a gente acorda, e nossa!!

I – O que acontece?

D - Ah, sei lá, mexe coma gente, né... É algo, assim, de dentro de cada um mesmo...

I - Então, mais algum comentário, quer falar de alguma foto mais, alguma coisa que esqueceu, passou batido, que tu pensaste enquanto estava fotografando e esqueceu de falar?

D - ...

I - Enquanto tu fotografavas, te ocorria alguma coisa? Como é que foi o fotografar mesmo, sair andando pela comunidade fotografando, isso te fez pensar na comunidade? O que te ocorreu enquanto fotografava?

D - Me deu várias idéias de mostrar como é que é... Achei interessante porque eu é quem estava fotografando... As pessoas perguntavam: tá fotografando? Tá trabalhando num jornal agora? Eu falava: não, é pra uma pesquisa, na comunidade... Então é isso, poder mostrar...

I - Alguém te viu fotografando, então?

D - Várias pessoas.

I - E o que as pessoas comentavam?

D - Ah, por exemplo, nesta parte aqui me perguntaram: vai consertar a rua? (*risos*) Falei: não, tô fazendo uma pesquisa das partes boas da comunidade, das partes ruins... Aí, as pessoas entendiam.

I - Alguém quis aparecer nas fotografias?

D - Ah, todo mundo queria fazer pose, aí eu falava: não, fica natural... (*risos*) tanto é que eles seguiram direitinho...

I - Por que tu achas que eles queriam aparecer nas fotografias?

D - Ah, sei lá, porque gostam né, de aparecer, quando vêm a câmera assim, logo querem aparecer.

I - E alguém te deu sugestões? Tipo, não esquece de fotografar isto ou aquilo? Ou só perguntavam se vai consertar?

D - É, nessa parte aqui perguntaram se ia consertar, aí eu brinquei, foi a Prefeitura que mandou eu vir aqui.... (*risos*) Ah, me deram sugestão de uma vala lá de cima... uma parte que sai a vala pra rua...

I - E pra ti, mudou alguma coisa?

D - Mudou, meu pensamento é de poder mostrar pras pessoas o jeito que eu penso...



Essa aqui é pior, porque tem as casas encostadas no valão, as pessoas passam aí na ponte, é um perigo.

I – Tu gostaria que mais pessoas fizessem esta atividade que tu fizeste?

D – Sim!! Pra poder botar em prática o seu pensamento... Eu te dei a minha opinião aqui, mas a opinião do meu colega pode ser diferente da minha, com certeza vai ser diferente. Vai ter algo que eu não sabia que ele vai poder me mostrar, e eu vou poder entender o jeito que ele pensa.

I – Que interessante...

D – Interessante mesmo, devia ter mais pessoas fotografando, ia ser bem legal.

I – Mais alguma coisa que tu queres falar?

D – Acho que não...

I – Eu estou super satisfeita, achei muito legal o teu trabalho.

D – Gostou?

I – Sim, porque ele respondeu muito sobre as coisas que eu venho pensando, muito obrigado.